

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

GLÓRIA MARIA MAGALHÃES LIMA

**Políticas Públicas Ambientais e Turísticas e a Segregação Socioespacial:
Estudo de Caso do Polo de Ecoturismo de São Paulo**

São Paulo

2022

GLÓRIA MARIA MAGALHÃES LIMA

**POLÍTICAS PÚBLICAS AMBIENTAIS E TURÍSTICAS E A SEGREGAÇÃO
SOCIOESPACIAL: ESTUDO DE CASO DO POLO DE ECOTURISMO DE SÃO PAULO**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado
ao Departamento de Geografia da Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas, da Universidade
de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Bacharel em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia Ariza da Cruz

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L732p Lima, Glória Maria Magalhães
 Políticas Públicas Ambientais e Turísticas e a
 Segregação Socioespacial: Estudo de Caso do Polo de
 Ecoturismo de São Paulo / Glória Maria Magalhães
 Lima; orientadora Rita de Cássia Ariza da Cruz -
 São Paulo, 2022.
 140 f.

 TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
 de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
 Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

 1. Turismo. 2. Polo de Ecoturismo de São Paulo .
 3. Área de Proteção Ambiental (APA). 4. Segregação
 Socioespacial . 5. Meio Ambiente . I. Cruz , Rita de
 Cássia Ariza da , orient. II. Título.

Dedico este trabalho a Adolfo Duarte, mais conhecido como Ferrugem, que nos deixou recentemente.

Capitão, sua trajetória de luta e solidariedade pela população e pelo meio ambiente comovem.

Obrigada por dedicar sua vida em prol de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

A princípio, gostaria de agradecer a minha mãe. Mãe, você é minha inspiração. Por todas as suas lutas e conquistas, foi possível minha chegada até aqui. Obrigada pela vida, pelo apoio e incentivo.

Também agradeço à minha avó e tia, Anaiza e Vilma, por serem os pilares da família.

Murillo, agradeço pela amizade, companheirismo, generosidade e por todo apoio durante esses anos.

Enxergar a Geografia como uma escolha de vida foi possível pela inspiração e paixão passada pelo professor Antônio, o Tom. Professor, obrigada por sempre transmitir bons sentimentos durante suas aulas.

A trajetória no curso de Geografia, apesar dos momentos difíceis, foi repleta de muita alegria. Chamo de sorte o fato do meu caminho cruzar com o de vocês: Kessia, Matheus, Cawan, Day e João. Cada vivência dentro e fora da sala de aula, com vocês, foi uma experiência diferente. Vocês me mostram, a cada dia, que a vida pode ser diferente, mais leve e feliz. Orgulho e amor é o que sinto por todos vocês.

Wal, obrigada pelas palavras e gestos carinhosos e acolhedores no Lemadi.

Fernando e Alex, obrigada por todas as risadas.

Agradeço a minha amiga e colega de trabalho Luana, por todo apoio e aconselhamento, principalmente nessa reta final da graduação.

À minha grande amiga e artista Aline. Suas palavras e arte são capazes de tocar qualquer coração. Agradeço por todo carinho, generosidade e pela amizade que construímos.

A saudade sempre está presente, mas estou muito orgulhosa por você ter seguido seus sonhos, Lilian. Você é sinônimo de coragem! Mesmo longe, sei que torce muito por mim. O sentimento é recíproco.

Agradeço a todos os entrevistados que dedicaram parte do seu tempo para contribuir com este trabalho. Marina, Marivaldo, Lucas e Raquel Duarte, William e Ferrugem, Lucas Lima, Cibele, Raquel Vettori, Adrian, Márcia, Aparecido, Jai, Felipe, Flaviano e Adan. Obrigada por compartilharem seus conhecimentos e sentimentos de forma tão sincera. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

Por fim, agradeço à minha orientadora Rita, por trazer novas visões sobre o Turismo à Geografia. Obrigada por sempre estar à disposição, pelos ensinamentos e aconselhamentos ao longo de toda a graduação.

“Precisamos repensar como reestruturamos a cidade. A gente tem uma maneira de pensar que é acreditar na cura da cidade a partir das bordas e ressignificar a palavra periferia. [...] Periferia é vida, é cura. Quando a gente sacar isso, a gente avança”.

Jai, morador da Ilha do Bororé, 2022.

RESUMO

O Polo de Ecoturismo de São Paulo foi criado no ano de 2014, fruto da demanda das populações locais envolvidas com a atividade turística. Ao refletirmos sobre o fato de que a zona Sul de São Paulo, ao longo dos anos, foi alvo da aplicação de políticas públicas voltadas à proteção do meio ambiente, esta pesquisa teve como objetivo verificar a relação existente entre a implantação de políticas públicas ligadas tanto à proteção da natureza, quanto a legitimação das atividades turísticas e a promoção da desigualdade socioespacial.

Para um melhor entendimento desta possível relação existente, além da revisão bibliográfica acerca de como o turismo desenvolveu-se como atividade econômica organizada, fora necessário analisar os Planos de Manejo das Áreas de Proteção Ambiental Capivari-Monos e Bororé-Colônia, localizadas no extremo Sul da cidade de São Paulo, bem como o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Polo de Ecoturismo. Ademais, para um maior enriquecimento das discussões, fora necessário ouvir alguns dos agentes locais que estão inseridos na lógica de transformações no espaço, causadas pelo turismo.

Palavras-chave: Turismo, Ecoturismo; Área de Proteção Ambiental; Políticas Públicas; Polo de Ecoturismo de São Paulo; Meio Ambiente; Zona Sul de São Paulo; Segregação Socioespacial.

ABSTRACT

The São Paulo Ecotourism Pole was created in 2014, as a result of the demand of the local regions involved in tourism. By showing the fact that a southern area of São Paulo, along the targets of the application of environmental policies, reflects on the protection of the environment, this research aimed to verify the relationship between a disclosure of shared public policies and the protection of the environment, of nature, regarding the legitimacy of tourist activities and the promotion of socio-spatial inequality.

For a better review of the understanding of this possible relationship, in addition to the approach of organized economic activity, in addition to the approach of organized economic tourism, it is necessary to analyze the Area Plan of Capivari-Monos and Bororé-Colônia located in the extreme south of the city of São Paulo, as well as the Sustainable Development Plan for the Ecotourism Hub. In addition, for a greater number of local processes, for a greater number of local processes that are inserted in the logic of expansion in space, one by tourism.

Key-Words: Tourism, Ecotourism; Environmental Protection Area; Public Policy; São Paulo Ecotourism Pole; Environment; South Zone of São Paulo; Sociospatial Segregation.

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1: Evolução da duração da semana de trabalho nos EUA, entre os anos de 1840 - 1970..... | 17 |
| Figura 2: A evolução do turismo mundial entre os anos 1950 - 1990..... | 18 |
| Figura 3: “O Turismo tem visto uma expansão contínua ao longo do tempo, apesar de choques ocasionais, demonstrando a força e resiliência do setor”..... | 23 |
| Figura 4: “População mundial afetada por vistos entre os anos 1980 - 2018”..... | 24 |
| Figura 5: “Meios e propósitos das viagens”..... | 25 |
| Figura 6: Mapa de busca dos atrativos turísticos da plataforma Sampa+Rural..... | 58 |
| Figura 7: Cachoeira do Jamil, identificada de forma equivocada em site de buscas..... | 64 |

Lista de Gráficos

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Receita, Despesas, Superávit/Déficit do turismo brasileiro entre os anos de 1990 - 2019..... | 28 |
| Gráfico 2: Origem dos turistas internacionais - por continentes - ano base 2019..... | 29 |
| Gráfico 3: Dados da origem dos turistas da América do Sul que visitaram o Brasil no ano de 2019..... | 29 |
| Gráfico 4: Os principais modais de transporte utilizados pelos turistas da América do Sul em direção ao Brasil..... | 30 |
| Gráfico 5: Motivação da viagem à cidade de São Paulo no ano de 2018..... | 33 |

Lista de Mapas

| | |
|---|----|
| Mapa 1: Mapa da distribuição dos atrativos turísticos na cidade de São Paulo..... | 34 |
| Mapa 2: Área abrangida pela APA Bororé e da distribuição das áreas urbanas e rural - bairro Colônia..... | 45 |
| Mapa 3: Área da APA Capivari - Mano e sobreposição de Unidades de Conservação..... | 49 |
| Mapa 4: Informações acerca da dimensão e de alguns dos atrativos turísticos do Polo de Ecoturismo de São Paulo..... | 52 |

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Dados acerca da distribuição das populações dos Distritos Grajaú e Parelheiros entre áreas urbanas e rurais..... | 45 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 11 |
| 1. Uso e Consumo do Espaço: Uma abordagem Geográfica do Turismo | 13 |
| 1.1 A evolução do Turismo no mundo | 15 |
| 1.2 O Turismo no Mundo nos Dias Atuais | 22 |
| 1.3 O Turismo no Brasil | 26 |
| 1.4 O Turismo em São Paulo | 31 |
| 2. O Polo de Ecoturismo de São Paulo | 35 |
| 2.1 O conceito de Ecoturismo | 35 |
| 2.2 Zona Sul de São Paulo: Zona de interesse ambiental e turístico | 37 |
| 2.3 Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia | 42 |
| 2.4 Área de Proteção Ambiental Capivari-Monos | 46 |
| 2.5 O Polo de Ecoturismo de São Paulo | 49 |
| 3. Percepções sobre o Polo de Ecoturismo de São Paulo | 54 |
| 3.1 Visões dos Agentes Locais | 55 |
| 4. Considerações Finais | 84 |
| 5. Referências | 92 |
| Anexo - Roteiro e Transcrição das Entrevistas | 99 |
| Anexo 1 - Roteiro de Perguntas | 99 |
| Anexo 2 - Entrevista - Parelheiros Turístico | 99 |
| Anexo 3 - Entrevista - Planta Feliz | 104 |
| Anexo 4 - Entrevista - Empresa Náutica Vivant SP | 110 |
| Anexo 5 - Entrevista - Empresa SelvaSP | 114 |
| Anexo 6 - Entrevista - Grupo Capivari Manos | 119 |
| Anexo 7 - Entrevista Casa Ecoativa e Café na Mata | 126 |
| Anexo 8 - Entrevista - Agência Toca da Onça e Jardineira I | 132 |
| Anexo 9 - Entrevista - Organização Colônia Fest | 134 |
| Anexo 10 - Entrevista - Meninos da Billings | 136 |
| Anexo 11 - Entrevista - Agência Toca da Onça e Jardineira II | 137 |

Introdução

O Polo de Ecoturismo de São Paulo, localizado no extremo da Zona Sul da capital, entre os distritos de Parelheiros, Marsilac e o bairro da Ilha do Bororé, fora criado a partir da aprovação da Lei Municipal 15.953 do ano de 2014, com os objetivos principais de impulsionar a preservação ambiental e fortalecer a atividade de ecoturismo como promotora de desenvolvimento econômico e social nesses distritos.

A zona sul de São Paulo ao longo dos anos, como será exposto neste trabalho, foi objeto da promulgação de políticas públicas voltadas à proteção ambiental e, mais tarde, à fomentação da atividade turística, sob o discurso de gerar renda concomitantemente à preservação ambiental. Por tratar-se de uma área de grande adensamento populacional em periferias, em decorrência do processo de urbanização da cidade de São Paulo, o ideal de promover o desenvolvimento econômico a partir do turismo aparece como uma alternativa pertinente.

Ao refletirmos acerca dos processos que levaram à formação do Polo de Ecoturismo no extremo sul da cidade, nos cabem alguns questionamentos acerca de como políticas públicas ambientais e turísticas, ao serem aplicadas em determinada localidade, podem contribuir com a segregação socioespacial e, conseqüentemente, com a desigualdade dos níveis sociais nessas áreas.

Assim sendo, o presente trabalho teve como objetivo principal analisar se e como políticas públicas ambientais e turísticas podem contribuir com a segregação socioespacial e, de que maneira, podem afetar a desigualdade dos níveis sociais nas áreas em que foram aplicadas.

Para tanto, os caminhos metodológicos de pesquisa fundamentaram-se em revisão bibliográfica de textos e obras relacionadas ao assunto tratado, entrevistas com agentes que compõem e participam das atividades econômicas ligadas ao Polo de Ecoturismo – o roteiro das entrevistas e as transcrições das mesmas encontram-se em Anexo. Ademais, foram realizados 4 trabalhos de campo, a fim de verificar como se dá a organização das atividades voltadas ao ecoturismo, principalmente.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, são abordados a conceituação teórica do turismo enquanto atividade econômica e organizada; o surgimento e desenvolvimento do turismo no mundo, iniciando pelo turismo de massa e as segmentações,

com foco no surgimento do turismo sustentável; em seguida, são expostos alguns dos dados disponibilizados por órgãos mundiais voltados à atividade turística, demonstrando a importância do turismo para a economia mundial e ainda, são abordados dados nacionais, com foco no desenvolvimento do turismo no Brasil e na cidade de São Paulo.

O capítulo 2 inicia-se com a discussão acerca do conceito de Ecoturismo. Em seguida, são apresentadas informações históricas, físico-naturais e humanas das Áreas de Proteção Ambiental Bororé-Colônia (APA - BC) e Capivari-Monos (APA - CM), e do Polo de Ecoturismo de São Paulo.

Por fim, o terceiro capítulo foi escrito com o objetivo de dar voz a alguns dos protagonistas que fazem parte do Polo de Ecoturismo. Para isso, encontra-se a descrição dos trabalhos de campo e comentários pertinentes à discussão das entrevistas, realizados com o intuito de adquirir uma melhor compreensão da forma como o Polo de Ecoturismo surgiu e os desdobramentos da sua implantação.

O estudo da atividade turística sob o olhar crítico da Geografia é uma tarefa um tanto complexa, pois o turismo é responsável por impulsionar transformações no espaço, sob o discurso de promover desenvolvimento socioeconômico, a partir da geração de empregos e renda. Entretanto, essas mesmas transformações podem promover alterações nos estilos de vida das populações que ali se encontram, afetando-as de forma positiva ou negativa. A escolha deste objeto de estudo vem, a princípio, de um intenso sentimento de curiosidade acerca das atividades ecoturísticas que ocorrem no estado de São Paulo e, em seguida, de uma aprazível descoberta da existência do Polo de Ecoturismo de São Paulo.

1. Uso e Consumo do Espaço: Uma abordagem Geográfica do Turismo

O turismo está inserido no contexto de produção do espaço, em decorrência do processo de acumulação capitalista ao reproduzir as relações sociais de produção, aproveitando-se do universo de significados - fictício ou real (CARLOS, p. 27). O interesse da Geografia no estudo do turismo reflete a relevância desta atividade nos âmbitos social, político, econômico e cultural, na medida em que se apresenta como uma manifestação moderna do uso do tempo e da produção do espaço.

Esta atividade apresenta-se como um importante setor da economia, uma vez que contempla diferentes tipos de serviços e materializa-se no espaço, produzindo e consumindo infraestruturas e serviços voltados estritamente para a prossecução da atividade turística. Tais infraestruturas podem ser resultantes de políticas urbanas promovidas pelo Estado ou de parceria com a iniciativa privada.

Com as transformações nas estruturas produtivas, ocorridas ao longo do desenvolvimento do modo de reprodução capitalista, verificou-se, de um modo geral, uma redução no número de empregos industriais e então, o turismo, como atividade econômica, despontou-se como a salvação das economias locais, revelando-se uma estratégia da acumulação de capital (CARLOS, p. 28).

O turismo, enquanto atividade econômica organizada, promove uma série de intervenções espaciais. Em meados do século XIX, para se exercer essa atividade, eram utilizadas infraestruturas urbanas já criadas para diferentes usos (como as ferrovias e hidrovias para o transporte de cargas). Todavia, conforme foi se desenvolvendo, o turismo passou a mobilizar planejamento, políticas públicas e investimentos, bem como interferir efetivamente na ordenação do território.

O turismo introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico (SILVA, 2012, p.49)

Tal interferência decorre do fato de que o turismo consome, necessariamente, o espaço, ou seja, trata-se do consumo de um produto que é fixo e que sujeita o consumidor a deslocar-se ao encontro desse produto. A característica de “fixidez” é essencial para compreendermos como essa atividade econômica orienta as alterações no espaço, uma vez

que demanda meios de transporte, hospedagens, comércios, serviços bancários e até mesmo, agências voltadas para a prossecução dessa atividade. Assim, o ato de fazer turismo envolve o consumo de um conjunto indissociável de bens e serviços (CRUZ, 2000, p. 9).

Um dos elementos resultantes da reorganização espacial promovida pelo turismo é a produção de uma “paisagem turística”. Essa não se forma naturalmente, mas é consequência de construções sociais, promovidas principalmente pela valorização cultural de alguns aspectos, bem como a transformação no próprio espaço (CRUZ, 2000, p. 17). A paisagem é fixa, entretanto é passível de alterações simbólicas e portanto, sujeita a processos de valorização e desvalorização. O processo de valorização do espaço pelo turismo é resultante de uma confluência de fatores nas esferas culturais, econômicas, sociais e dos aspectos naturais.

Nesse processo o espaço tem um papel fundamental na medida em que cada vez mais entra na troca, enquanto mercadoria. Isso significa que áreas inteiras do planeta, antes desocupadas, são divididas entrando no processo de comercialização. Cada vez mais o espaço é produzido por novas indústrias como aquela do turismo, e deste modo praias, montanhas e campos entram no circuito da troca, apropriadas privativamente, enquanto áreas de lazer para quem pode fazer uso delas. (CARLOS, 1996, p.63)

Sendo assim, qualquer localidade pode ser considerada passível de apropriação pela atividade turística, uma vez que essa prática é social e culturalmente construída, dada em função de valores culturais e, portanto, suscetível de alterações ao longo do tempo. Segundo a autora Luchiani (1998, p.15) “o turismo reinventa e cria novas funções, recupera antigas práticas e bens culturais por meio do folclore e monta atrações turísticas para a região”.

A organização espacial imposta pelo turismo implica transformações, adaptações, novas relações entre os residentes e visitantes, além de promover um sentido diferente na vida daqueles que habitam essa localidade. Entretanto, é necessário ressaltar que essa nova organização espacial se dá sobre uma organização preexistente e, portanto, pode promover impasses devido ao encontro de diferentes temporalidades (CRUZ, 2000, p.12).

Nesse sentido cidades inteiras se transformam com o objetivo precípua de atrair turistas, e esse processo provoca de um lado o sentimento de estranhamento – para aqueles que vivem nas áreas que num determinado momento se voltam para a atividade turística – posto que violenta e rapidamente transformado e, de outro, transforma tudo em espetáculo e o turista em espectador passivo. (CARLOS, 1996, p. 63)

Ainda, segundo Cruz (2000), o consumo elementar do espaço é uma particularidade intrínseca da atividade turística, sendo esse um importante fator de diferenciação entre o turismo e as demais atividades econômicas. É o consumo dos espaços pela atividade turística que promove investimentos e ações diferenciadas no território.

Alguns dos investimentos sobre o território podem estar direcionados ao desenvolvimento de infraestruturas urbanas, a fim de facilitar o acesso dos consumidores (turistas) ao destino de consumo. Essas infraestruturas, apropriadas pela atividade turística, podem ser consideradas como fatores atrativos para os diversos tipos de segmentos do turismo como o de massa, de negócios e eventos, ecoturismo, dentre outros.

Assim sendo, a forma como a atividade turística se apropriará e (re)organizará o espaço é dependente da maneira com que políticas públicas voltadas ao turismo serão aplicadas nessas localidades. Tais políticas são necessárias para planejar, estabelecer metas e orientar o desenvolvimento dessa atividade econômica, tanto pela esfera pública, mas também na esfera privada. Segundo CRUZ (2000, p.9) na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses privados.

Vale ressaltar que fazer turismo, isto é, o ato de deslocar-se no espaço em direção a um local alheio ao cotidiano, ocorre como consequência de uma intencionalidade, é próprio da personalidade humana, seja por vontade própria ou até mesmo em decorrência de uma obrigação (trabalho, imposições sociais, dentre outros). Sendo assim, qualquer indivíduo passível de deslocamento pelo espaço, para os organismos oficiais de turismo, é considerado um potencial turista, uma vez que este, ao se deslocar, irá usufruir das infraestruturas turísticas estabelecidas no local de destino, como hotéis, meios de transporte locais, comércios, dentre outros serviços.

1.1 A evolução do Turismo no mundo

O turismo, atividade econômica organizada, na qual costumamos associar ao período de férias, lazer, hotéis, dentre diversos outros serviços é produto da sociedade moderna, capitalista e industrial (HENRIQUES, 1996, p.28). Os séculos XVIII e XIX permitiram uma progressiva acumulação das condições - organizacionais, materiais e culturais - que propiciaram ao turismo conquistar a estruturada base social que hoje o caracteriza e a participar efetivamente na rotina das populações. A nova ordem social, econômica e cultural estabelecida pela Revolução Industrial possibilitou o desenvolvimento do turismo moderno.

As transformações promovidas pela industrialização refletiram em uma nova experiência do tempo e na redefinição da geografia do cotidiano (HENRIQUES, 1996 p. 28), visto que ocorreu uma evidente separação dos espaços de produção e reprodução social, em decorrência de que as fábricas definiram um novo ritmo das tarefas e com ele, uma nova disciplina. Dessa forma, o capitalismo industrial individualizou o espaço-tempo de trabalho e produziu uma nova concepção: um tempo regido pelas necessidades de produção e organizado segundo o horário e calendário laboral (HENRIQUES, 1996, p. 29)

O capital industrial alterou os fundamentos tradicionais do trabalho e evidenciou uma nova reivindicação: o direito ao tempo livre. O tempo livre deixou de ser considerado um tempo de ócio e improdutividade, passando a ser compreendido como necessidade (de forma a recuperar as forças dos trabalhadores), recompensa pelos esforços e até mesmo um estímulo a uma maior produtividade.

Foi neste contexto que a ideia de tempo livre ganhou sentido; como oposição “natural” ao tempo de trabalho e condição necessária para a sua realização, ganhava legitimidade que a ética moderna atribuía apenas às coisas úteis e razoáveis. (HENRIQUES, 1996, p. 30)

Com o avanço de conquistas por parte da classe trabalhadora e com a legitimação dos lazeres (ou seja, com a diminuição das horas trabalhadas semanalmente, como verificamos na imagem a seguir), somada ao progresso no domínio dos transportes (modal ferroviário, hidroviário e o rodoviário), o aumento da mobilidade das populações fora permitido, alterando as distâncias e o tempo a percorrê-las, tornando as viagens mais rápidas e cômodas; entretanto, voltadas àqueles que dispunham de maiores recursos e de mais tempo disponível. As viagens voltadas à questões acadêmicas deixaram de ser as mais comuns e foram substituídas pelas viagens de descanso e recreativas.

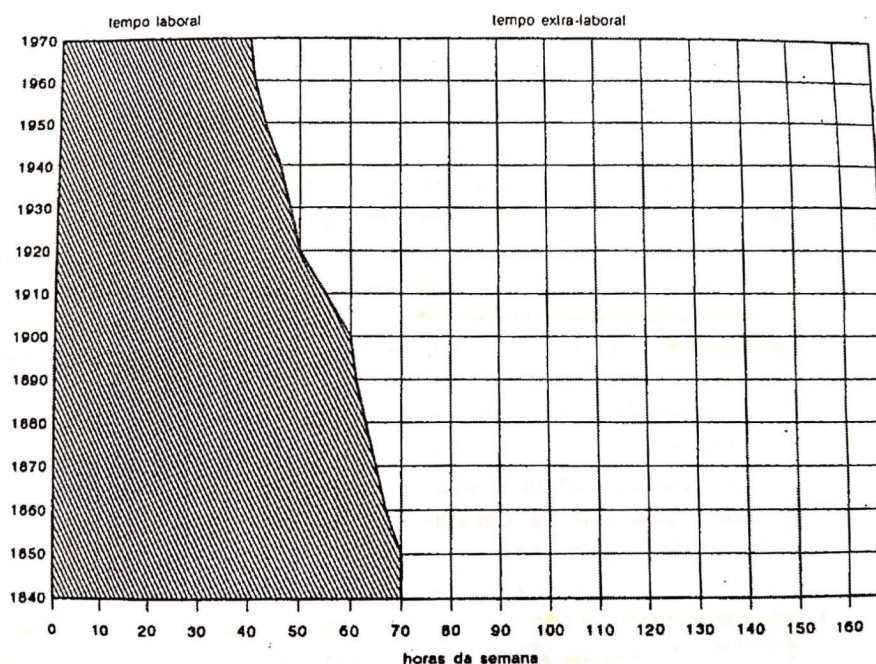


Figura 1: Evolução da duração da semana de trabalho nos EUA, entre os anos de 1840 - 1970. Fonte: HENRIQUES, 1996.

A conquista pelo tempo livre remunerado, ou seja, das férias remuneradas¹ como um direito ao trabalhador, não foi contínua e ocorreu de forma diversificada em cada país (BOYER, 2003. p. 101). Assim, ao mesmo tempo em que se admitia a universalidade do direito ao descanso, garantia-se a sobrevivência do sistema e das relações de produção e de poder. Com as férias, a sociedade industrial conquistou um modelo de vida relativamente apropriado, capaz de garantir a fidelidade do indivíduo ao trabalho, às obrigações, tendo como finalidade o progresso material.

A difusão da consagração legal das férias remuneradas e a expansão do seu período de duração acompanharam o progresso da industrialização e, em especial, do modelo de desenvolvimento fordista. As condições de crescimento rápido da produção obrigaram à reformulação dos padrões de consumo; era necessário garantir níveis de procura que acompanhassem a produção em massa, assegurando assim a continuidade do processo de valorização do capital e a coerência deste regime de acumulação. (HENRIQUES, 1996, p.33)

Com o desenvolvimento do regime fordista de produção, a disponibilidade do tempo livre somada ao aumento da produção e, conseqüentemente, dos rendimentos das famílias,

¹ “Tudo teria mudado em 1936. Antes, o turismo era ainda elitista; em 1936, os trabalhadores conquistaram o direito às férias remuneradas e as gozaram pela primeira vez” (BOYER, 2003, p. 87)

além da evolução dos sistemas de transportes, permitiram uma progressiva democratização da atividade turística, refletindo no aumento dos fluxos e no número de turistas.

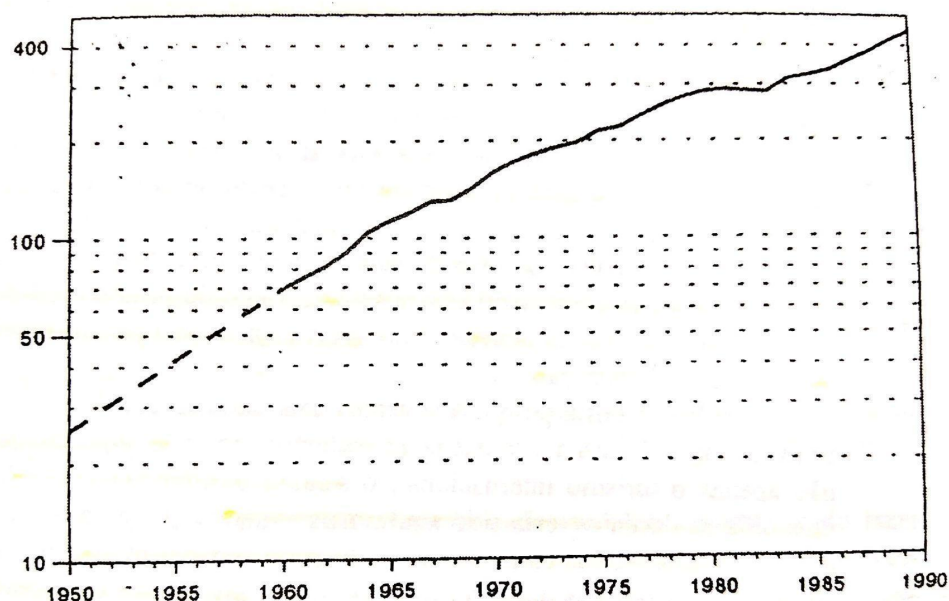


Figura 2: A evolução do turismo mundial entre os anos 1950 - 1990. Fonte: HENRIQUES, 1996.

A crise no sistema fordista, entre os anos 1970 - 1980, promoveu uma alteração no plano ideal-cultural dos trabalhadores, ou seja, transferiu o centro da vida do trabalho para o lazer, em decorrência do desgaste da ética e do esvaziamento progressivo do sentido do trabalho. Assim, tornou-se evidente a emergência de um novo modo de socialização que privilegia a realização, o desenvolvimento e a liberdade individual, a valorização do tempo livre, dos lazeres e, por fim, do turismo (HENRIQUES, 1996, p. 37).

Vale evidenciar que com a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1919), a Crise de 1929 (ou Grande Depressão econômica) e a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), o desenvolvimento da atividade turística desacelerou. Entretanto, ao final deste conturbado período, os artefatos utilizados durante as guerras - como os aviões - foram reestruturados, possibilitando seu uso para o deslocamento de pessoas, favorecendo assim, a retomada e alavancada desta atividade à nível mundial, mas agora com características crescentes do turismo de massa (PANAZZOLO, 2005, p. 5).

Após a Segunda Guerra Mundial e sob o contexto de alteração no plano ideal-cultural dos trabalhadores (pós crise do fordismo), os viajantes passaram a deslocar-se para diversas partes do mundo e as razões dessas viagens eram das mais diversas: consolidação do poder aquisitivo em diversas camadas da população, o desejo de conhecer diferentes culturas, a paz prolongada na maioria dos países e a difusão da publicidade e marketing desses lugares

turísticos (PANAZZOLO, 2005, pp. 7 - 8). A procura pelo belo, cultura, descanso e lazer fez com que o turismo de cunho massivo se desenvolvesse, mas em caráter sazonal (de acordo com o período de férias dos trabalhadores).

As condições [para a difusão do turismo no mundo do trabalho] são mais favoráveis e a difusão é facilitada pela comunicação de massa. As diversas mídias tecem elogios aos lugares turísticos, às atrações e levam a descobrir países distantes. Esta difusão salta etapas, engloba diferentes estratos. A “clientela virtual” amplia-se rapidamente (BOYER, 2003, p. 34).

Esse tipo de turismo, considerado de massa, obteve maior consolidação em decorrência das viagens de menor custo (viagens econômicas) e do surgimento dos pacotes turísticos, organizados pelas novas agências e operadoras de viagens, que ampliaram a disponibilidade de acesso a diferentes lugares. A partir disso, podemos verificar que a atividade turística, agora de forma organizada (pela presença de locais definidos como turísticos, bem como de serviços próprios para receber esse contingente de turistas - agências, hotéis, dentre outros) promoveu novos empregos - formais e informais - receitas e, principalmente, o contato entre visitantes e residentes, gerando uma nova visão de mundo (PANAZZOLO, 2005, p. 8).

Vale ressaltar que o desenvolvimento da sociedade capitalista industrial se deu mediante ao uso predatório e extensivo do meio ambiente, em virtude de que esse tipo de produção ocorre em grande escala, sendo necessárias elevadas quantidades de matérias primas e infraestruturas para a produção e o escoamento destas, com o objetivo final de obter lucro. Segundo Ansarah (1999) essas áreas (que possuem matérias primas) converteram-se em mercadorias, ou seja, tiveram seu valor medido pelo valor de troca, e não pelo seu valor de uso, visto que são áreas que propiciam/permitem a ocorrência da atividade industrial.

Entretanto, em meados dos anos de 1970, a questão ambiental ou a preocupação com o meio ambiente, tornou-se de maior interesse a nível global, em decorrência de algumas consequências geradas pela grande destruição dos meios naturais e, também, pelo surgimento de grupos de ambientalistas, que mobilizaram-se em prol da sensibilização das populações acerca das devastações nas quais o meio ambiente vinha enfrentando.

Assim, é neste período que verificamos a ocorrência da Conferência da Biosfera (1968), promovida pela UNESCO, com o objetivo de promover incentivos aos países em aumentar os investimentos nos setores de pesquisas ligadas à preservação e conservação; da

Conferência de Estocolmo (1972), a primeira conferência na ONU de grande adesão, em que foram discutidos temas relacionados ao desenvolvimento da atividade industrial e, conseqüentemente, ao aumento da poluição atmosférica, além da exploração predatória dos recursos naturais. Mais tarde, na década de 1990, ocorreu a Rio-92² (no Brasil), conferência que teve como objetivo a discussão acerca das necessidades de conciliação entre o desenvolvimento socioeconômico e a utilização dos recursos naturais. Fora nesse contexto que o conceito de “desenvolvimento sustentável” foi reconhecido e os países passaram a rever e elaborar ações a fim de proteger o meio ambiente e assegurá-lo às gerações futuras.

A partir desses movimentos, passamos a perceber que a preocupação com o meio ambiente tornou-se pauta importante nos projetos político-econômico-sociais de diversos países. Com isso, houve um maior desenvolvimento de tecnologias que contribuíram para o surgimento da chamada “Indústria Limpa”- pautada no conceito de desenvolvimento sustentável, impulsionando uma nova maneira de produção e distribuição das mercadorias (ANSARAH, 1999, p. 21) - com a finalidade de manter relações mais equilibradas com o meio ambiente.

Ao inserirmos a atividade turística neste contexto histórico mundial, verificamos que o turismo de massa (o mais disseminado pelo mundo, neste período) promoveu a concentração de capitais e de pessoas em locais específicos. Esses locais passaram a sofrer alterações devido a investimentos nas infraestruturas, como o surgimento de novas rodovias, novos complexos de hotéis, comércio, bancos e demais serviços. Com isso, tais localidades, além de passarem a sofrer com o aumento do custo de vida, devido à valorização impulsionada pela atividade turística, também enfrentaram alguns outros fatores negativos do turismo de massa como o avanço da destruição do meio ambiente (em virtude da exploração dos recursos naturais e do desmatamento para a construção de infraestruturas), disseminação de doenças, o aumento da violência, dentre outros fatores.

Com a disseminação de práticas voltadas ao desenvolvimento sustentável e educação ambiental pelos órgãos públicos ligados ao meio ambiente, através dos meios de comunicação em massa; do esgotamento daqueles locais que tornaram-se “palco de espetáculo e exibição”; e do menor interesse em realizar viagens programadas por parte dos turistas (ANSARAH, 1999, p. 22), ocorreu um movimento de mudança na postura de parte dos viajantes, os quais passaram a buscar outras maneiras de fazer turismo.

²Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/08/07/para-especialista-rio-92-levou-brasil-ao-protagonismo-em-questoes-ambientais>> Acesso: 02/10/2021

Com isso, o mercado do turismo passou a segmentar-se, promovendo alternativas para os consumidores da atividade turística e, conforme Ansarah (1999) novas empresas, de diferentes segmentos do turismo começaram a surgir, agora com o turismo voltado ao entretenimento, ao ambiente rural e ecológico, apresentados como uma opção antagônica à sociedade produzida pelo sistema industrial e ao consequente turismo formado por ela, o de massa (ANSARAH, 1999, p. 19). Ademais, ressalta-se que este movimento de segmentação produziu também outras vertentes do turismo, como o turismo voltado aos negócios e eventos, ao público LGBT, o religioso, dentre outros.

O chamado turismo sustentável (tratado também como turismo verde, ecológico ou ecoturismo) tomou forma e passou a ser opção para turistas que buscavam romper com o cotidiano da vida urbana promovido pelas relações capitalistas industriais de produção e retornar à natureza, ao bucólico a fim de retomar o equilíbrio com o meio ambiente. A natureza passa a ser considerada como algo raro, intocável e até mesmo, sagrado (ALFREDO, 2001) e esse ideal é inserido na lógica de reprodução e valorização do espaço via mercado imobiliário, ou seja, locais que encontram-se nas proximidades de algum remanescente ambiental, como uma reserva ou um parque são cada vez mais valorizados.

O turismo torna-se expressão de uma ilusão necessária que coloca embaixo do tapete as contradições da sociedade contemporânea com a natureza, expressas por uma crise ecológica. (ALFREDO, 2001, p.32)

Por conseguinte, a representação da natureza realiza-se socialmente como se fosse a própria natureza, entretanto, seu formato é expresso como mercadoria, passível de consumo. Com isso, as programações turísticas, que geralmente são realizadas por agências especializadas da esfera pública ou privada, visam valorizar as características locais, tornando-as mais atrativas especialmente ao turista.

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer ilusório, onde o espaço se transforma em cenário, “espetáculo” para uma multidão amorfa através da criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, deste modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui, o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação. (CARLOS, 1996, p.64)

Dessa forma, o turismo encontra na natureza um vasto espaço para desenvolver-se (ANSARAH, 1999, p.23), promovendo aos turistas locais distantes daqueles mais visitados e

exclusividade no planejamento desse tipo de viagem, sendo executada por pequenos e, até mesmo, operadores locais voltados a consumidores com ideias mais independentes e exigentes. O turismo sustentável ou o ecoturismo passa a estar presente nas novas orientações voltadas ao setor, a exemplo da Política Nacional de Turismo no Brasil (ANSARAH, 1999, p.22), ocasionando transformações e alterações nas formas de vida das localidades.

O produto turístico é escolhido pelas ações mercadológicas, ou seja, trata-se de porções do espaço que apresentam vantagens comparativas em relação a outras (a depender do contexto histórico e das mudanças nas ideologias dos consumidores) e, portanto, tornam-se objeto da seletividade do capital (CRUZ, 2005, p. 35). O espaço é reduzido à mercadoria, ao priorizar os territórios escolhidos pelo turismo com obras de infraestruturas e diferentes formas de uso, já que ele é o principal objeto de consumo pela atividade turística e, dessa maneira, ao explorar seu potencial, negligencia-se a sua principal condição que é ser o local de reprodução da vida ali presente. Dessa forma, as políticas envolvidas para o desenvolvimento dessa atividade, necessitam levar em consideração de que este espaço não é vazio, visto que apresenta história e uma formação social concretizada (CRUZ, 2005, p.40).

1.2 O Turismo no Mundo nos Dias Atuais

A partir desta contextualização acerca do surgimento do turismo como atividade organizada, passamos a nos questionar: qual a influência do turismo na atualidade? Em termos econômicos, podemos utilizar alguns dos dados fornecidos pela OMT³ (Organização Mundial do Turismo - *World Tourism Organization* - *UNWTO*) - agência das Nações Unidas (ONU) - especializada na organização internacional do turismo, com o objetivo principal de promover e desenvolvê-lo.

A fim de compreendermos como o turismo interfere nas receitas econômicas mundiais, serão utilizados dados anteriores ao período pandêmico (2020 - 2021), pois tal período, devido às recomendações propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), de distanciamento e isolamento social, interferiram diretamente na forma como conhecemos e fazemos turismo atualmente, dificultando as saídas e chegadas de pessoas em diversos locais.

Segundo dados dos relatórios anuais produzidos pela OMT, no ano de 2017 em torno de 1,3 bilhão⁴ de turistas viajaram pelo mundo, representando um aumento de 10% com

³ Disponível em: <<https://news.un.org/pt/tags/omt>>. Acesso em 23/02/2022.

⁴ Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2018/08/1635612>>. Acesso em 23/02/2022.

relação ao ano de 2010. O número de visitantes, ou seja, pessoas que chegam a outro país, subiu 84 milhões e as receitas do turismo internacional subiram 5%. No ano de 2018, as receitas de exportação geradas pelo turismo cresceram para US\$ 1,7 trilhão⁵, indicando um aumento de 4%, comparado com o ano anterior. Esse valor representa cerca de US\$ 5 bilhões de receitas todos os dias. Já no ano de 2019, apenas no primeiro semestre foram registrados 671 milhões de chegadas de turistas internacionais - quase 30 milhões a mais do que no ano de 2018. Os maiores crescimentos foram encontrados no Oriente Médio, seguido da Ásia e Pacífico. O crescimento nas Américas foi de 2% comparado com o ano anterior.

Segundo dados do *International Tourism Highlights - 2020*⁶, a atividade turística no ano de 2019 encontrava-se no décimo ano consecutivo de crescimento, representando 7% das exportações globais, indicando um crescimento mais rápido do que o setor de exportação de mercadorias. Como destinos principais, a França apresentou-se como a principal escolha dos turistas internacionais, entretanto, foram os EUA que apresentaram as maiores receitas.



Figura 3: “O Turismo tem visto uma expansão contínua ao longo do tempo, apesar de choques ocasionais, demonstrando a força e resiliência do setor”. Fonte: UNWTO. Ano 2020.

Ainda, segundo dados do *International Tourism Highlights - 2019*⁷, esses resultados são consequência de um favorável ambiente econômico e no aumento da capacidade de tráfego do transporte aéreo, principalmente. Ademais, houve uma queda no número de turistas que precisam retirar os vistos para viajar: de 75% em 1980 para 53% em 2018, ou seja, quatro

⁵ Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/09/1688832>> Acesso em: 23/02/2022.

⁶ Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284422456>> Acesso em: 12/04/2022.

⁷ Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284421152>> Acesso em: 12/04/2022.

em cada cinco turistas têm visitado locais sem a necessidade de vistos, como demonstrado na figura a seguir:

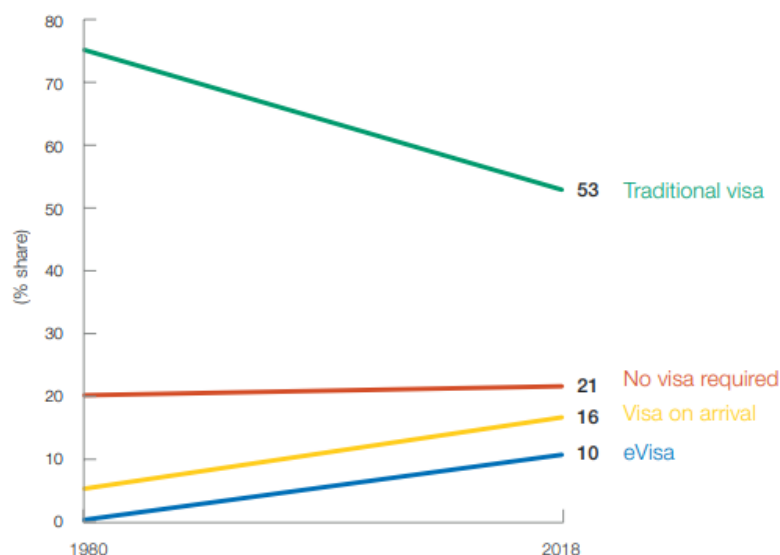


Figura 4: “População mundial afetada por vistos entre os anos 1980 - 2018”. Fonte: UNWTO. Ano: 2019

A imagem anterior nos mostra como a necessidade de tirar vistos para viagens internacionais decaiu entre os anos de 1980 e 2018, promovendo uma facilidade em realizar viagens entre diferentes países. Também percebemos um aumento do chamado *eVisa*, uma forma simplificada para a retirada do visto, realizado de forma totalmente eletrônica, desde a solicitação até o envio dos documentos.

Ainda, segundo dados do relatório de 2020, as principais motivações ou objetivos de viagens ao redor do mundo são voltados ao lazer e recreação (*Leisure, recreation, holidays* - 55%), seguido de visita aos amigos, religião, saúde, dentre outros (*VFR, health, religion, other* - 28%), a exceção do Oriente Médio, em que a motivação religiosa supera as motivações de lazer. Em terceiro, temos as viagens à trabalho, profissionais (*Business and professional* - 11%). Com relação aos modais de transporte mais utilizados para essas viagens, temos: aéreo (*air* - 59%), rodoviário (*road* - 35%), aquaviário (*water* - 5%) e ferroviário (*train* - 1%). A figura a seguir ilustrará os dados apresentados:

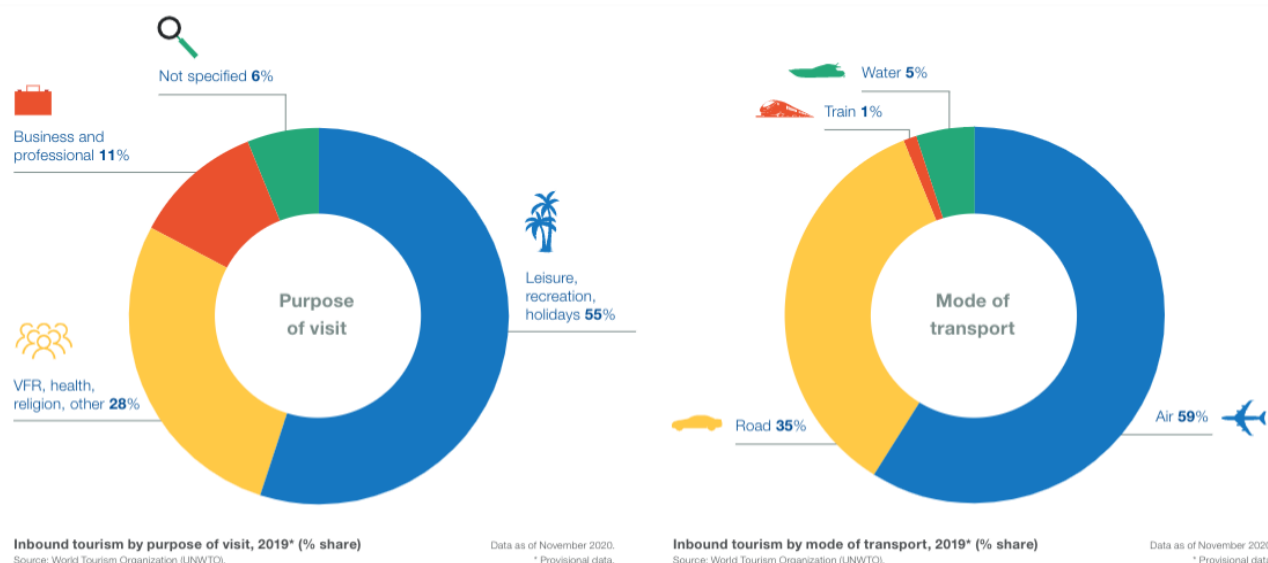


Figura 5: “Meios e propósitos das viagens”. Fonte: UNWTO. Ano: 2020

A atividade turística é considerada a terceira maior categoria de exportação do mundo, atrás apenas da exportação de produtos petrolíferos e químicos; e seguida das categorias de produtos automotivos e alimentos (UNWTO, 2020, p. 8). Essa característica de “exportação” refere-se ao fato de que o turismo a nível internacional promove ao país de origem as chamadas “divisas”, que é basicamente quando se utiliza a moeda do país de origem em outra localidade. De maneira sucinta, é como se o turista fosse um “produto emitido” pelo país de origem, que acabará consumindo e utilizando a moeda nacional no país destino da viagem. Essa característica de exportação permite ao turismo diversificar e fortalecer as receitas de exportações, principalmente dos países emergentes. Segundo dados do relatório, de 2017 para 2018 houve um aumento na receita de, aproximadamente, 121 bilhões de dólares em receitas de exportação do turismo internacional (viagens e transporte de passageiros) e atingiram 1,7 trilhões de dólares em 2019.

Tourism is a key component of export diversification both for emerging and advanced economies, with a strong capacity to reduce trade deficits and to compensate for weaker export revenues from other goods and services (UNWTO, 2020, p.4).

Com base nos dados apresentados pelos relatórios publicados nos anos de 2019 e 2020, nos deparamos com algumas observações: ao longo dos últimos anos, o setor de

turismo apresentou um rápido e elevado crescimento econômico, impulsionado principalmente pelo fortalecimento das classes médias nos países em desenvolvimento, rápida urbanização e facilidade no acesso aos meios de transporte. Ademais, ao falarmos do turismo doméstico, este representa uma importante parcela no PIB (Produto Interno Bruto) de diversos países, principalmente pelo fato de que promove empregos formais e informais, sobretudo às mulheres (chegam a 54% da força de trabalho do turismo) e aos jovens (UNWTO, 2020, p.6). Ademais, o turismo doméstico em alguns países, supera o turismo internacional em até seis vezes. As despesas do turismo interno são mais elevadas do que as despesas de entrada na maioria dos destinos.

1.3 O Turismo no Brasil

Ao trazermos a discussão da atividade turística para o Brasil, é necessário compreendermos como se deu o recente desenvolvimento dessa atividade no âmbito nacional. À princípio, o turismo no Brasil teve um engajamento maior a partir da década de 1970, com o surgimento de políticas públicas específicas voltadas a este setor. Tal importância deu-se em decorrência do aumento da demanda por essa atividade, em virtude da influência deste setor ao redor do mundo e da disponibilização de capitais estrangeiros para o financiamento desta atividade a nível nacional (CRUZ, 2000, p. 10)

Uma das maiores questões voltadas à dificuldade em desenvolver o turismo no Brasil, estava relacionada à urbanização turística dos territórios (CRUZ, 2000, pp. 9 - 10), ou seja, a presença precária de infraestruturas necessárias para essa atividade, como rodovias, aeroportos, hotéis, dentre outros. Ademais, ainda contava-se com a imprecisão das estatísticas nacionais sobre o turismo, como dados sobre infraestruturas e fluxos turísticos tanto nacionais como regionais, de modo a tornar ainda mais complexo a forma como os investimentos públicos e privados seriam destinados.

Foi na década de 1990, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 - 1998), que foi instituída a Política Nacional de Turismo, de forma a regulamentar a atividade turística no território brasileiro. Mais tarde, em 1991, foi instituído o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (Prodetur-NE), demonstrando o forte interesse para a aplicação da atividade turística na região Nordeste do país. O Prodetur abarcou todos os estados da região e voltou os investimentos às localidades, consideradas pelos próprios estados, de destaque frente ao turismo regional (CRUZ, 2000, p. 11). Entretanto, esses investimentos voltados à instalação de infraestruturas turísticas, também serviriam às

populações como infraestruturas urbanas. Cruz (2000) evidencia que: “trata-se de uma política de turismo que ‘faz as vezes’ de uma política urbana”.

A partir disso, muitas outras políticas tanto na esfera federal, quanto regional, foram promulgadas a fim de promover a atividade turística. O principal discurso utilizado para exprimir o objetivo dos poderes públicos (federal e estadual) pautava-se na ideia de que tais políticas, investimentos e intervenções promoveriam o desenvolvimento econômico nessas localidades, minimizando assim, as desigualdades tão inseridas no cotidiano da população brasileira. Todavia, como afirma Cruz (2000), é o desenvolvimento econômico que pode vir a propiciar o desenvolvimento do turismo e não o contrário. O turismo, por si só, não seria capaz de reverter a realidade histórica na qual estamos inseridos, de características expropriadoras e excludentes.

A partir desta breve contextualização histórica acerca de algumas das políticas que permitiram o desenvolvimento da atividade turística brasileira, serão apresentados a seguir alguns dados a respeito do turismo no Brasil, como o fluxo de turistas internacionais, as receitas anuais, os modais de transportes mais utilizados para chegar ao território brasileiro, dentre outros.

Com base nos dados do portal do Ministério do Turismo⁸ e do Banco Central, percebemos que desde a década de 1990, o governo brasileiro tem investido (“despesa” - no gráfico) progressivamente ao longo do período destacado, com exceção dos anos de 2014 - 2016 (primeira queda significativa) e entre 2019 - 2020 (lembrando que em 2020 iniciou-se a pandemia do novo coronavírus). Em contrapartida, no mesmo período analisado, verificamos que o déficit destaca-se sobre o superávit, como uma consequência direta dos elevados gastos em investimentos neste setor, porém de um estável índice de receita ao longo destes anos, como pode ser observado no gráfico a seguir:

⁸ Disponível em:

<http://dadosefatos.turismo.gov.br/images/DEPES/Receita_e_Despesa_Cambial/2021/03_mar/DIVULGA%C3%87%C3%83O3-ReceitaeDespesaTur%C3%ADsticaCambial-S%C3%A9rieHist%C3%B3rica-Ano-1990aMar2021.xlsx> Acesso em: 12/04/2022.

Receita, Despesa e Superávit / Déficit (1990 - 2020)

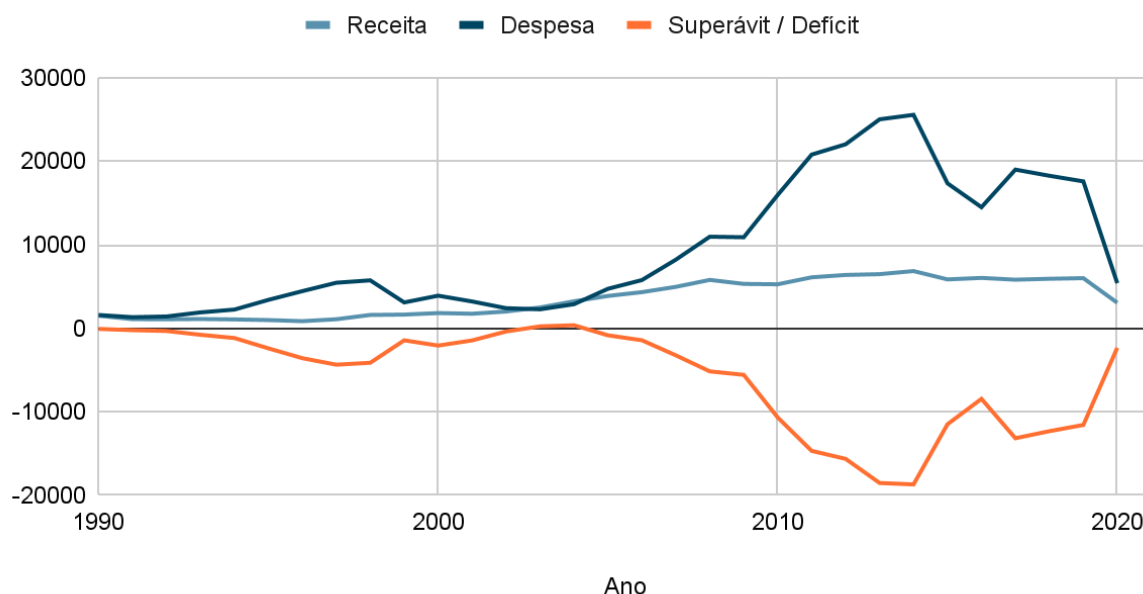


Gráfico 1: Receita, Despesas, Superávit/Déficit do turismo brasileiro entre os anos de 1990 - 2019.
Fonte: MTur. Ano: 2021.

Com relação aos dados acerca do turismo receptivo internacional no Brasil, serão apresentadas informações colhidas do Anuário Estatístico de Turismo 2020 - Ano base 2019⁹. Tais resultados foram obtidos a partir do cruzamento dos dados de migração, disponibilizados pela Polícia Federal e da pesquisa de Demanda Turística Internacional no Brasil, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) (MTur, 2020, p. 15).

De acordo com as informações do relatório, verificamos que no ano de 2019, o continente da América do Sul foi o principal exportador de turistas para o Brasil com cerca de 56,6% do número total de chegadas. Em seguida, temos o continente europeu com cerca de 24,1% dos turistas que visitaram o território brasileiro. As motivações das viagens não foram especificadas pelo relatório.

⁹ Disponível em: < <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html> >. Acesso em: 16/04/2022.

Emissores de Turistas - Continentes (2019)

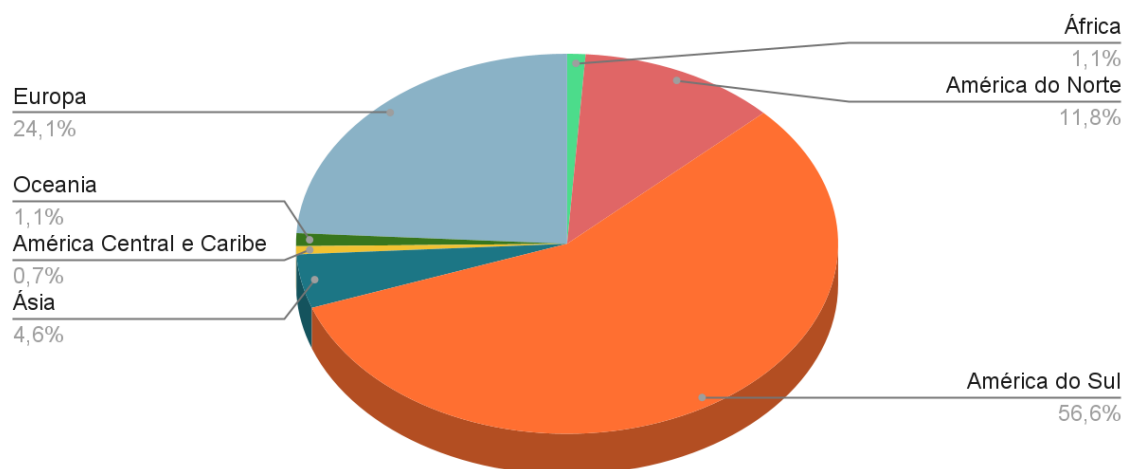


Gráfico 2: Origem dos turistas internacionais - por continentes - ano base 2019. Fonte: MTur. Ano: 2020

O continente da América do Sul apresentou-se como o maior exportador de turistas para o Brasil, devido principalmente à menor distância para acessar alguns dos estados brasileiros (fronteiras), bem como da não-necessidade de emissão de vistos. Segundo dados do relatório, verificamos que os países da América do Sul que mais emitem turistas são a Argentina, seguido do Paraguai e Chile, como mostra o gráfico a seguir:

Emissores de Turistas - América do Sul (2019)

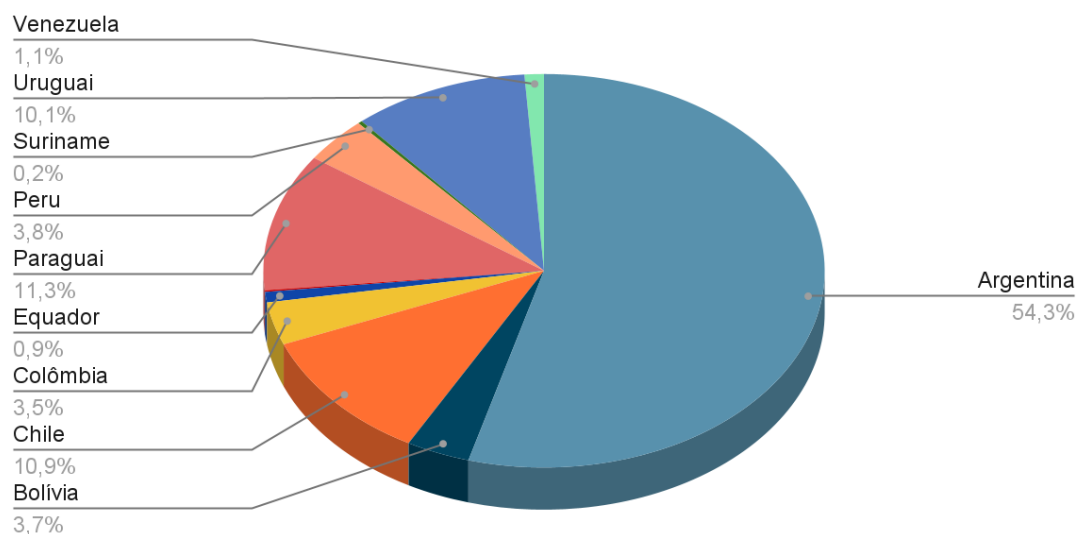


Gráfico 3: Dados da origem dos turistas da América do Sul que visitaram o Brasil no ano de 2019. Fonte: MTur. Ano: 2020.

Tendo em vista quais os países da América do Sul que mais emitem turistas em direção ao território brasileiro, é importante verificarmos a partir de que modal de transporte esse trajeto é realizado. Tais informações são essenciais quando se é colocado em pauta o destino dos investimentos voltados ao setor de turismo. As infraestruturas rodoviárias, portuárias (marítimo e fluvial), rodoviárias e aeroportuárias são fundamentais para atrair cada vez mais turistas. Sabe-se que, no Brasil, devido às decisões históricas e políticas, o setor rodoviário é o mais utilizado, seja no transporte de mercadorias, como no transporte de pessoas. Assim, com base nos dados apresentados a seguir, averiguamos uma forte expressão do modal terrestre (ou rodoviário) como meio de acesso ao território brasileiro, devido à pequena distância entre os países fronteiriços e as cidades turísticas brasileiras, mas também pela elevada disseminação de rodovias ao longo do país.

Modal de Transporte - América do Sul ao Brasil (2019)

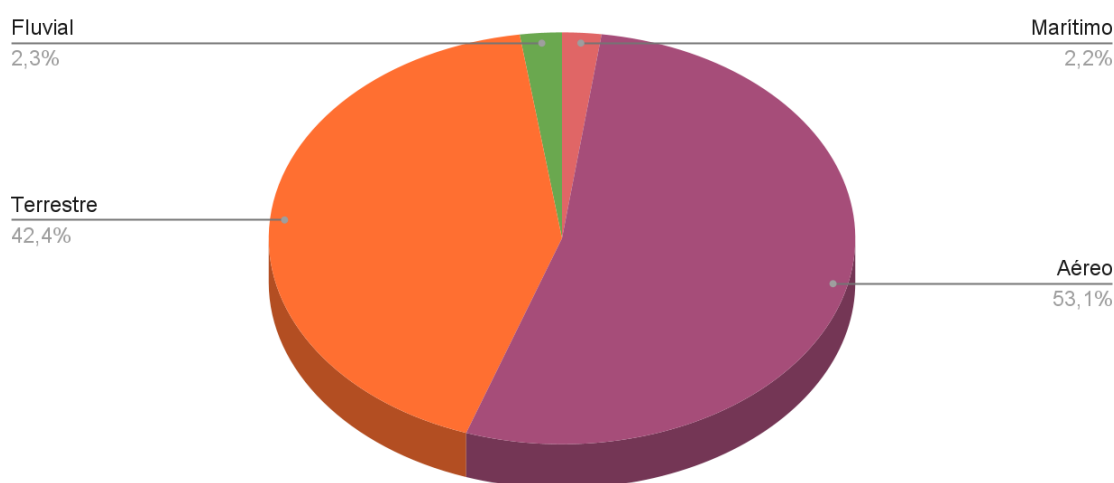


Gráfico 4: Os principais modais de transporte utilizados pelos turistas da América do Sul em direção ao Brasil. Fonte: Mtur. Ano: 2020

Apesar do turismo internacional contribuir com a economia brasileira, é no turismo interno ou doméstico que encontramos o principal agente impulsionador da atividade turística no Brasil. Segundo Cruz (2000 p. 37), o turismo interno (intra e inter-regional) consolidou-se devido, principalmente, à urbanização e a integração do país a partir das melhorias realizadas no setor rodoviário de transportes e da política de automobilização (a partir da década de 1950), contribuindo para a dinamização das viagens realizadas sobretudo por carros e ônibus. Já o transporte aéreo e a infraestrutura aeroportuária estiveram, ao longo dos anos, à margem

da política de transportes no país, sendo melhor estruturadas com a implementação das políticas nacionais de turismo (CRUZ, 2000, p. 40).

Ao discutirmos o turismo doméstico no Brasil, conforme os dados disponibilizados pela Receita Federal e divulgados pelo Anuário Estatístico de Turismo 2020 - Ano Base 2019 (MTUR, 2020, p. 387), percebemos que é na Região Sudeste do país que encontramos a maior arrecadação de capital na economia do turismo, uma informação de tamanha relevância para compreendermos a dinâmica da participação do turismo no resultado do Produto Interno Bruto Brasileiro (PIB). Em relação às Atividades Características do Turismo (ACTs)¹⁰, os itens que apresentaram maiores arrecadações foram Alimentação (26,2%), seguido por Transporte Aéreo (16,0%) e Alojamento (15,1%). A unidade da federação que mais se destacou foi São Paulo, com 50,3%, seguido por Rio de Janeiro (16,4%), Minas Gerais (6,6%) e Paraná (4,1%) (MTUR, 2020, p. 386).

Em relação às atividades turísticas em Unidades de Conservação (UCs) brasileiras, essas movimentam cerca de R\$ 4 bilhões por ano, promovendo cerca de 43 mil empregos e agregando em torno de R\$ 1,5 bilhão ao PIB do país. Nas áreas protegidas geridas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), houve um aumento de 320% em visitação nos últimos dez anos, passando de 1,9 milhão de pessoas em 2006 para 8 milhões em 2015 (MEDEIROS e YOUNG, 2011).

1.4 O Turismo em São Paulo

Devido à posição de destaque do estado de São Paulo, como visto anteriormente, segundo dados do Anuário Estatístico de Turismo 2020, constatamos que este recebeu cerca de 2.358.979 turistas residentes no exterior, sendo que a grande maioria (98,5%) adentrou no estado por via aérea e os outros 1,5% por via marítima. Assim, os principais continentes com número de turistas internacionais que chegaram a São Paulo foram a América do Sul, com 38,4%, seguido pela Europa, com 28,1% e a América do Norte, com 20,2% (MTUR, 2020, p. 287). Os países que mais enviaram turistas a São Paulo neste período foram os Estados Unidos, com 366.430, seguido da Argentina, com 359.231 turistas. O Chile aparece em 3º lugar e a Alemanha em 4º, respectivamente com 188.186 e 98.108 turistas internacionais. Tais

¹⁰ Segundo dados do IPEA (2015), as Atividades Características do Turismo (ACTs), correspondem aos seguintes serviços: Alojamento, Agências de Viagem, Transporte Terrestre, Transporte Aéreo, Transporte Aquaviário, Aluguel de Transportes, Alimentação e Cultura e Lazer. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/160204_caracterizacao_br_re.pdf>. Acesso em: 14/05/2022.

dados configuram o estado de São Paulo como a principal porta de entrada de turistas estrangeiros no Brasil, com 34% de todos os visitantes¹¹, no ano de 2018.

Com relação ao turismo na cidade de São Paulo, conforme dados publicados pelo “São Paulo: Cidade do Mundo - Dados e fatos dos negócios, eventos, viagens e turismo na capital paulista” (SPTuris, 2019) cerca de 82% (12,8 milhões) dos turistas que visitaram a cidade correspondem à própria população brasileira. Boa parte deste percentual é proveniente do próprio estado de São Paulo (Sorocaba, Jundiaí, Campinas, Santos e Praia Grande), ou então pelos seguintes estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina. Ainda, segundo dados deste relatório, foram gastos ao longo do ano de 2018 na cidade, cerca de 12,9 bilhões de reais no setor de turismo. Além disso, a atividade turística representou 9,8% no PIB nacional do turismo (em 2018) da cidade de São Paulo.

Ainda, segundo dados acerca da demanda turística do relatório “São Paulo: Cidade do mundo” (SPTURIS, 2019, p. 14), esta é representada pelo conjunto de pessoas que se deslocam e pernoitam na cidade, por quaisquer motivações, vindo de outras localidades, nacionais e internacionais. Ressalta-se aqui o intenso movimento de excursionistas - que visitam a metrópole sem, necessariamente, passar a noite nela. No gráfico, a seguir, serão apresentadas as principais motivações para a chegada de visitantes à cidade de São Paulo no ano de 2018:

¹¹ Disponível em: <https://observatoriodeturismo.com.br/pdf/DADOS_FATOS_2019.pdf> Acesso em: 08/05/2022.

Motivação da Viagem (2018)

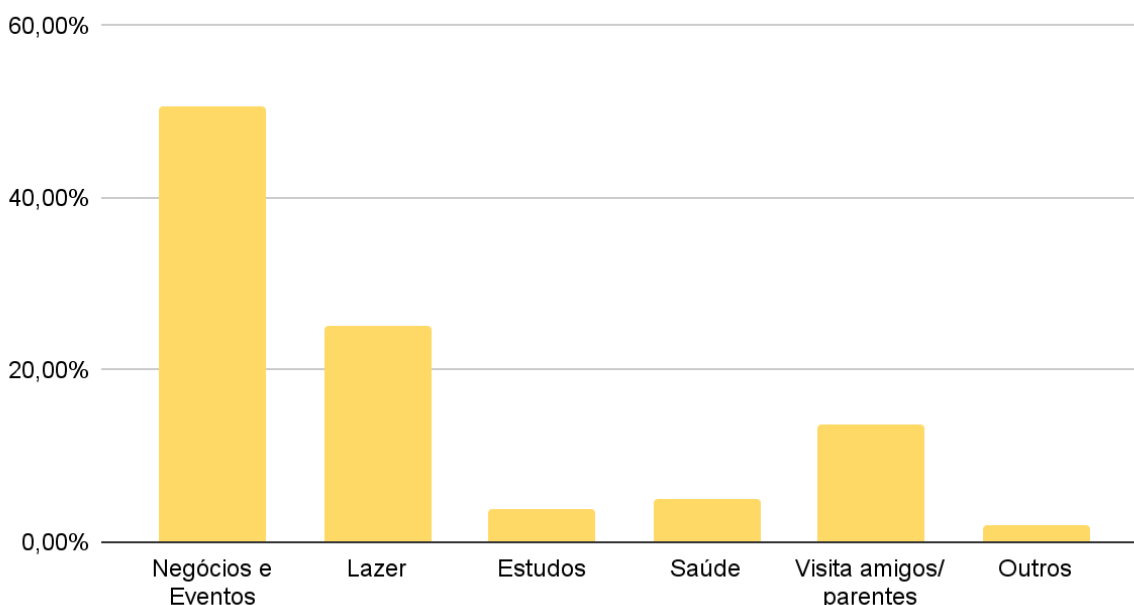


Gráfico 5: Motivação da viagem à cidade de São Paulo no ano de 2018. Fonte: SPTuris. Ano: 2019

Com base nos dados apresentados pelo gráfico anterior, verificamos que as principais motivações de viagens à cidade de São Paulo são: Negócios e Eventos (50,6%), Lazer (25,1%) e Visita a amigos/parentes (13,6%). Segundo dados do Plano de Turismo Municipal 2019 - 2021 (PLATUM)¹², a maioria destes turistas costumam viajar sozinhos (50,14%) e, geralmente, de carro (78,4%). Quanto à hospedagem, boa parte fica em casa de parentes ou amigos, mas há significativa parcela que se hospeda em hotéis.

Com relação a segmentação de Negócios e Eventos, estes são dos mais diversificados como encontros, *workshops*, simpósios, congressos, convenções e feiras de negócios de diferentes áreas e, no ano de 2018, mobilizou cerca de 19 milhões de visitantes. Conforme PLATUM (2019), trata-se de um turista que não se parece com turista, mas que se mistura à população e que consome muito da oferta gastronômica, de entretenimento e dos transportes.

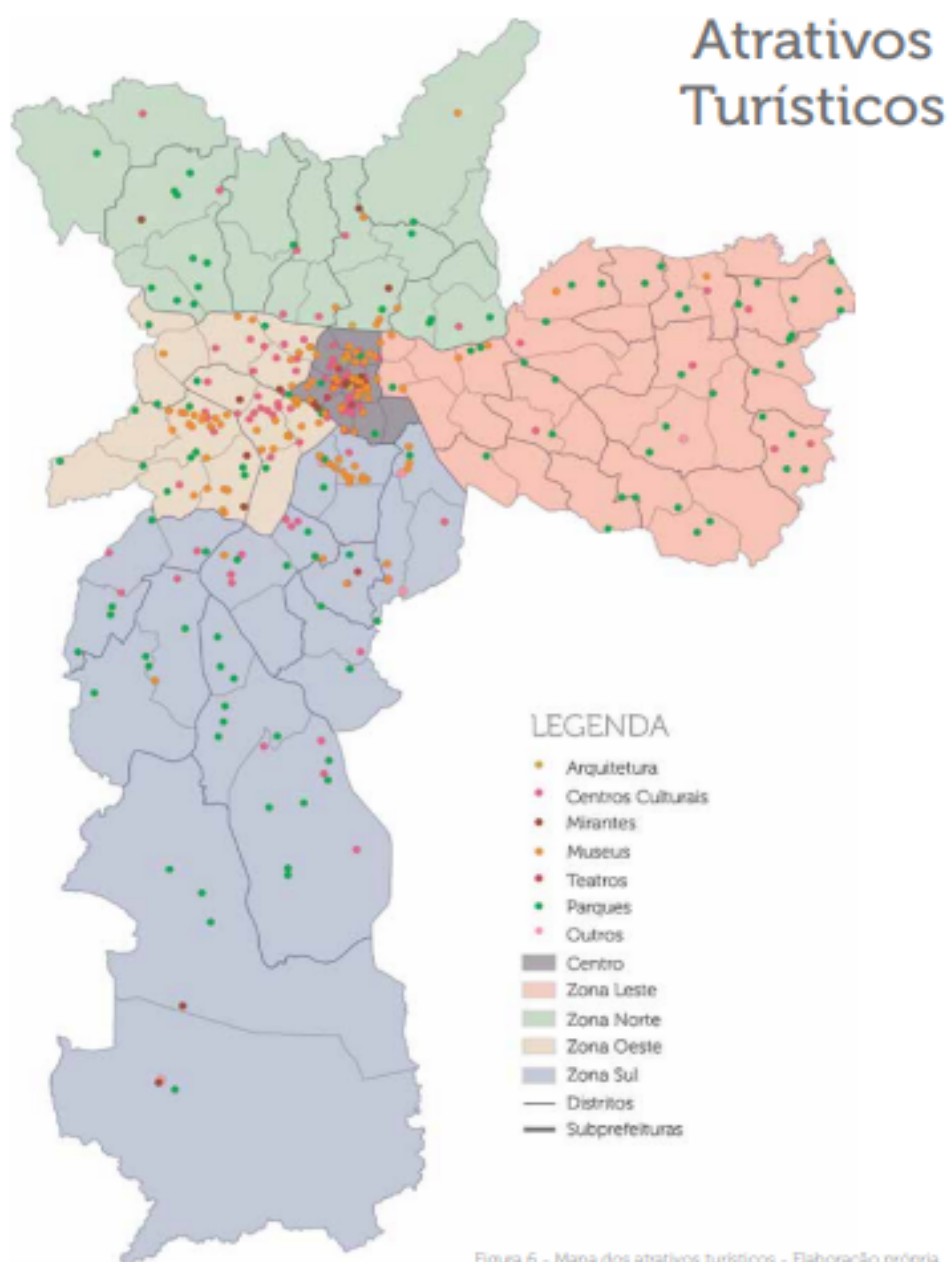
Já na segmentação de lazer, a cidade de São Paulo conta com 124 museus, 119 teatros, 105 espaços culturais, 153 centros de esporte e lazer, 121 bibliotecas e 126 parque e áreas verdes - tendo um dos maiores e melhores parques do mundo (eleito pelos visitantes da plataforma Tripadvisor em 2017¹³) - além do Polo de Ecoturismo de São Paulo, objeto de

¹²Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/platum_1594747759.pdf> Acesso em: 08/05/2022.

¹³A classificação é determinada por um algoritmo baseado na quantidade e qualidade de comentários e avaliações de hotéis, restaurantes e atrações. (PLATUM, 2019, p.31).

estudo deste trabalho, sendo considerado uma opção aos visitantes que desejam fugir do cotidiano e desfrutarem na natureza ainda na cidade de São Paulo (PLATUM, 2019, p. 24). A seguir, será apresentado um mapa elaborado e disponibilizado pelo PLATUM (2019) acerca da distribuição dos atrativos turísticos pela cidade de São Paulo. Ao realizarmos uma breve análise deste mapa, identificamos que a maior quantidade de atrativos turísticos concentra-se nas porções mais centrais da cidade, em detrimento das áreas mais afastadas, como a zona Sul da cidade de São Paulo.



Mapa 1: Mapa da distribuição dos atrativos turísticos na cidade de São Paulo. Fonte: PLATUM. Ano: 2019.

2. O Polo de Ecoturismo de São Paulo

2.1 O conceito de Ecoturismo

Ao abordarmos o conceito de ecoturismo, muitas vezes nos deparamos com alguns outros termos semelhantes para expressar esse segmento da atividade turística, dentre eles: turismo ecológico, ambiental, verde, responsável, na natureza, sustentável, dentre outros. Apesar de existirem algumas diferenças e particularidades entre cada um desses, como afirma Pires (1998), estes termos relacionam-se sobretudo a viagens que procuram afetar em menor nível os recursos naturais, culturais (quando comparado ao turismo de massa) e, como consequência direta, buscam promover benefícios sociais e ambientais, além de inserirem práticas educacionais acerca do meio o qual está sendo visitado, despertando a consciência ecológica, além de contemplar a participação ativa das comunidades locais (PIRES, 1998, p. 75).

Como vimos anteriormente, o segmento do ecoturismo surgiu em um momento de maior preocupação, a nível mundial, com assuntos relacionados às atividades predatórias ao meio ambiente. O chamado turismo de massa, segmento que encontrava-se com elevada demanda e, conseqüentemente, deteriorando os principais destinos de visitação, foi uma das atividades econômicas que recebeu questionamentos no que diz respeito à forma como estava sendo colocado em prática.

Assim sendo, o ecoturismo emergiu como uma alternativa ao turismo de massa e se impôs como uma rotulação, amplamente utilizada, para expressar um conjunto diversificado de atividades no ramo de viagens que envolvem turismo e meio ambiente, compreendendo especialmente ambientes naturais, em geral pouco alterados, além da presença de culturas locais (PIRES, 1998, p. 86). Tal segmento é vendido como uma experiência de retorno à natureza - considerada intocada e sagrada - e apresenta-se como possibilidade de promoção do desenvolvimento econômico e social, bem como da preservação do meio ambiente.

Ainda, segundo Pires (1998), o conceito de ecoturismo pode variar conforme cada um dos setores que apresentam interesse social por esse segmento, de forma a atender seus interesses imediatos. Logo, o Trade turístico (composto pelas operadoras, agências de viagens, hotelaria, guias, dentre outros serviços) parte daquilo que é captado da expectativa emocional/subjetiva do público turista, adequando seus serviços e promovendo um *marketing* ecológico, a fim de atrair mais clientes. As comunidades anfitriãs que participam ativamente, buscam enfatizar o próprio envolvimento em todos os processos de desenvolvimento desta atividade, com o intuito de gerar benefícios socioeconômicos. Já a área governamental e

organismos públicos ligados ao turismo associam a prática de ecoturismo com estratégias de planejamento, a nível federal e regional, buscando promover o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental dessas áreas.

No Brasil, o termo Ecoturismo foi introduzido no final dos anos 80, seguindo a tendência mundial de preocupações com o meio ambiente. A EMBRATUR¹⁴, criada no ano de 1966, iniciou em 1985 o “Projeto Turismo Ecológico” e em 1987, a Comissão Técnica Nacional em parceria com o IBAMA¹⁵, sendo as primeiras iniciativas direcionadas a ordenar o ecoturismo. Neste mesmo período foram autorizados os primeiros cursos de guia especializados neste setor e com a ocorrência da Rio-92¹⁶, esse tipo de turismo ganhou visibilidade. Já em 1994, com a publicação das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo pela EMBRATUR e Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2008, p.16), o ecoturismo passou a ser conceituado como:

Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. (BRASIL, 2008, p. 16)

Ao admitirmos que o termo Ecoturismo tem incentivado práticas sustentáveis no setor turístico, é necessário evidenciar que há uma diferença entre os termos ecoturismo e turismo sustentável (BRASIL, 2008, p. 16). Há questões comuns entre esses dois segmentos, como os princípios da sustentabilidade. Entretanto, o fator de diferenciação do Ecoturismo consiste na sustentabilidade sendo evidenciada na conservação e vivência com a natureza, como fator de engajamento (BRASIL, 2008, p. 19). Trata-se de um segmento da oferta turística que se baseia, principalmente, em dois pilares da sustentabilidade: o ambiental e o econômico, sendo complementados pelos fatores culturais e políticos. Já o Turismo Sustentável relaciona as necessidades dos turistas e das regiões receptoras, propondo proteção e fortalecimento das oportunidades para o futuro (BRASIL, 2008, p. 19).

Assim, com base nesta breve conceituação acerca do termo Ecoturismo, abordaremos a seguir as características, o processo de surgimento e desenvolvimento do objeto de estudo deste trabalho: o Polo de Ecoturismo de São Paulo.

¹⁴ Instituto Brasileiro de Turismo

¹⁵ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

¹⁶ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) realizada no Rio de Janeiro em 1992, sendo conhecida por Rio 92 e ECO 92.

2.2 Zona Sul de São Paulo: Zona de interesse ambiental e turístico

O Polo de Ecoturismo de São Paulo, localizado no extremo da Zona Sul da capital, entre os distritos de Parelheiros, Marsilac e o bairro da Ilha do Bororé, fora criado a partir da aprovação da Lei Municipal 15.953 do ano de 2014¹⁷, com os objetivos principais de impulsionar a preservação ambiental e fortalecer a atividade de ecoturismo como promotora de desenvolvimento econômico e social nesses distritos.

O Polo encontra-se delimitado pelas Áreas de Proteção Ambiental Capivari-Monos e Bororé-Colônia, criadas nos anos de 2001 e 2006, respectivamente. Uma Área de Proteção Ambiental (APA) corresponde a uma área natural que é destinada à proteção e conservação¹⁸ de diferentes atributos, como fauna e flora, cultura e paisagem (estética), importantes para a manutenção da população local e da biodiversidade regional.

A Área de Proteção Ambiental foi criada a partir da vigência do Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC), no ano 2000¹⁹. Este delimita as Unidades de Conservação, que são áreas em que seus espaços territoriais e recursos naturais tornam-se alvo de políticas de proteção e conservação, sob um regime especial de administração. O SNUC divide as unidades de conservação em dois grupos: as Unidades de Proteção Integral, com a finalidade de preservar a natureza, ou seja, apenas o uso indireto dos recursos naturais é permitido e portanto as regras são restritivas; e as Unidades de Uso Sustentável, que são áreas em que é permitida a conciliação da natureza com o uso sustentável dos recursos naturais.

É nessa última categoria que as Áreas de Proteção Ambiental encontram-se, sendo o objetivo principal a conservação dos processos naturais e da biodiversidade, a partir da orientação, do desenvolvimento e da adequação das atividades humanas, como o turismo, a pesca e a agricultura, às características ambientais. Podem estar inseridas em áreas públicas ou privadas e a gestão é realizada por Conselhos Gestores, deliberativos e paritários entre sociedade civil e o poder público, onde são definidas prioridades e estratégias para as ações na região.

A partir dessas informações, torna-se fundamental realizarmos uma contextualização acerca de como essa área tornou-se um objeto de interesse de proteção ambiental. Os distritos mencionados anteriormente, encontram-se localizados próximo a maior área de

¹⁷ Disponível em: <<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L15953.pdf>> Acesso em 09/10/2021.

¹⁸ Disponível em: <<https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/29203-o-que-e-uma-area-de-protecao-ambiental/>> Acesso em 15/09/2021.

¹⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm> Acesso em 09/10/2021.

remanescentes da Mata Atlântica na cidade de São Paulo. Junto a isso, há presença de nascentes, incluindo um dos últimos rios considerados limpos em São Paulo - Rio Capivari²⁰ - e de duas grandes represas - Billings e Guarapiranga, sendo a última umas das responsáveis pelo abastecimento de parte da região Metropolitana da cidade.

A zona Sul de São Paulo até a década de 1960, era utilizada como área de veraneio das elites paulistanas, ou seja, as represas serviam como áreas de lazer e recreação pela população mais abastada, que habitavam casarões localizados nas regiões mais centrais da cidade, como o bairro Campos Elíseos e a Avenida Nove de Julho. Ao redor das represas formaram-se bairros compostos por segundas residências e equipamentos de lazer de alto padrão. Esta região já fora alvo de um projeto de construção de um balneário²¹, devido à influência do uso de balneários marítimos pela população europeia (ALMEIDA, 2018).

Nos anos de 1950, o bairro de Santo Amaro (ex-distrito, anexado a São Paulo no ano de 1935) foi marcado pela implantação do polo industrial, permitido principalmente pela disponibilidade de terras a preços mais baratos, transportes (construções de vias que ligavam os centro urbanos às segundas residências) e disponibilidade de energia (favorecida pela construção das duas represas e da retificação do Rio Pinheiros, cujo as obras deram início em 1928 e finalizaram por volta dos anos de 1950) (PESSOA, 2019).

Com a implantação e consolidação do polo industrial de Santo Amaro, o processo de expansão urbana alastrou-se para além desse antigo distrito, chegando às margens da represa Guarapiranga e início da Billings. Nas décadas de 1970 e 1980 esse processo as ultrapassou, atingindo os distritos de Parelheiros e Marsilac (redutos de remanescentes de áreas florestais), devido à disponibilidade e aos baixos preços das terras. Segundo Almeida (2018), entre as décadas de 1960 e 1990, a expansão urbana deu-se em grande velocidade sobre as áreas de mananciais de forma desordenada e precária, uma vez que as populações que se assentaram nessas localidades foram aquelas que buscavam empregos neste novo setor industrial.

Entretanto, é na década de 1970 que a preocupação com os recursos naturais, principalmente os mananciais, tornam-se objetos de atenção dos órgãos públicos tendo como

²⁰ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/sao-paulo-tem-dois-rios-de-agua-limpa-onde-da-para-nadar-veja-video-ghhtml>> Acesso em 12/10/2021

²¹ No ano de 1917, o bairro de Interlagos, localizado no antigo município de Santo Amaro, foi alvo de projetos e intervenções urbanísticas pela empresa inglesa S.A Auto Estrada, com o intuito de transformá-la em uma cidade satélite. Tal empresa adquiriu toda a margem leste da Represa do Guarapiranga e promoveu a construção de equipamentos urbanísticos voltados, principalmente, à elite cafeeira. O objetivo era a promoção da chamada Cidade Balneária de Interlagos, baseada nas ideias de *City Garden* ou Jardim Urbano (ALMEIDA, 2018).

resultado a promulgação da Lei Estadual de Proteção aos Mananciais²², datada do ano de 1975. Esta lei teve como objetivo disciplinar o uso do solo de forma a proteger os mananciais, reservatórios de água e demais recursos hídricos, ou seja, promoveu regulamentações de como devem se estabelecer arruamentos, construções, loteamentos e atividades econômicas, mediante aprovação de órgãos responsáveis.

A Lei de Proteção aos Mananciais, além de promover soluções a problemas relacionados ao saneamento básico, alterou toda a dinâmica de urbanização, principalmente no antigo distrito de Santo Amaro, uma vez que estabeleceu um formato para o assentamento de pessoas e para a realização de atividades econômicas.

Entretanto, vale ressaltar que nessas localidades já habitavam um grande contingente populacional, visto que os extremos da cidade, longe dos centros comerciais, foram considerados soluções (precárias) àqueles que precisavam de moradias. As porções de terras localizadas nas proximidades dos mananciais foram mobilizadas por grileiros e especuladores imobiliários, que promoveram a venda ilegal de lotes às camadas populares²³, dando origem a loteamentos irregulares, a partir de construções realizadas pelos próprios moradores - autoconstrução - característicos do processo de urbanização nas periferias.

Por serem consideradas “áreas protegidas” pela Lei de 1975, os investimentos públicos como iluminação, asfaltamento, saneamento básico, dentre outras obras de infraestrutura tão essenciais foram restritos, sob o discurso de que a instalação dessas, pelo poder público, fomentaria a ocupação urbana nas áreas de proteção ambiental, tornando-as ainda mais precarizadas para as populações residentes (ALMEIDA, 2018).

Com a consolidação das indústrias e a instalação de ocupações populares nas proximidades das represas, a funcionalidade de balneário em bairros como Interlagos foi perdida. Assim, com o afastamento das populações mais abastadas, as novas indústrias apropriaram-se das infraestruturas dos clubes e de lotes, localizados às margens das represas, tornando-os ambientes de lazer e confraternização em determinados períodos do ano.

Entretanto, por volta do final dos anos 1970, o sistema fordista de produção (ALMEIDA, 2018) entrou em crise e, somado ao aumento nos preços da terra, devido a forte atuação do mercado imobiliário em São Paulo, deu-se a desconcentração das estruturas produtivas, direcionadas para novas áreas da região metropolitana ou para o interior do estado

²²Disponível em:

<<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1975/lei%20n.898,%20de%2018.12.1975.htm>> Acesso em: 09/10/2021.

²³ Quando os moradores compraram os lotes não sabiam da restrição em ocupá-la, por tratar-se de área protegida por legislação ambiental (ALMEIDA, 2018).

de São Paulo. O deslocamento das indústrias fora resultado da alteração da estrutura produtiva das atividades, ou seja, o espaço metropolitano de São Paulo, que até então havia sido produzido em grande parte em função das atividades industriais, agora passa a ser determinado pela forma financeira de acumulação - troca do capital industrial para o financeiro (PADUA, 2005).

A saída das indústrias resultou na liberação de grandes espaços, provenientes de antigos bairros operários, fábricas e galpões industriais, muitos deles ainda visíveis no bairro de Santo Amaro nos dias atuais. É importante ressaltar, que com a liberação desses espaços e a reorganização do setor econômico da cidade, agora voltado para o capital financeiro no vetor sudoeste, muitas famílias de baixa renda, atingidas também pelo desemprego, deslocaram-se para as áreas de mananciais da zona Sul, principalmente com a ocorrência de projetos de lei (e mais tarde, Operações Urbanas, como a de Água Espreada), que visavam transformações urbanísticas, sociais e ambientais.

Entre os anos 1990 e 2000 ocorreu uma segunda expansão demográfica (ALMEIDA, 2018), para outras localidades como Grajaú, Jardim Ângela e Parelheiros. Esses novos assentamentos foram marcados, mais uma vez, por construções desordenadas, sem o auxílio ou planejamento do poder público, alterando a paisagem que ainda concentrava remanescentes de mata nativa. Vale ressaltar que esse modelo de expansão urbana deu-se em decorrência da influência do setor imobiliário que, através da especulação, expulsou as populações de menor poder aquisitivo para locais com menor rede de infraestrutura, como saneamento e transportes.

Assim sendo, a promulgação da Lei de Proteção de Mananciais afetou fortemente a população de baixa renda, uma vez que dificultou a instalação de infraestruturas públicas, justificada pela ilegalidade da ocupação desses espaços. Tal lei refletiu a separação entre a população e as áreas de mananciais, visto que as categorias que permitiam um determinado padrão de ocupação, segundo às normas de proteção ambiental, foram alcançadas apenas por um padrão específico de renda e de classe.

Ainda na década de 1990 ocorreu a Rio-92²⁴, conferência que teve como objetivo a discussão acerca das necessidades de conciliação entre o desenvolvimento socioeconômico e a utilização dos recursos naturais. Fora nesse contexto que o conceito de “desenvolvimento

²⁴ Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/08/07/para-especialista-rio-92-levou-brasil-ao-protagonismo-em-questoes-ambientais>> Acesso: 02/10/2021.

sustentável” foi reconhecido e os países passaram a rever e elaborar ações a fim de proteger o meio ambiente e assegurá-lo às gerações futuras.

Assim, passa a ser disseminado o discurso da crise da natureza, do seu possível esgotamento e da necessidade de ser inserida nas pautas governamentais, com o objetivo de preservá-la. Como mencionado anteriormente, a natureza passou a ser considerada como algo raro, intocável e até mesmo, sagrado (ALFREDO, 2001) e esse ideal é inserido na lógica de reprodução e valorização do espaço via mercado imobiliário, ou seja, locais que encontram-se nas proximidades de algum remanescente florestal, como uma reserva ou um parque são cada vez mais valorizados.

A chegada da década de 2000 foi marcada por algumas políticas voltadas ao meio ambiente a nível federal. Dentre elas, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), com o objetivo de conservar, a partir da limitação de Unidades de Conservação, o espaço territorial e seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias de proteção.

Como já citado, o SNUC estabeleceu dois grupos de Unidades de Conservação, entre eles as Unidades de Uso Sustentável, em que encontram-se as APAS, nas quais é permitido o estabelecimento de atividades em comunhão com a preservação dos recursos naturais, dentre elas o turismo sustentável.

Com isso, os anos de 2001 e 2006 foram marcados pela criação das Áreas de Proteção Ambiental Capivari-Monos (Lei Municipal 13.136, de 09 de julho de 2001)²⁵ e Bororé-Colônia (Lei n. 14.162, de 24 de maio de 2006)²⁶, respectivamente, na zona Sul da cidade de São Paulo, sob incentivo e mobilização da população residente e de empresas locais. Tais áreas de proteção, abarcam cerca de 1/3 da área da cidade de São Paulo e foram criadas com o objetivo de compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável da parcela dos recursos naturais ali presentes. Como uma forma de mobilizar atividades para a promoção do desenvolvimento econômico no extremo da Zona Sul da cidade de São Paulo, a atividade econômica de Turismo Sustentável surgiu como uma possibilidade, uma vez que o discurso ambiental - de necessidade de proteção e conservação - promoveu uma vocação específica para a região.

²⁵ Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_capivarimonos/index.php?p=41966> Acesso em: 10/09/2021.

²⁶ Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_bororecolonia/index.php?p=41963> Acesso em 10/09/2021.

A partir disso, foram criadas associações e grupos de trabalho voltados para a organização da atividade turística e, com isso, cursos de capacitação e orientações técnicas promovidas pelo Sebrae foram passados à parte da população local. Assim, essa área passa a receber uma nova orientação para a organização do espaço, agora, movimentos específicos voltados para o desenvolvimento da atividade turística.

Tal mobilização e organização da atividade turística promoveu a criação do Polo de Ecoturismo pela Lei nº 15.953, de 7 de janeiro de 2014²⁷. Assim, as atividades de ecoturismo da região foram normatizadas e a área tornou-se alvo de incentivos e benefícios fiscais, a fim de estimular o desenvolvimento econômico e social, além de promover a fiscalização da vegetação e dos mananciais.

O Polo de Ecoturismo apresenta uma lista diversa com mais de 26 atrativos, divididos em 5 roteiros temáticos: Patrimônio Histórico; Arte e Cultura; Religiosidade; Lazer e recreação e Atrativos Naturais, que serão detalhados no tópico 2.5. Cada um desses roteiros estão descritos no guia turístico do polo, disponibilizado *online*²⁸ e também em formato impresso nos Centros de Informações Turísticas (CIT), distribuídos em diversos pontos da cidade de São Paulo.

Para compreendermos as práticas de turismo nesta localidade, torna-se necessário conhecermos um pouco mais da área em que o Polo está inserido. Assim, os tópicos seguintes abordarão as características e especificidades das APAs Bororé-Colônia, Capivari-Monos e, por fim, do próprio Polo de Ecoturismo.

2.3 Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia

Como já mencionado, a APA Bororé - Colônia (APA-BC) foi criada por meio da Lei Municipal nº14.162/2006²⁹ pela Prefeitura do Município de São Paulo. Ocupa cerca de 6% do município (possui uma área de 9 mil hectares) e dista 25 km da região central, abrangendo as Subprefeituras de Capela do Socorro e Parelheiros. Apresenta uma rica biodiversidade, por meio dos remanescentes da Mata Atlântica e da diversa fauna. Além disso, esta APA é fundamental para a produção de água no município, alimentando a Represa Billings, um dos

²⁷ Disponível em: <<http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L15953.pdf>> Acesso em 09/10/2021.

²⁸ Disponível em: <https://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/downloads/2016/11/Polo_ING_Site.pdf> Acesso em: 10/11/2021

²⁹Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/lei_14_162_1254941048.pdf> Acesso em 11/02/2022

principais mananciais de abastecimento público da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) (SVMA, 2021).

A APA-BC possui inúmeras nascentes, ribeirões e córregos que drenam para as Bacias Guarapiranga e Billings, ambas pertencentes à Bacia do Alto Tietê, contribuindo de forma essencial com a formação dos mananciais e recursos hídricos que abastecem cerca de 30% da região metropolitana. Esta área é de extrema importância para a proteção das Bacias dos Ribeirões Bororé e do Taquacetuba (Bacia da Represa Billings) e do Ribeirão Itaim (Bacia da Represa do Guarapiranga).

Os reservatórios mencionados vêm sofrendo nas últimas três décadas um intenso processo de ocupação urbana que coloca em risco a qualidade dos corpos d'água, principalmente nas áreas mais urbanizadas, devido ao lançamento direto de resíduos líquidos e sólidos de estabelecimentos domésticos, industriais e comerciais e erosão de áreas com solos expostos (SVMA, 2021 p. 19). Já em áreas rurais, os principais impactos causados nos corpos d'água estão relacionados ao intenso uso de fertilizantes e defensivos agrícolas; atividades ligadas à mineração; esgotos domésticos e lixo produzidos em chácaras de lazer e recreação que não apresentam os tratamentos necessários (SVMA, 2021, p. 19). Assim, a criação desta APA está vinculada à necessidade de se implementar ações de controle da supressão de vegetação, dos loteamentos irregulares e de ações inadequadas que possam comprometer a qualidade das bacias desses corpos d'água.

Segundo dados do Plano de Manejo da APA Bororé-Colônia (2021), esta área é de domínio da Floresta Ombrófila Densa, bastante presente na região litorânea e nas encostas da Serra do Mar, apresentando elevada intensidade de chuvas ao longo do ano. Dentro desta classificação é possível encontrarmos algumas áreas em estágios de regeneração, bem como áreas de reflorestamento e ecossistemas denominados antropizados, que são aqueles foram modificados pelos seres humanos (florestas secundárias, capoeiras, áreas agrícolas e pastoris, plantios florestais, acesso à áreas urbanas, dentre outros) (SVMA, 2021, pp. 23 - 24).

Vale evidenciar que a APA-BC possui diversos elementos socioambientais que fundamentam sua vocação para ser considerada uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, como grande presença dos recursos hídricos, de remanescentes de vegetação do município, do patrimônio histórico-cultural, a presença de núcleos urbanos consolidados, além de uma extensa área rural.

A região em que se encontra a APA Bororé-Colônia já fora utilizada como passagem entre o litoral e o planalto de Piratininga, formando uma trilha que veio a ser conhecida, ainda no período colonial, como Caminho de Conceição de Itanhaém (SVMA, 2021, p.13). Este

caminho interligava as aldeias Tupi-Guarani do litoral às aldeias Guayana do planalto, especialmente as de Itanhaém e Ibirapuera (ou Geribatya). Por influência portuguesa, as aldeias passaram a construir as vilas de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém e Santo Amaro de Ibirapuera³⁰.

Ainda nessa região, mais precisamente na Cratera da Colônia, localizada no distrito de Parelheiros, na primeira metade do século XIX (meados de 1827), estabeleceu-se por iniciativa do então Imperador Pedro I, uma colônia de imigrantes alemães. O objetivo principal desse incentivo era desenvolver uma classe de trabalhadores assalariados que pudessem substituir o trabalho escravo e até mesmo formar grupos de soldados. Assim, o Governo Imperial firmou contrato com os colonos alemães de fornecimento de gado, terras, sementes, ferramentas e isenção de impostos por até oito anos. Em troca, o Império exigiu o comprometimento dos colonos contra ataques estrangeiros (SVMA, 2021, p. 13).

Na década de 1930, outros imigrantes começaram a chegar ao extremo sul de São Paulo vindos, principalmente, do Japão. A cultura japonesa, trazida pelos imigrantes que se estabeleceram nas regiões de Casa Grande, Colônia, Veleiros e Grajaú foi responsável pelo desenvolvimento da produção de hortifrutigranjeiras na região (ainda hoje, a produção agrícola da zona sul apresenta características da herança nipônica) (SVMA, 2021, p.13).

É necessário evidenciar que nos primeiros anos do século 20, estabeleceu-se na zona Sul a indústria de carvão. O carvão era extraído dos fragmentos florestais da Mata Atlântica dessa região e tornou-se um produto fundamental para o desenvolvimento da economia local. Com a expansão da exploração madeireira, uma rápida urbanização ocorreu nessa área e, como consequência, o desmatamento da floresta nativa.

Entre os anos de 1906 e 1927, a paisagem e a dinâmica de ocupação do então Município de Santo Amaro apresentou grandes mudanças em decorrência da construção das represas de Billings e Guarapiranga (SVMA, 2021, p. 13). Por volta dos anos de 1970, a região passou a receber migrantes brasileiros, principalmente da região Nordeste, culminando na diversidade étnico-racial existente na APA.

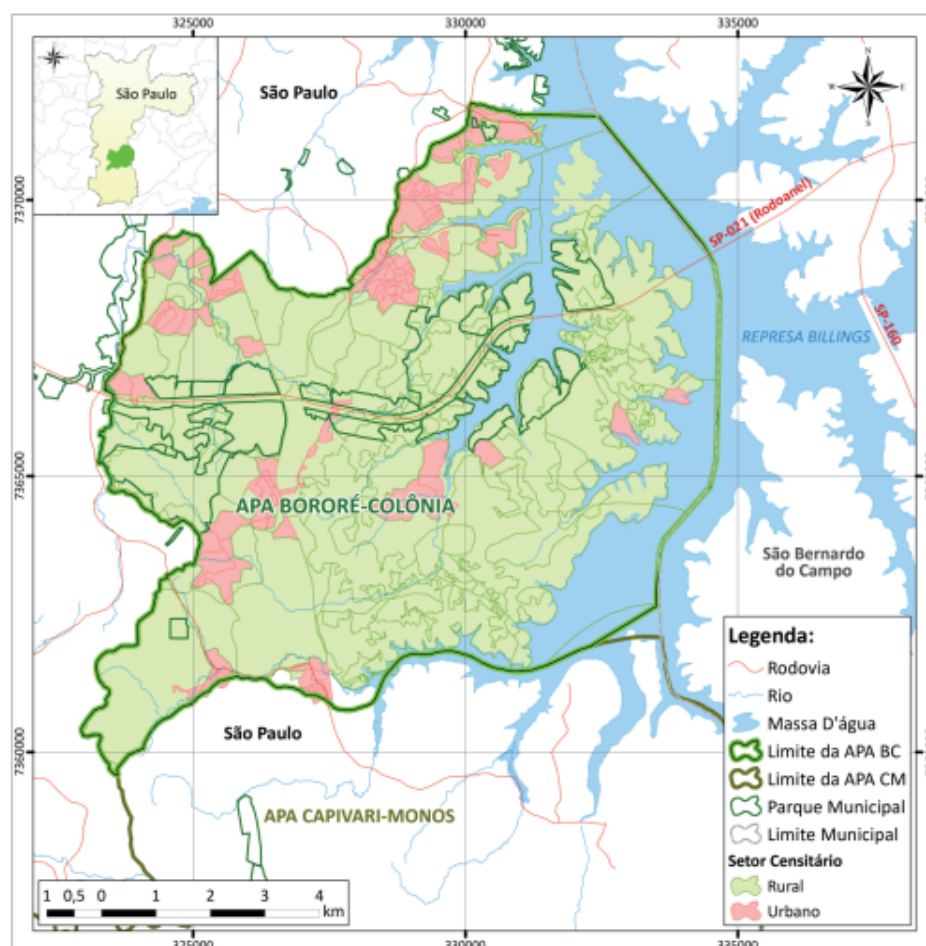
Ainda segundo informações do Plano de Manejo da APA-BC, esta região abriga uma população de 154.392 habitantes, sendo que 86,9% deles habitam setores censitários urbanos. No período de 2000 a 2010 o Distrito de Parelheiros (Subprefeitura de Parelheiros) registrou crescimento de 21,6% e o Distrito Grajaú (Subprefeitura de Capela do Socorro) 7,58%

³⁰ Santo Amaro tornou-se município em 1832 e, em 1935, passou a integrar o território da capital paulista (como já mencionado no tópico 2.2 do presente trabalho).

(SVMA, 2021, p. 30). No distrito de Parelheiros, cerca de 34% da população encontra-se na Zona Rural, já no Grajaú, 66%, como podemos verificar na tabela e mapa a seguir:

| APA-BC | URBANA | RURAL | TOTAL |
|----------------------|--------|-------|---------|
| Distrito Grajaú | 54% | 66% | 85.132 |
| Distrito Parelheiros | 46% | 34% | 69.260 |
| APA-BC TOTAL | 86,9% | 13% | 154.392 |

Tabela 1: Dados acerca da distribuição das populações dos Distritos Grajaú e Parelheiros entre áreas urbanas e rurais. Fonte: SVMA. Ano: 2021.



Mapa 2: Área abrangida pela APA Bororé-Colônia e da distribuição das áreas urbanas (em vermelho) e rural (em verde) - Colônia. Fonte: SVMA. Ano: 2021. p. 30.

O Índice de Vulnerabilidade Social - IPVS³¹ (2010) reflete a vulnerabilidade de populações com relação à pobreza e leva em conta variáveis como a renda domiciliar per capita, o percentual de mulheres de 10 a 29 anos responsáveis pelos domicílios e a situação de aglomerado subnormal (favela). Na APA em questão, mais de 50% dos domicílios recaem nos grupos 5 (vulnerabilidade alta - composto por famílias formadas sobretudo por adultos e idosos) e 6 (vulnerabilidade muito alta - composto por famílias que apresentam grandes quantidades de jovens e crianças e a ocorrência de maior número de gestações).

Com relação à infraestrutura de transportes nesta região, é notável a ocorrência de movimentos pendulares em direção ao centro da cidade de São Paulo e para o bairro de Santo Amaro, que age como uma centralidade regional, apresentando concentração e heterogeneidade de atividades econômicas e fonte de empregos (SVMA, 2021, p. 50).

Ainda como centralidade é possível verificar que Parelheiros apresenta maior demanda dos bairros Colônia, Barragem e Marsilac e as ligações destes têm como destino predominante o Terminal de ônibus Santo Amaro, sua região de entorno e o sistema metroviário. A Estrada da Colônia é seu eixo principal, abastecida por meio de linhas regulares de transporte de ônibus coletivo, convergindo para seu eixo principal estruturado, que dá acesso ao Terminal Parelheiros, subcentro formado em função do comércio, centro de saúde, escolas e outros serviços.

A segunda centralidade de transportes é formada pelo Grajaú e Jardim Eliana, que tem como demanda os Jardins Shangrilá e Lucélia, Bororé e Residencial Cocaia. As principais vias são as avenidas Senador Teotônio Vilella e Dona Belmira Marin. Ainda, outras centralidades de transporte de interesse são Varginha e Cidade Dutra (SVMA, 2021)..

2.4 Área de Proteção Ambiental Capivari-Monos

A APA Capivari-Monos (APA-CM) está localizada no extremo sul do município de São Paulo, nos distritos de Parelheiros e Marsilac, Subprefeitura de Parelheiros. Foi criada a partir da Lei Municipal nº 13.136³², de 09 de junho de 2001, sendo a primeira Unidade de

³¹ O objetivo do IPVS é revelar as desigualdades sociais que ficam mascaradas por indicadores de grandes agregados (dados de países e estados, por exemplo). Apresenta informações sobre o desempenho econômico e social dos municípios, mas não contempla integralmente a questão da desigualdade dentro deles e a situação das suas áreas de concentração de pobreza. Disponível em: <<https://ipvs.seade.gov.br>> Acesso em 15/06/2022.

³² Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13136-de-9-de-junho-de-2001>>. Acesso em: 12/10/2021.

Conservação Municipal de São Paulo, uma área protegida de 25.138 hectares (251 km²) - equivalente a um sexto do território da cidade. Essa área compreende três grandes bacias hidrográficas: Guarapiranga, Billings e Capivari-Monos, sendo as duas primeiras parcialmente e a última totalmente inserida na unidade de conservação (SVMA, 2011, p. 64).

O limite norte é o divisor de águas do ribeirão Vermelho e a Cratera de Colônia; ao sul, junto a Serra do Mar, os municípios de São Vicente (SP) e Itanhaém (SP); a leste; o município de São Bernardo do Campo (SP) e a oeste os municípios de Juquitiba (SP) e Embu-Guaçu (SP). A APA-CM é vizinha da APA Bororé-Colônia e de outras áreas protegidas, como a Terra Indígena Tenondé-Porã, a Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN Sítio Curucutu e o Parque Estadual da Serra do Mar - PESM Núcleo Curucutu.

Historicamente, essa região foi de extrema importância ao longo da formação das primeiras vilas, por tratar-se de zona de passagem entre as vilas do litoral, a freguesia de Santo Amaro e a Vila de Piratininga. No início do século XIX, fundou-se o bairro de Colônia e a região passou a ser efetivamente povoada pelos alemães, que chegaram primeiramente em áreas que hoje fazem parte da APA-BC (como mencionado no tópico anterior), mas que expandiu-se para a porção sul do território, atingindo áreas da APA-CM.

O acesso à Santo Amaro foi facilitado pela construção de vias, como a avenida Senador Teotônio Vilela e assim, novos núcleos urbanos foram sendo formados, como os atuais bairros de Parelheiros, Embura e Gramado (SVMA, 2011, p.17). Já no final do século XIX, fora construída uma linha ferroviária ligando Santo Amaro a São Paulo, permitindo um maior alcance e acesso das populações que ali viviam.

Com o desenvolvimento da cidade de São Paulo e industrialização, agora já em meados do século XX, a região foi acometida com a chegada também de japoneses, que rapidamente fundaram associações com o objetivo de preservar a cultura e as tradições japonesas (SVMA, 2011, p. 19). Na década de 1920, surgiram dois núcleos, Engenheiro Marsilac e Evangelista de Souza, em consequência da inauguração do ramal Mairinque-Santos da Estrada de Ferro Sorocabana, inaugurado em 1938, intensificando ainda mais o processo de ocupação dessa porção mais ao sul da APA-CM, principalmente nas áreas próximas às estações das vias férreas (SVMA, 2011, p. 20). Ainda na década de 1940, houve mais um movimento migratório, dessa vez, de nordestinos que passaram a ocupar essas áreas.

A região de Parelheiros e as áreas ao sul permaneceram como zonas rurais da metrópole e contribuíam com as necessidades de produção, compondo o chamado “cinturão caipira” da cidade. As determinações referentes ao uso dos solos rurais surgiram em 1965, com objetivo de controlar a ocupação urbana dessas áreas, uma vez que acreditava-se que “o

principal fator determinante para a piora da qualidade da água dos reservatórios era a ocupação urbana ao seu redor” (SVMA, 2011, p. 25). Já no final da década de 1970, a região passaria progressivamente pelo processo de metropolização de São Paulo, como um reflexo da especulação urbana, após o processo de desconcentração industrial das áreas mais centrais (SVMA, 2011, p.25).

A APA Capivari-Monos sobrepõe-se parcialmente ao Parque Estadual da Serra do Mar (PESM), o mais extenso parque do estado de São Paulo de domínio Mata Atlântica, com 315.390 hectares. A área sobreposta, classificada como Zona de Regime Legal Específico pelo zoneamento geoambiental da APA, corresponde a aproximadamente 4.398 hectares (SVMA, 2011, p. 23). O Parque é considerado uma Unidade de Conservação de Proteção Integral e nele são permitidos apenas a pesquisa científica, a educação ambiental e o turismo ecológico em algumas partes. No seu interior não são permitidos ocupantes, nem qualquer forma de uso direto dos recursos naturais.

Segundo dados do Plano de Manejo da APA Capivari-Monos (2011), existem em seu interior três Terras Indígenas (todas do povo Guarani Mbya): a TI Barragem, homologada pelo Decreto Federal 94.223/87, possui 26,3 hectares em que vivem 282 famílias totalizando 958 pessoas; a TI Krukutu, homologada pelo Decreto Federal 94.222/87, com 26,8 hectares e 63 famílias habitando-a, totalizando 291 pessoas; e a TI Rio Branco, apresentando 2856 hectares, sendo uma TI Registrada e compreende os municípios de Itanhaém, São Vicente e São Paulo. Nela vivem aproximadamente 64 famílias, com cerca de 300 pessoas (SVMA, 2011, p. 34)³³.

Vale evidenciar que nas APAs Bororé-Colônia e Capivari-Monos, como forma de compensação ambiental à implantação do trecho Sul do Rodoanel Metropolitano Mário Covas, foram criadas quatro novas Unidades de Conservação de Proteção Integral no entorno da APA Capivari-Monos, entregues recentemente: os Parques Naturais Municipais do Jaceguava, Itaim, Varginha e Bororé, os três últimos no interior da APA Bororé-Colônia (APA-BC), considerados alguns dos atrativos turísticos do Polo de Ecoturismo de São Paulo.

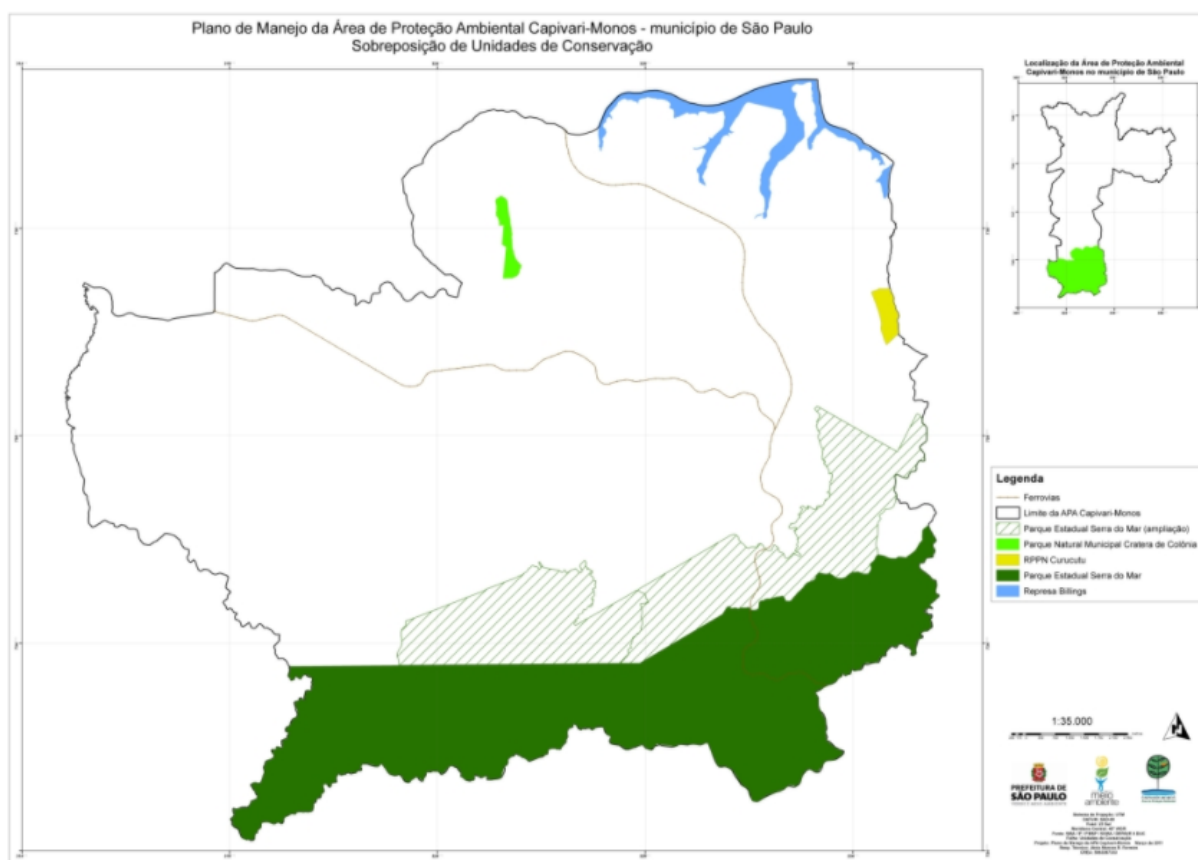
O mapa a seguir³⁴, disponível no Plano de Manejo da APA-CM (2011, p.32), apresenta informações acerca dos limites da APA (linha cinza), Parque Estadual da Serra do Mar (cor

³³ “No caso das TI Barragem e Krukutu, a área homologada é diminuta e não contempla os espaços necessários à reprodução do modo de vida da comunidade, forçada a viver confinada [...] totalmente estranha à sua cultura. Em função dessa realidade, as demandas à FUNAI para a ampliação dessas terras, reconhecendo como Terra Indígena a área que essas populações tradicionalmente ocuparam, remontam a cerca de duas décadas”. (SVMA, 2011, p. 34)

³⁴ Para uma melhor visualização dos dados, o mapa encontra-se disponível:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/imagens/apa_capivari_monos/mapas_plano_manejo/apa_cm_unidadesdeconservacao_b.jpg> Acesso em: 17/06/2022.

verde escuro), Parque Natural Municipal Cratera de Colônia (cor verde claro), dentre outras informações.



Mapa 3: Área da APA Capivari - Monos e sobreposição de Unidades de Conservação. Fonte: SVMA. Ano: 2011.

Ainda, segundo dados do Plano de Manejo, a população interna da APA-CM aumentou do ano 2000 para o ano de 2008 em aproximadamente 80%, passando de 32.625 pessoas para aproximadamente 58.591 pessoas (SVMA, 2011, p. 100).

2.5 O Polo de Ecoturismo de São Paulo

O Polo de Ecoturismo de São Paulo, criado pela lei 15.953/14, surgiu com o objetivo de promover o turismo na região de Parelheiros, Marsilac e Ilha do Bororé (bairro do Grajaú), no extremo Sul da cidade de São Paulo, a fim de estimular o desenvolvimento sustentável, gerar empregos e promover práticas de proteção ao meio ambiente. O Polo ocupa uma área de 28% da cidade de São Paulo (mais de 400 km²) e é marcado por questões que envolvem fragilidade ambiental e uma elevada vulnerabilidade social (SPTuris, 2017, p. 14).

Para aprofundamento dos estudos do potencial dessa região, em 2017, foi lançado o Plano de Desenvolvimento Sustentável do Polo de Ecoturismo de São Paulo (2017), por meio da SPTuris (São Paulo Turismo S.A). Neste Plano há informações bastante detalhadas das principais infraestruturas e serviços identificados como essenciais e estratégicos para o fortalecimento do Polo. Ademais, outro ponto relevante do Plano foi evidenciar a importância dos pequenos empreendedores e da comunidade local para que o turismo sustentável se desenvolva e demonstrar que a atividade turística pode servir de ferramenta para o desenvolvimento social e para a preservação do meio ambiente. A elaboração do Plano foi de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS), que contou com a participação do setor público e da comunidade local, tendo como base os princípios da sustentabilidade (SPTuris, 2017, p. 15).

A região do Polo de Ecoturismo já foi utilizada como passagem do litoral para as vilas localizadas no planalto por indígenas e caboclos. Foi parte do distrito de Santo Amaro até 1935, quando incorporada à cidade de São Paulo e como já mencionado nos tópicos 2.3 e 2.4 do presente trabalho, essa região contou com ocupação de imigrantes alemães, suíços, austríacos e japoneses (estes últimos muito contribuíram para a inserção e desenvolvimento de práticas de agricultura, presentes até os dias de hoje).

O processo de industrialização da zona Sul de São Paulo demandou um elevado contingente de mão de obra e atraiu trabalhadores de outras regiões do país - principalmente da região Nordeste - que se instalaram em vilas operárias, áreas periféricas e favelas. Pela falta de um plano urbanístico e da imposição de leis³⁵ que restringiram a implantação de infraestruturas urbanas, diversos problemas surgiram em decorrência da falta de estrutura e de serviços básicos (SVMA, 2017, p. 34).

Parte desta região é definida como zona rural pelo Plano Diretor Estratégico (PDE) da cidade de São Paulo (Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014)³⁶ (SVMA, 2017, pg. 35). A região apresenta baixos índices de desenvolvimento social e alta vulnerabilidade (sendo o acesso a serviços básicos bastante precário), consequência, em partes, do processo histórico de ocupação sem planejamento. Os três distritos que integram o Polo (Parelheiros, Marsilac e parte do Grajaú) apresentam alguns dos piores desempenhos nos indicadores relacionados à educação, saúde e disponibilidade de equipamentos culturais (SVMA, 2017, p. 36). Indicadores de serviços de abastecimento de água, coleta de esgoto e desigualdade entre as

³⁵ Como ocorreu com a implementação da Lei Estadual de Proteção aos Mananciais (1975).

³⁶ Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16050-de-31-de-julho-de-2014>> Acesso em: 20/06/2022

regiões, encontram-se consideravelmente abaixo da média municipal. Assim, tais particularidades, acrescidas da desordenada e irregular ocupação, podem prejudicar a qualidade dos recursos naturais e auxiliar na propagação de problemas sociais (SVMA, 2017, p.36).

A área do Polo conta com a presença de um território indígena (TI): a Terra Indígena Tenondé Porã, cujos limites foram reconhecidos pela Funai em abril de 2012 e reafirmados por meio da Portaria Declaratória do Ministério da Justiça no ano de 2016 (SVMA, 2017, p. 35). A área possui 15.969 hectares reconhecidos como terras tradicionais do povo Guarani e declaradas como de uso exclusivo dessa comunidade. As atividades turísticas, quando permitidas na área, devem seguir o Plano de Visitação da Terra Indígena (SVMA, 2017, p. 40).

O Polo de Ecoturismo dispõe de nove Unidades de Conservação (UCs), dentre eles: o Parque Estadual (o da Serra do Mar – Núcleo Curucutu), cinco Parques Naturais Municipais, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) e duas APAs. Apesar do grande número de UCs, são poucas as que possuem instrumentos legais – como o plano de manejo e estrutura para receber visitantes e turistas. (SVMA, 2017, p. 36)

Segundo o Plano de Desenvolvimento Sustentável (2017), o Polo de Ecoturismo oferece cinco tipos de turismo (SVMA, 2017, p. 52). São eles: de aventura e ecoturismo, praticado principalmente por um público jovem, com elevado interesse em vivenciar a natureza gastando pouco; religioso³⁷, motivado pelos templos religiosos presentes na região, como o Solo Sagrado de Guarapiranga (ligado à Igreja Messiânica), o Centro de Cultura Asé Ylê do Hozooane (espaço de celebração da religião e cultura afro-brasileira) e algumas igrejas católicas históricas; pedagógico, presente em alguns dos equipamentos do Polo e voltados a promover atividades com alunos de escolas públicas ou privadas e, por fim eventos regionais, contemplados por espaços de eventos com caráter regional.

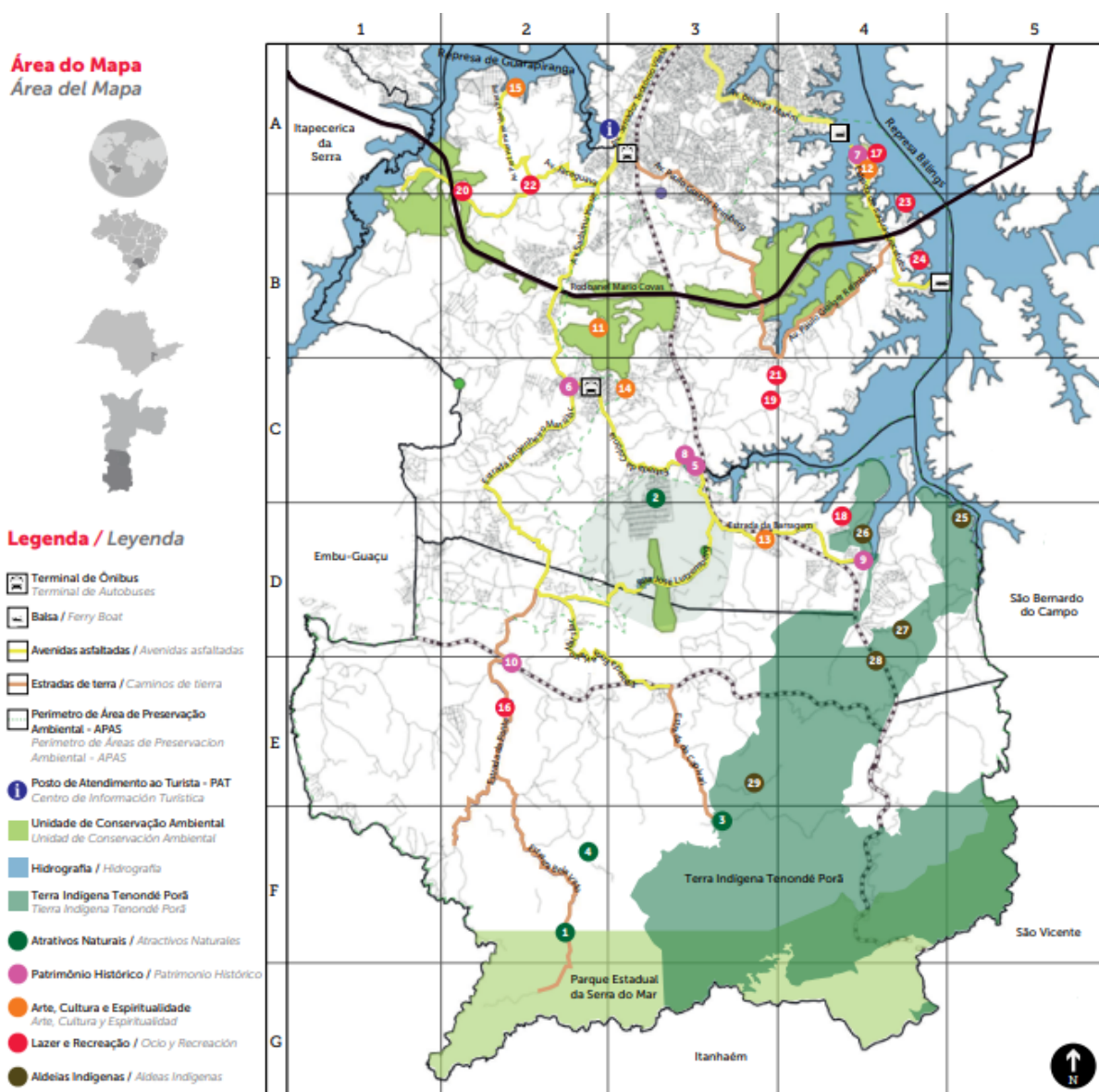
Por fim, os atrativos turísticos estão divididos em 5 roteiros temáticos³⁸, dentre eles: Mata Atlântica (abarca os parques naturais, borboletário, cachoeiras³⁹, mirantes, dentre outros); História e Cultura (presença de cemitérios, igrejas e capelas históricas, Casa do Rosário - acervo de Arte Popular Brasileira); religioso (Solo Sagrado e Centro de Cultura Asé

³⁷ Este tipo de turismo, por envolver interesses muito específicos, eventualmente não possui contato com outras atividades turísticas do Polo. (SVMA, 2017, p.52)

³⁸ Disponível em: <<https://eco.cidadedesao paulo.com/roteiros/>> Acesso em: 15/06/2022.

³⁹ A Cachoeira do Marsilac, em específico, é operada pela Selva SP. Esta empresa oferece infraestruturas de lazer e atividades de turismo de aventura como rapel, tirolesa, trilhas, rafting, stand up paddle e bóia cross. Vale ressaltar que esta cachoeira encontra-se nas dependências da Terra Indígena Tenondé Porã (SVMA, 2017, p.38).

Ylê do Hozooane); cicloturismo (sem informações detalhadas no documento) e náutico (passeios de escuna pelas represas e sítios). A seguir, será apresentado o mapa exposto no Guia de Roteiros do Polo de Ecoturismo com alguns dos atrativos:



Mapa 4: Informações acerca da dimensão e de alguns dos atrativos turísticos do Polo de Ecoturismo de São Paulo. Fonte: SPTuris. Ano: 2017.

Com relação à gestão do Polo de Ecoturismo de São Paulo, este possui algumas organizações e entidades que atuam diretamente na atividade turística, tais como conselhos, associações e órgãos públicos. Dessa forma, o órgão oficial do Polo é o Conselho Gestor do Polo de Ecoturismo (CONGETUR) (SVMA, 2017, p. 48). Este Conselho possui caráter

consultivo e participativo e é formado por representantes tanto do setor público, quanto privado, além da sociedade civil e engloba os principais segmentos ligados ao turismo atuantes nessa área. O CONGETUR, como estratégia, busca pressionar pela continuidade de projetos políticos ligados ao turismo, principalmente quando há alterações na gestão pública. Ressalta-se que o CONGETUR possui participação como convidado no Conselho Municipal de Turismo da cidade de São Paulo (COMTUR) (SVMA, 2017, p.48).

Além do CONGETUR, há o Grupo de Trabalho Intersecretarial, formado por secretarias municipais que asseguram a elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico, monitoram e incentivam a aplicação da lei que cria o Polo e garantem a aplicação de novas políticas, ações e investimentos nas diversas secretarias.

Segundo a Pesquisa de Demanda Real do Polo de Ecoturismo de São Paulo (2017), disponível no Plano de Desenvolvimento do Polo de Ecoturismo (2017), cerca de 70% do público que o visita é proveniente da própria cidade de São Paulo, seguido de municípios do entorno (Taboão da Serra, Itapeverica da Serra, Mongaguá, São Vicente, dentre outros) e do interior do estado, totalizando 10%. O meio de transporte mais utilizado para acessar o Polo é o carro (60%), seguido de transporte público (20%) (SVMA, 2017, p. 49). Os principais motivos de visita são relacionados às práticas de lazer (56%) ou busca por atrativos específicos (17%). O conhecimento do Polo, na maioria dos casos (cerca de 26%), ocorreu por indicação, pela internet (24%), ou até mesmo no próprio Polo de Ecoturismo (21%) (SVMA, 2017, pp. 50 - 51).

Algumas das principais dificuldades relatadas pelo Plano de Desenvolvimento (2017), referem-se ao déficit em infraestruturas urbanas básicas como saneamento, coleta de lixo e mobilidade urbana (há uma frequência elevada de trânsito para acessar a região). São evidenciadas as poucas iniciativas de empreendedorismo e a baixa qualificação da mão de obra local. Ainda, é destacado que a região necessita de gestão e fiscalização ambiental efetivas por parte dos órgãos públicos, principalmente, e um trabalho mais engajado com relação à educação ambiental para as populações locais, de forma a promover um “entendimento sobre a importância e o valor da natureza local” (SVMA, 2017, pp. 75 - 76) e mais envolvimento nas práticas conservacionistas.

Por se tratar de uma área periférica, de elevada vulnerabilidade social, como já visto anteriormente, há situações negativas ligadas à segurança. A falta de regularização fundiária e as invasões provocam situações de insegurança e transtorno para moradores e empreendimentos turísticos. O desconhecimento e a falta de informação sobre o destino,

sobretudo por parte dos próprios moradores, tende a contribuir para a insegurança e até mesmo comprometer o potencial turístico da região (SVMA, 2017, p. 77).

3. Percepções sobre o Polo de Ecoturismo de São Paulo

O capítulo em questão foi elaborado a partir dos resultados obtidos em trabalhos de campo, bem como nas entrevistas com agentes que, de alguma forma, fazem parte das atividades do Polo de Ecoturismo. As entrevistas ocorreram através da ferramenta Google Meet e as perguntas norteadoras estão descritas em Anexo, bem como a transcrição das conversas realizadas.

Para melhor compreensão acerca da implantação e o desenvolvimento das atividades do Polo, foram realizados: 1 trabalho de campo de aproximação no mês de novembro de 2021, tendo como destino a 12ª Edição do Festival Gastronômico e Cultural de Cambuci de Parelheiros, na praça central, próxima à Igreja de Santa Cruz, sendo um primeiro contato com o local-objeto de estudo e 4 trabalhos de campo no mês de julho de 2022.

O primeiro trabalho de campo foi realizado no Pavilhão da Bienal do Parque Ibirapuera, no evento Virada ODS⁴⁰, em que o objetivo principal é engajar a população para as discussões acerca do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Neste evento havia um estande do Polo de Ecoturismo. O segundo teve como destino o evento 15ª Colônia Fest, que ocorreu no bairro Colônia, localizado no extremo sul do distrito de Parelheiros. Este evento encontra-se na Agenda de eventos da Subprefeitura de Parelheiros⁴¹ e foi divulgado nas redes sociais pelo perfil do próprio evento, bem como no perfil do Polo de Ecoturismo⁴², fazendo parte do 8º Festival de Inverno do Polo de Ecoturismo (que conta com eventos turísticos e culturais).

O terceiro trabalho de campo ocorreu com a Agência Toca da Onça e teve como destino a represa Billings, Ilha do Bororé e Parque Municipal Varginha. Já o quarto, teve como destino a Planta Feliz, empresa de coleta de resíduos orgânicos e compostagem nas proximidades da Represa Guarapiranga.

⁴⁰ Disponível em: <<https://viradaodssp.sp.gov.br/>> Acesso em 14/07/2022.

⁴¹ Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parelheiros/acesso_a_informacao/agenda/agenda_2022/?p=116803> Acesso em 15/07/2022.

⁴² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cf46pTOsLrs/>> Acesso em 15/07/2022.

3.1 Visões dos Agentes Locais

A fim de compreender como se deu o processo de surgimento e desenvolvimento das atividades do Polo de Ecoturismo, fora necessário buscar informações com agentes que fizeram e ainda fazem parte deste processo. Antes de abordar alguns pontos principais dos trabalhos de campo e das entrevistas, é preciso apresentar as pessoas que se dispuseram a contribuir com este trabalho, relatando como foi o processo de surgimento do Polo de Ecoturismo, algumas das principais dificuldades encontradas ao desenvolverem suas atividades, dentre outras informações. São eles: Marivaldo, criador da página no instagram “Parelheiros Turístico” - que atualmente conta com mais de 2470 seguidores. A página apresenta divulgações de eventos culturais, de cicloturismo e de alguns atrativos naturais da região; Marina de Camargo, sócia fundadora da empresa Planta Feliz, que desenvolve trabalhos voltados à coleta de resíduos, para a compostagem e minhocultura, produzindo adubo orgânico - localizada nas proximidades da Represa Guarapiranga.

Também participaram das entrevistas: Adrian Meusburger, fundador da agência Vivant SP de passeios náuticos na Represa Guarapiranga; Cibeles, guia de turismo da operadora SelvaSP, que desenvolve atividades voltadas ao ecoturismo e turismo de aventura; Felipe, Adan e Flaviano, alguns dos integrantes do grupo Capivari Manos, que possui uma página no instagram com mais de 1940 seguidores, com o objetivo de divulgarem os atrativos naturais do extremo sul de São Paulo, principalmente; Jai, educador, gestor cultural e morador da Ilha do Bororé - realiza a gestão de projetos educacionais na Casa Ecoativa e, atualmente, desenvolve junto com sua família o projeto Café na Mata, além da agência Balsa Turismo e Cicloturismo; Ferrugem e William do projeto Meninos da Billings, que desenvolvem projetos sociais a partir das receitas arrecadadas pelas práticas de turismo náutico e de base comunitária. Raquel e Lucas Duarte, guias de turismo da Agência Toca da Onça e, por fim, Lucas Lima, organizador do evento Colônia Fest.

O trabalho de campo realizado no evento Virada ODS⁴³, teve como objetivo principal verificar como o Polo de Ecoturismo está sendo divulgado à população. O estande do Polo, contava com um grande telão, divulgando o vídeo institucional⁴⁴ produzido pela Secretaria Municipal de Turismo de São Paulo. A operadora especializada em ecoturismo e turismo de aventura, SelvaSP, também estava presente.

⁴³ O trabalho de campo mencionado ocorreu no dia 8 de julho de 2022.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WmP3EVIW5_w> Acesso em: 16/07/2022.



Foto 1: Estande do Polo de Ecoturismo no evento Virada ODS. Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

Neste dia, foi possível conversar com a Gerente de Operações de Turismo da SPTuris, Raquel Vettori, uma das responsáveis pela elaboração do documento de Roteiros Temáticos do Polo de Ecoturismo⁴⁵, disponível de forma impressa no dia do evento e do Plano de Desenvolvimento de Turismo Sustentável do Polo de Ecoturismo de São Paulo⁴⁶. Segundo a entrevistada, em 2006 quando iniciou os trabalhos na SPTuris, já existia um forte movimento dos empresários e lideranças ativas do território para inserir atividades turísticas nessa área. Como se trata de um movimento anterior ao ano mencionado, Raquel evidencia que a primeira grande conquista desses grupos envolvidos foram as APAs, que oficializaram o território como um local que precisa de proteção, mas que também permite atividades sustentáveis, servindo como uma forma de contenção às invasões e ao desmatamento.

Raquel ressaltou que o movimento de criação das APAs e do Polo reforçam um processo de conscientização da população, a fim de evidenciar que “manter a mata em pé” é algo muito mais vantajoso, do que eventualmente “retirar a vegetação e fazer vários lotes para a venda”. Assim, segundo ela, a proposta efetiva do Polo é de “ter o turismo como fator de desenvolvimento econômico e social do território, gerador de renda”, de forma que a

⁴⁵ Disponível em: <https://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/downloads/2016/11/Polo_ING_Site.pdf> Acesso em: 15/06/2022.

⁴⁶ Disponível em: <https://cidadedesaopaulo.com/wp-content/uploads/2018/04/Plano-Desenv.TurismoSP_site.pdf> Acesso em 15/06/2022.

população “não precise se deslocar diariamente às centralidades, como Santo Amaro ou até mesmo a região da Sé para trabalhar, além de promover a proteção ao meio ambiente”.

Dentre os princípios e conceitos norteadores do Plano de Desenvolvimento do Polo (2017), segundo a Gerente de Operações de Turismo, um deles reforça a necessidade de fortalecimento dos Conselhos Gestores. No caso do CONGETUR, Raquel reforça que sua principal característica é “ser próprio da região. As pessoas são muito donas daquilo”. Ou seja, conforme a gestão da Prefeitura vai se alterando, o CONGETUR mantém-se, sempre buscando maneiras, com os novos gestores, de melhorar o desenvolvimento da região. Raquel afirma que o CONGETUR é o canal de comunicação entre os empreendedores do Polo e a Prefeitura e que há uma boa comunicação entre eles. Salienta também que percebe grandes mudanças nessas localidades, com o surgimento e construção de vários empreendimentos, sejam pequenas hospedagens, propriedades rurais que estão se organizando para receber novos turistas, dentre outros.

Ainda na conversa, Raquel menciona alguns dos projetos ligados à Prefeitura que estão contribuindo com o desenvolvimento das atividades do Polo de Ecoturismo. São eles: o Ligue os Pontos e o Sampa Mais Rural. O Ligue os Pontos⁴⁷ é um projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (ou Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano) com auxílio de outras secretarias e órgãos municipais. É resultado de uma iniciativa para promover o desenvolvimento sustentável do território rural e aprimorar suas relações com o meio urbano a partir dos diversos pontos envolvidos na cadeia da Agricultura⁴⁸.

O Ligue os Pontos tem como objetivo principal promover a sustentabilidade socioambiental no território rural da zona sul de São Paulo, com o fortalecimento da agricultura local, utilizando a tecnologia como ferramenta de integração e coordenação das iniciativas. Dessa maneira, também visa reduzir a evasão populacional das áreas rurais (devido à baixa quantidade de empregos disponíveis), uma vez que a agricultura é uma alternativa sustentável para a região (a prática agroecológica, principalmente), mas que não gera recursos suficientes para garantir uma estabilidade financeira ao produtor.

Já o Sampa Mais Rural (Sampa+Rural)⁴⁹ é uma plataforma que apresenta informações acerca do desenvolvimento rural sustentável, meio ambiente, alimentação saudável, turismo

⁴⁷ Disponível em: <<https://ligueospontos.prefeitura.sp.gov.br/projeto/>> Acesso em: 18/07/2022.

⁴⁸ A cidade de São Paulo conquistou o prêmio Mayors Challenge 2016, promovido pela Bloomberg Philanthropies e recebeu o prêmio principal, com o argumento de que um dos maiores desafios a enfrentar pelas cidades latino-americanas é constituir uma relação sustentável entre as áreas rural e urbana. O prêmio foi distribuído entre diversas iniciativas.

⁴⁹ Disponível em: <<https://sompamaisrural.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso em 18/07/2022.

rural e o turismo ligado à natureza nas zonas rurais da cidade. Essa plataforma está sendo desenvolvida pelo projeto Ligue os Pontos e tem parceria com a Secretaria de Turismo, GeoSampa, SisRural, dentre outros. Cada prestador de serviço, seja um produtor rural ou alguém que faça a gestão de um serviço turístico pode inserir-se na plataforma, identificando o nome da propriedade, a descrição do serviço prestado e a localização. Assim, os dados são incluídos em uma base cartográfica com painéis temáticos, que apresentam as informações enviadas. Vale evidenciar que cada integrante do Sampa+Rural recebe um selo para dar visibilidade, reconhecimento e promover conexões entre os participantes⁵⁰.

Atualmente, a plataforma apresenta mais de 2390 lugares cadastrados⁵¹, que podem ser visualizados e selecionados a partir de filtros de busca, divididos em: agricultura, comércio, turismo e iniciativas. É possível que outras pessoas incluam comentários e até mesmo fotos, contribuindo com a construção da plataforma. A seguir um exemplo de como a plataforma funciona:

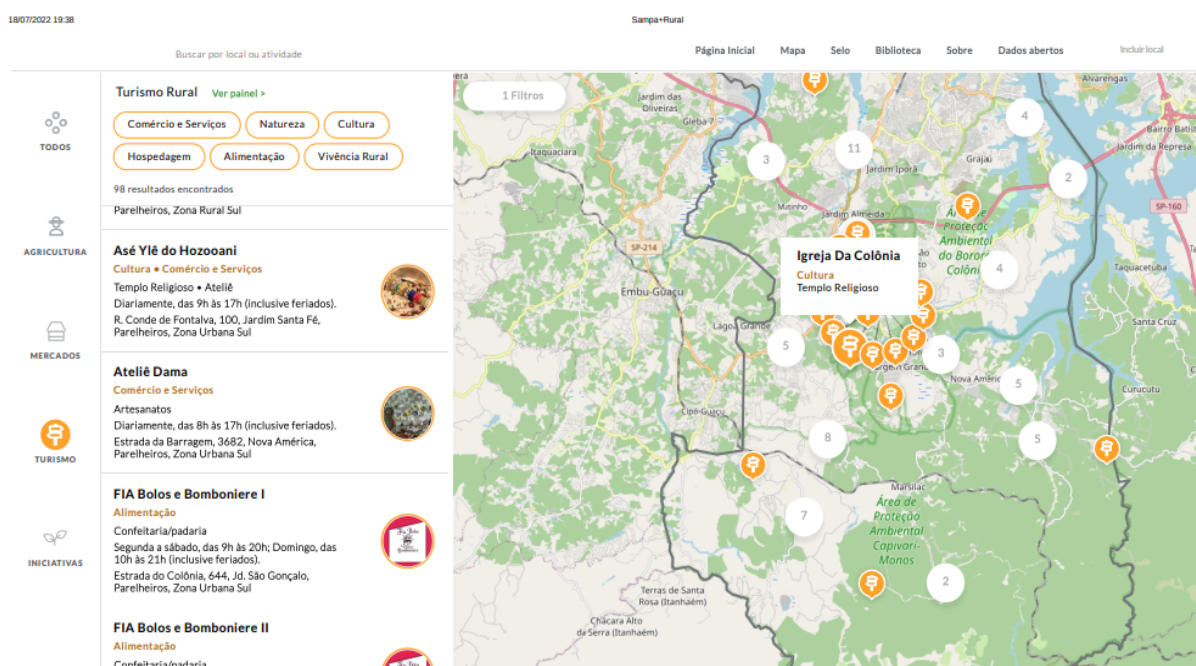


Figura 6: Mapa de busca dos atrativos turísticos da plataforma Sampa+Rural. É possível filtrar por categorias e, para cada localidade, verificar as informações do serviço, como localização, horário de visitação, fotos e comentários de outras pessoas que já visitaram, por exemplo. Fonte: Sampa+Rural. Ano: 2022.

Raquel Vettori salienta que o conceito de turismo envolve o deslocamento das pessoas e o que ocorre no Polo ainda está estruturando-se como uma atividade turística, principalmente pelo fato de que o público alvo ainda é a população da própria cidade de São

⁵⁰ O Sampa+Rural possui dois tipos de selos físicos: um para os locais mapeados pela plataforma e outro para quem comercializa produtos de agricultoras e agricultores da cidade.

⁵¹ As informações correspondem ao mês de julho/2022.

Paulo, que passam algumas horas do dia consumindo os atrativos turísticos. Assim, como uma atividade econômica tem-se: “a retirada do dinheiro das centralidades [da cidade] com destino a esse território. Neste sentido, o turismo faz muito sentido como um fator de desenvolvimento econômico e social”.

Ainda, na conversa, Raquel fala sobre um evento que ocorrerá este ano na cidade de São Paulo, promovido pela ABETA - Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura⁵², no qual costumam participar as principais operadoras destes segmentos do turismo. Geralmente, esses eventos costumam ocorrer em localidades em que o ecoturismo encontra-se fortalecido e desenvolvido. Entretanto, este ano decidiram realizar o evento na cidade de São Paulo, como uma forma de mostrar às pessoas que existem práticas de ecoturismo nessa localidade. Raquel acredita que esta será uma oportunidade única e um divisor na história do desenvolvimento das atividades no Polo, uma vez que pessoas já atuantes nesse segmento poderão conhecer o Polo e, quem sabe, investir ou até promover atividades nele. Informou também que a Prefeitura está fazendo algumas estruturas para receber o evento.

Ao questioná-la acerca de algumas queixas percebidas nas entrevistas com alguns dos agentes que fazem parte do Polo ou de pessoas que consomem os atrativos, com relação à pequena divulgação dos passeios, atividades, dentre outros serviços, Raquel evidencia que é “bem complicado fazer grandes divulgações para um produto que ainda não está tão bem estruturado”, “você pode matar o produto, pois as pessoas podem não conseguir chegar, pode ser um trajeto perigoso e sem a estrutura necessária”. Relata que é uma questão complexa, pois fica difícil investir em algo que não há tanta demanda, mas que também é inviável investir grandes quantias, deixando tudo pronto, para assim passar a divulgar. A demanda e a divulgação precisam ocorrer ao mesmo tempo, mas sente que toda a região que engloba o Polo já está bem mais estruturada, com a presença de agências e operadoras “competentes e preparadas”.

Com relação às Terras Indígenas (TI), a gerente relata que há uma sobreposição de terras, ou seja, há propriedades privadas sobre a demarcação do território das TI, o que provoca alguns conflitos. Segundo Raquel, “você não pode ir na terra do outro, explorar e ganhar dinheiro sobre isso, sem nenhum tipo de repasse, por exemplo”. Ela acrescenta que com o surgimento do Polo, as populações indígenas se afastaram e elaboraram um Plano de Visitação, no qual foi contratado uma consultoria e todo o processo foi liderado pela Funai (Fundação Nacional do Índio). Ressalta que não se pode divulgar as Terras Indígenas, sendo

⁵² Disponível em: <<https://abeta.tur.br/pt/pagina-inicial/>> Acesso em: 18/07/2021.

possível apenas mencionar a existência, mas informar que é preciso notificá-los pelo *site*, realizando um agendamento para visitas. Entretanto, Raquel reforça a importância dessas populações estarem envolvidas em todo o processo, pois “uma terra indígena agrega muito ao produto ‘Polo’” e por isso, precisam estar juntos.

Ademais, Raquel mencionou que a primeira sinalização turística na área do Polo de Ecoturismo não foi realizada pela SPTuris, mas sim pelo Secretário de Transportes da época, o que influenciou as pessoas a buscarem a Terra Indígena, entretanto, sem um devido aviso ou agendamento anterior. Tal situação criou uma certa indisposição por parte da comunidade indígena. Atualmente essas sinalizações já foram alteradas.

Ao buscarmos informações no Plano de Visitação da Terra Indígena Tenondé Porã (2018)⁵³, este tem como objetivo estabelecer regras e trazer informações acerca das condições para visitas às aldeias e atrativos naturais que pertencem à Terra Indígena (TI) Tenondé Porã. O plano inicia-se apresentando características gerais da TI, como a área demarcada (sendo uma porção sobreposta à APA Capivari-Monos e ao Parque Estadual da Serra do Mar), localização e população. Há 8 *tekoa* (identificadas por ‘aldeias’ pelos não indígenas), são elas: Tenondé Porã, Krukutu, Guyrapaju, Kalipety, Yrexakã, Kuaray Rexakã, Tape Miri e Tekoa Porã - a mais recente (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, pp. 6-7).

Logo no início do Plano de Visitação (2018), são abordados alguns dos problemas enfrentados por essa população com relação ao turismo, principalmente a presença de pessoas que utilizam trilhas, cachoeiras e rios que estão inseridas em TI sem a devida permissão, ou seja, tratam-se de práticas informais e sem regulação. Tais práticas, segundo informações do Plano (2018), ganharam um impulso maior após a aprovação da lei de criação do Polo de Ecoturismo em 2014. Segundo eles, esta lei foi implementada sem os efetivos processos de consultas e de informações às comunidades, provocando impactos sobre as populações, devido às novas demandas sobre a TI (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, p. 8).

Tal situação tornou urgente a criação de algum documento que apresentasse as diretrizes para a visitação à TI e, em 2016, foi divulgado o documento “Definições Emergenciais sobre Visitação Turística na Terra Indígena Tenondé Porã” (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, pp.16 - 17), em que são reforçados o dever de

⁵³Disponível em:

<<https://tenondepora.org.br/wp-content/uploads/2018/06/plano-de-visitacao-final-junho-sem-anexo-baixa.pdf>>
Acesso em 20/07/2022.

participação e protagonismo das comunidades nas tomadas de decisões de qualquer atividade que seja realizada nas dependências do território indígena, a exigência do agendamento prévio às visitas pelo *site*, dentre outras diretrizes que são reforçadas no Plano de Visitação (2018).

Ainda neste documento, são abordadas algumas reflexões acerca do comportamento dos *jurua* (não indígenas), como a dificuldade de as comunidades indígenas se encaixarem no tipo de turismo que os não indígenas procuram, ou até mesmo de atingirem as expectativas e estereótipos formados pelos *jurua*. Essas reflexões foram geradas a partir de algumas visitas que ocorreram nas terras indígenas, principalmente de escolas, que geralmente passam algumas horas do dia nas aldeias realizando pequenas trilhas monitoradas, assistindo a palestras e apresentações de cantos Guarani e neste curto período de tempo, há uma grande demanda de informações, requisitando uma grande comunicação, que de certa forma, entra em conflito com o modo de viver das comunidades.

Os *jurua* (não indígena) sempre querem saber muitas coisas, fazem muitas perguntas. São muito curiosos! O que dificulta é o tipo de turismo que os *jurua* querem fazer. Muitas vezes não nos encaixamos no que eles demandam. Não somos de falar muito, é o *nhandereko* (nosso modo de ser). Os turistas querem saber, querem informação (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, p. 12)

Nas oficinas realizadas entre as comunidades indígenas para a confecção do Plano de Visitação, foi discutida a possibilidade de diversificar os tipos de visitas, como a implementação de vivências comunitárias, de até 4 dias com grupos de 5 - 10 pessoas (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, p. 14), com o objetivo de valorizar a vida nas aldeias, de forma que o turista se insira na própria realidade e nos tempos característicos delas. Assim, são realizados mutirões agroecológicos, ecoturismo em trilhas próximas, além de palestras voltadas à formação de professores com o intuito destes levarem os aprendizados e experiências às escolas, na tentativa de reduzir as expectativas quanto aos estereótipos equivocados e preconceitos.

Tinha muito *jurua* que vinha na aldeia achando que ia achar índios pelados! Um dos problemas que o turismo nas aldeias diminuiu nos últimos anos é porque os *jurua* tem uma expectativa estigmatizante das culturas indígenas, achando que elas estão paradas no tempo, que não têm movimento. E daí ficam frustrados quando chegam numa aldeia como a Tenonde. Querem ver um cacique com cocar, pintado...o pajé. Mas nós não temos que ficar disfarçando, fazendo cena só pra agradar os turistas *jurua* (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, p. 13).

O documento passa a falar sobre cada uma das aldeias, as características, os atrativos naturais e os tipos de passeios que os visitantes podem realizar em cada uma delas, sempre evidenciando a necessidade de realizar o agendamento prévio pelo site. Um desses atrativos é a Cachoeira do Marsilac que encontra-se dentro da TI Tenondé Porã, próxima a aldeia Yrexakã. Para acessá-la é necessário percorrer a Estrada do Capivari, saindo do bairro de Marsilac. Durante o trajeto há placas de indicações de acesso e descrições em guias de turismo. Essa cachoeira é operada pela empresa de ecoturismo SelvaSP⁵⁴, que cobra um valor de R\$ 20 por pessoa para acessar a cachoeira e as infraestruturas como bar/restaurante, banheiros ecológicos e estacionamento.

Durante a entrevista com a guia de turismo Cibelee (anexo 5), funcionária da empresa SelvaSP, é informado que a visita à Cachoeira de Marsilac já era uma atividade que ocorria há muitos anos, entretanto de forma desorganizada e irregular, ou seja, um grande contingente de pessoas buscavam a área, devido o fácil acesso e por ser um dos poucos locais de lazer para os habitantes das regiões mais próximas. Entretanto, deixavam uma grande quantidade de lixo, não respeitavam a fauna local, ao utilizarem caixas de som com elevado volume, dentre outras coisas.

Assim, o trabalho desenvolvido pela SelvaSP, permitido pelas comunidades indígenas, foi de organizar o turismo neste local, limitando a quantidade máxima de pessoas que podem acessar a cachoeira por dia (350 pessoas, de acordo com informações do *site*), inserindo um horário fixo de visitação, fornecendo estruturas de alimentação e, consequentemente de destinação aos resíduos, além do estudo e regramentos para utilização dos atrativos, como o fornecimento de pessoas capacitadas para realizarem as atividades de aventura (como tirolesa, rafting, boia cross, rapel e trilhas) - sendo que esta mão de obra é local, capacitados na própria região - e primeiros socorros. Segundo Cibelee, parte do valor arrecadado é repassado para as comunidades indígenas e propriedades privadas que precisam ser acessadas para chegar nos atrativos turísticos.

Como mencionado no Plano de Visitação da TI Tenondé Porã (2018), as comunidades têm avaliado como positiva a atuação e gestão da SelvaSP (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, p. 79). Cibelee relata na entrevista que os sitiantes locais também agradecem pelo trabalho desenvolvido, uma vez que, antes da atuação da empresa a rotina dos proprietários era bastante conturbada, principalmente aos finais de semana. Havia muitos relatos das enormes filas de carros, provocando trânsito nas proximidades dessas propriedades

⁵⁴Disponível em: < <https://www.selvasp.com.br/home1> > Acesso em: 20/07/2022.

privadas, carros estacionados dificultando a saída dos moradores, além de todo o lixo deixado nesses locais.

Outro ponto interessante abordado pelo Plano de Visitação (2018, p. 84) é a chamada Cachoeira do Jamil, que segundo as comunidades indígenas, não pertence ao Jamil e, portanto, não deveria levar esse nome. Essa cachoeira está localizada no encontro do Rio Capivari com o Monos e o acesso é realizado pela Estrada Evangelista de Souza, passando por uma via que atravessa a ferrovia e por uma trilha de plantação de pinus que pertence à propriedade Jamil Saad. Devido aos visitantes passarem por esse trecho em propriedade privada é cobrado um valor de R\$ 20 por pessoa. Entretanto, é importante reforçar que toda essa área que envolve a cachoeira, área para mergulho e prainha estão em área limítrofe da terra indígena, não podendo ser divulgadas ou até mesmo comercializadas por outras pessoas.

Ao buscarmos pela “Cachoeira do Jamil” no *site* de buscas é possível encontrar várias páginas e blogs relatando de forma detalhada como chegar a esse destino. O Plano de Visitação (2018) evidencia que no local não há estruturas para segurança dos visitantes ou até serviços de limpeza. No Centro de Informações Turísticas (CIT) - Parelheiros, a funcionária Márcia, responsável por dar indicações e orientações de passeios, relata que é muito comum grupos de turistas chegarem ao CIT buscando informações acerca desta cachoeira e de outras, no qual o acesso é restrito, seja pela localização em terra indígena ou pelo difícil trajeto e falta de infraestrutura, tornando esses locais perigosos aos turistas, principalmente aqueles que não possuem experiências com trilhas, por exemplo. Márcia também reforçou a informação de que a “Cachoeira do Jamil”, não pertence a este proprietário, mas sim à comunidade indígena.

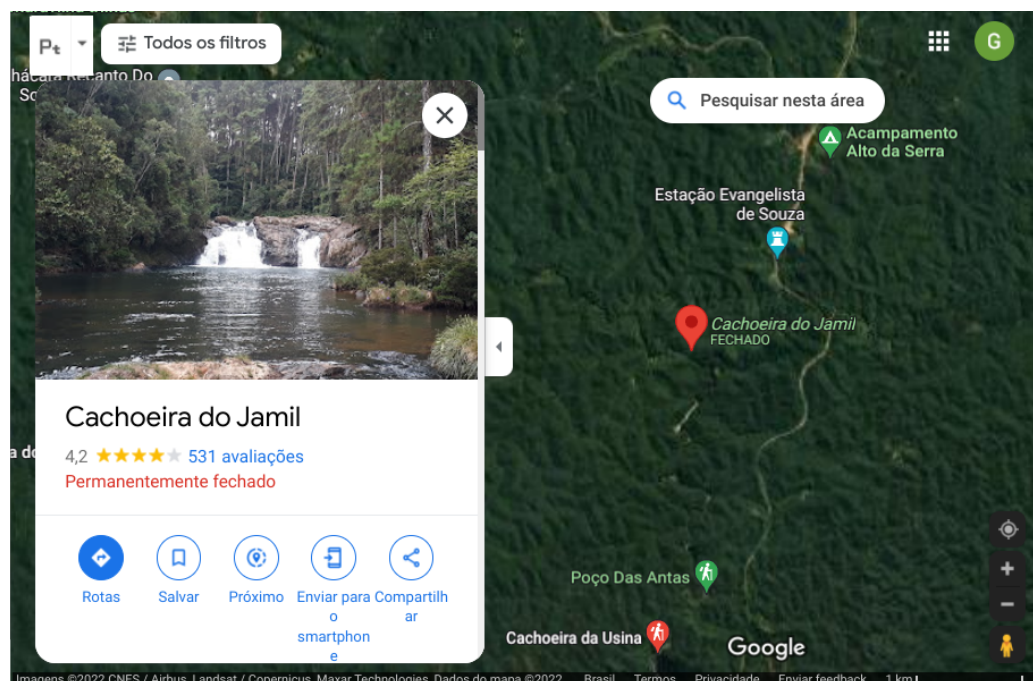


Figura 7: Cachoeira do Jamil, identificada de forma equivocada em *site* de buscas. A cachoeira encontra-se fechada permanentemente⁵⁵, segundo informações do *site*. Fonte: *Google Maps*. Ano: 2022.

O segundo trabalho de campo teve como destino a 15ª edição do Colônia Fest, no dia 10 de julho, no bairro Colônia Paulista (antiga colônia alemã de Santo Amaro), localizado no extremo sul do distrito de Parelheiros. O evento marcou os 193 anos de imigração alemã, sendo que as primeiras famílias chegaram por volta dos anos de 1829. O bairro está inserido dentro da APA Bororé-Colônia e faz parte do Polo de Ecoturismo. O evento é realizado pelo Instituto Sociocultural Colônia Alemã (ISCA), em parceria com a Prefeitura de São Paulo e da Secretaria de Relações Internacionais.

Este trabalho de campo teve como finalidade aferir como se dá a organização de um evento de cunho cultural e tradicional e se o turismo - implementado pelo Polo de Ecoturismo - tem contribuído para a divulgação e atração de turistas para essa região. É sabido que no dia 9 de julho (dia anterior ao trabalho de campo), a agência Toca da Onça realizou um passeio (a preços acessíveis) com saída do CIT - Parelheiros e destino ao Colônia Fest. Este passeio foi divulgado pelas redes sociais e grupos de conversa do aplicativo *whatsapp* da agência. Durante o trajeto até o local do evento, foram passadas aos visitantes informações acerca da imigração e colonização alemã, bem como dos atrativos que são encontrados na região.

⁵⁵ Segundo informações do Plano de Visitação: “[...] As lideranças guarani da Terra Indígena Tenondé Porã declaram oficialmente que a visitação no local por meio do acesso do sr. Jamil está proibida e deve ser imediata e efetivamente interdita” (COMUNIDADE GUARANI DA TI TENONDÉ PORÃ, 2018, p. 87).



Foto 2: Paineis na entrada do bairro de Colônia, indicando a fundação e presença da tradição de famílias alemãs. Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

O evento contou com a apresentação de danças e comidas típicas, feira de artesanatos (não apenas produtos voltados à cultura alemã), a fim de resgatar e integrar a cultura e os costumes dos colonos alemães com as demais culturas da região. A 15ª edição do Colônia Fest consta no calendário oficial de eventos da cidade. Além do evento, o bairro possui o primeiro cemitério particular de São Paulo (também fundado em 1829) e protestante do Brasil e a Cratera de Vargem Grande, bairro que surgiu a partir da colisão de um meteorito há 40 milhões de anos. A ocupação na região iniciou-se na década de 1980 e hoje, mais de 40 mil pessoas moram nessa localidade⁵⁶.

⁵⁶ Disponível em:

<<https://folhadaminhasampa.com.br/noticia/10539/colonia-fest-comemora-193-anos-da-imigracao-alema-em-sao-paulo>>. Acesso em 27/07/2022.



Fotos 3 e 4: Cemitério de Colônia, fundado em 1829 e tombado como patrimônio histórico pelo município.
 Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

Durante o evento, foi possível conversar com alguns vendedores de artesanatos e comidas e foi relatado que o principal público que procura e frequenta este evento, são os próprios moradores do bairro Colônia, sendo famílias tradicionais alemãs ou pessoas de regiões próximas. Eles relatam que com o advento do Polo de Ecoturismo, a região ganhou um pouco mais de visibilidade, fazendo com que alguns produtores rurais, passassem a investir em suas propriedades com o objetivo de receber turistas. Um exemplo disso é o Recanto Magini, produtores de Cambuci - fruta típica da Mata Atlântica - e de alguns derivados, como geleias, cachaças, doces e licores. Atualmente, a propriedade do Recanto está passando por uma reforma com a intenção de receber mais turistas para conhecerem a história e o cambuci e até mesmo de abrir pousadas na propriedade, futuramente.

Ao conversar com Lucas Lima (anexo 9), um dos organizadores do evento Colônia Fest, Lucas comenta que é morador do bairro Colônia há mais de 20 anos e, atualmente, trabalha como assessor parlamentar.

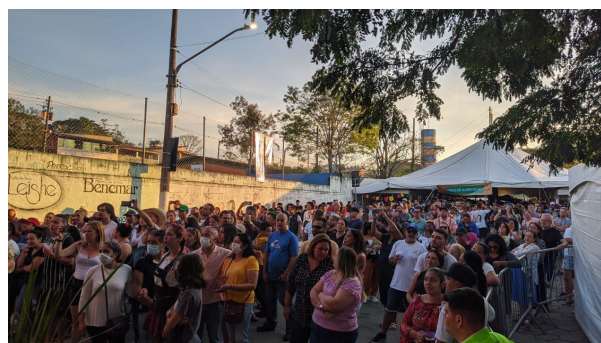
Segundo Lucas, antes do Colônia Fest, para a comemoração do aniversário do bairro, ocorria uma festa em propriedade privada, mas ainda com a participação dos moradores. Em 2006, a partir do movimento de algumas lideranças, como o grupo Jeca - Jovens Empreendedores da Colônia Alemã, a Associação Cívica, o Depósito do Marinho, a Associação Cristã de Ensino e a Subprefeitura de Parelheiros, tiveram a iniciativa de fazer a

1ª Colônia Fest. Com o passar dos anos a festa foi crescendo e tomando o formato no qual ocorre hoje. Devido ao crescimento da festa, foi criado o ISCA - Instituto Sociocultural da Colônia Alemã, formado por moradores do bairro e que tornou-se responsável pela organização do Colônia Fest.

O principal público recebido pelo evento é da própria zona Sul de São Paulo, dos distritos de Parelheiros, Capela do Socorro e Marsilac. Entretanto, Lucas relata que nos últimos anos têm percebido que pessoas de outras zonas da cidade de São Paulo também têm se apropriado da festa, bem como de outros estados. Justamente pelo estilo/temática da festa se assemelhar ao “*Oktoberfest*”, o que atrai pessoas que gostam deste tipo de evento nas redes sociais e em *sites* institucionais.

Com relação ao Polo de Ecoturismo, Lucas reforça que é uma política pública que contribui não só para o evento, mas também para outros locais na região, pois muitas pessoas que passam por lá, com destino ao Colônia Fest, acabam descobrindo outros atrativos nas proximidades. Ainda ocorre uma parceria com a Agência Toca da Onça, levando turistas em algum dos três dias que ocorre o evento. Neste percurso os turistas são levados a conhecerem um pouco da história do bairro Colônia e, em seguida, ao evento. Cerca de 40 turistas são levados pela Toca da Onça anualmente.

Ao final da entrevista, Lucas comenta que a principal dificuldade de se realizar um evento em área periférica é a questão financeira. O Colônia Fest, nos últimos anos, tem recebido verba parlamentar, da Secretaria de Relações Internacionais e de alguns comércios locais. Alega que este evento é importante para suprir a necessidade da população que não tem acesso à cultura, lazer ou algum outro tipo de entretenimento. Assim, o Colônia Fest tem a função social de oferecer à população músicas, danças, culinária, esportes e, consequentemente, renda.



Fotos 5 e 6: À esquerda, palco das atrações da 15ª edição do Colônia Fest. À direita, rua Rua Jackson Pollock – Largo da Igreja Santo Expedito, onde ficam o público, barracas de comida e que ocorre algumas danças tradicionais alemãs. Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

O terceiro trabalho de campo foi realizado com a Agência Toca da Onça⁵⁷, com destino à represa Billings, Ilha do Bororé e Parque Varginha, no dia 16 de julho. Este trabalho teve como intenção experienciar a forma como são realizadas as atividades turísticas por uma das principais agências que atuam no Polo de Ecoturismo.

Além do trabalho de campo, foram realizadas entrevistas com Raquel Duarte (anexo 8), graduanda em Relações Internacionais e monitora ambiental da Agência Toca da Onça e Lucas Duarte (anexo 11), diretor da mesma agência, voltada às atividades de ecoturismo. Ambos moradores do extremo sul de São Paulo.

Raquel relatou que esteve presente em reuniões, encontros com empreendedores, visitas técnicas em diversos locais desde o início da movimentação para o surgimento do Polo de Ecoturismo, pois já trabalhava com um dos idealizadores do Polo, hoje presidente do CONGETUR - Roberto Carlos da Silva, que se candidatou como representante da sociedade civil, da área de agências e operadoras de turismo da região⁵⁸. Segundo ela, antes mesmo da criação do Polo já haviam práticas de turismo na região, principalmente nos clubes, sendo um “turismo mais voltado ao lazer entre famílias”. Assim, as práticas turísticas foram evoluindo e novos grupos de diferentes segmentos foram surgindo, como a Selva SP (como já mencionado anteriormente), grupos voltados ao cicloturismo e a abertura de trilhas no Parque Estadual da Serra do Mar.

Seguindo a conversa, Raquel informou que antes do turismo, trabalhava com recreação de escolas no clube Silcol (Eco Pousada, localizada entre Parelheiros e Marsilac), junto com seu irmão Lucas Duarte (este, desde 2010). Com a expansão das atividades, Lucas e Roberto Carlos passaram a levar escolas às aldeias indígenas, à represa do Capivari e algumas cachoeiras. Dessa forma, decidiram separar as operações e abrir uma agência estritamente voltada ao turismo, como uma forma de abranger todas essas práticas e atrair diferentes públicos.

Assim, surge a Agência Toca da Onça e com ela, o projeto do Ônibus Jardineira, fruto de uma parceria com a Transbrat - Empresa de Transporte Brasileiro, tornando-se um dos símbolos do Polo de Ecoturismo, sendo o principal meio de transporte dos passeios realizados por essa agência e que fica estacionado no CIT - Parelheiros. A ideia desse ônibus (todo

⁵⁷ Disponível em: <<https://tocadaonca.tur.br/?v=19d3326f3137>> Acesso em: 22/06/2022.

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parelheiros/noticias/index.php?p=111888>> Acesso em 26/07/2022.

colorido e sem janelas) é colocar os turistas em um maior contato com a natureza e com as pessoas dos locais por onde passa.



Fotos 7 e 8: À esquerda, o Centro de Informações Turísticas (CIT), localizado na Av. Senador Teotônio Vilela, 8000 em Parelheiros. À direita, o ônibus Jardineira estacionado no Parque Varginha.
 Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

O trabalho de campo iniciou-se no CIT - Parelheiros, no qual foi possível conversar com a funcionária Márcia, que detém um conhecimento enorme da região e visitar uma feira de artesanato de expositores da Associação de Artesão de Parelheiros e Região no Centro de Empreendedorismo e Capacitação (CEG). Os turistas são encaminhados ao ônibus Jardineira com destino à balsa de travessia para a Ilha do Bororé.

Durante o trajeto, a guia Raquel nos trouxe informações da região, como a presença das APAs Bororé-Colônia e Capivari-Monos e evidenciou que nos encontrávamos em uma área muito importante para a preservação de mananciais, pois os rios presentes como o Capivari e Embu-Guaçu (ambos nascem no Parque Estadual da Serra do Mar) abastecem tanto a represa Guarapiranga como a Billings. Raquel também relata que a construção das represas foi fundamental para o crescimento de diversos bairros, com a chegada de trabalhadores e que após a construção da represa, estes mantiveram-se na área, promovendo a ampliação de áreas periféricas, principalmente no entorno da represa, que segundo ela, é um local de preservação.

Ao chegarmos na travessia da balsa para a Ilha do Bororé, Raquel informou que o trecho onde vemos a represa atualmente, antes de sua construção, era possível de ser atravessado a pé e este era um dos trajetos mais utilizados pelos moradores de Parelheiros e imigrantes alemães (moradores do atual bairro Colônia), com direção à Santo Amaro, centro comercial. Em seguida, fomos direcionados ao Prainha Club, um local com restaurante, bar,

música e piscina, que fica localizado em uma das penínsulas da represa Billings, sendo possível até banhar-se na represa. Este é o local de saída para passeios de barco realizados pelo projeto social e de educação ambiental Meninos da Billings⁵⁹, fundado em 2014 por Adolfo Duarte, também conhecido como Ferruge (ou Ferrugem), formado em história e licenciado pela marinha.

O Projeto Meninos da Billings gera receita por meio do turismo náutico e de Base Comunitária e, com o valor arrecadado, mantém projetos sociais na região como o Remada na Quebrada, que ensina a prática do remo às crianças e o Sua Lixeira, que conta com oficinas para construção de lixeiras (com garrafas PET retiradas da própria represa, que também servem de matéria-prima para as eco pranchas usadas nas aulas de canoagem e *stand up*), também instaladas em alguns pontos do Grajaú.

Durante o passeio de barco, Ferrugem e William contam um pouco sobre os projetos sociais que desenvolvem, trazem informações da construção da represa e da fauna e flora da região. Relatam também que têm sentido uma diferença nas cores e melhoria na qualidade da água, após o início das obras de tratamento no Rio Pinheiros, que também deságua na represa e também da facilidade em acessar alguns locais, até mesmo municípios, como Santo André, em muito menos tempo por transporte náutico, quando comparado ao modal terrestre.

Há duas opções de passeios com os Meninos da Billings, um de 30 minutos (custando 30 reais) e um de 1 hora de duração (50 reais). Ao conversar com Will e Ferruge, nos é informado que apenas eles realizam passeios nesse trecho da Billings - “uma atividade pouco explorada”⁶⁰. Entretanto, afirmam que já desenvolveram 10 roteiros diferentes, sendo alguns deles direcionados à uma paisagem mais urbana, mostrando um pouco do Grajaú e outros, mais voltados a uma paisagem rural, de forma a oferecer aos turistas passeios diversificados.

Quando questionados acerca da implementação do Polo de Ecoturismo, nos informam que obtiveram mais visibilidade, o que permitiu uma melhoria na imagem da região. Também permitiu inserir suas atividades em roteiros com outras empresas, como este passeio agenciado pela Toca da Onça. Com o aumento da visibilidade, também têm recebido eventos de empresas e a procura por escolas tem sido maior. Willian evidencia que sempre buscam trabalhar de forma interdisciplinar com as crianças, abrangendo diversas áreas do conhecimento e promovendo visões e sensações diferentes a partir da paisagem.

⁵⁹Disponível em: < <https://www.instagram.com/meninosdabillings/>> Acesso em: 20/07/2022.

⁶⁰ O barco utilizado no dia do passeio pertence à empresa Vivant SP, que realiza passeios náuticos na represa Guarapiranga. A sociedade entre os Meninos da Billings e a empresa Vivant SP é recente.

Will (anexo 10) revela que uma das principais dificuldades para o desenvolvimento desta prática turística está atrelada ao preconceito por áreas periféricas e pelo “estigma de marginalidade, que ainda assusta muitas pessoas”. Por fim, menciona que possuem um contato relativamente próximo com a gestão atual do poder público municipal, o que permite uma facilidade ao desenvolver projetos, como parcerias, mas que "dependendo da gestão esse apoio pode ser maior ou menor”.



Fotos 9 e 10: À esquerda, local de saída e barco utilizado para o passeio com os Meninos da Billings. À direita, vista do Prainha Club para a represa Billings. Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

Após o passeio de barco com o Meninos da Billings, fomos direcionados à balsa de travessia para a Ilha do Bororé, que na realidade, trata-se de uma península. Ao chegarmos na Ilha do Bororé, passamos pela Base de Defesa Ambiental Bororé, seguimos pela Associação dos Moradores da Ilha do Bororé, fundada em 1994 e pela Casa Ecoativa. Neste dia, não foi possível conhecê-la, pois estavam aguardando um outro grupo. Entretanto, foi realizada uma entrevista com o Jai (anexo 7), morador da Ilha do Bororé e gestor de espaços e atividades culturais na Casa Ecoativa, Café na Mata e da agência Balsa Turismo e Cicloturismo.

A Casa Ecoativa surgiu na década de 1990 como um programa de gestão ambiental participativo da península. A comunidade foi a responsável pelo nome, como uma forma de gerar um sentimento de pertencimento. A Casa é um espaço público, que propõe práticas de permacultura, turismo de base comunitária, economia solidária, saneamento ecológico e projetos de reciclagem.

O espaço é de concessão da EMAE - Empresa Metropolitana de Águas e Energia para a SVMA - Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, no qual há três casas que não estavam sendo utilizadas e então, a comunidade articulou-se para organizar esses espaços de forma a promoverem uma função social neste território.

Desde 2013, a Casa Ecoativa desenvolve trabalhos com a escola local Adrião Bernardes, aproximando as crianças da natureza. E, para o ensino médio, há um programa consolidado em parceria com a FAU-USP e alunos da Geografia USP, que é o “Bororé ao Mundo: Memorial Aberto”, promovendo “discussões de cartografia, memórias, investigação da história, dos patrimônios imateriais, voltado à uma formação mais cidadã, de jovens ativos”.

Com relação ao turismo, Jai menciona que há um grande potencial para desenvolvimento desse tipo de atividade, pois trata-se de uma vila do século XIX, que apresenta patrimônios históricos tombados, a Capela de São Sebastião, a represa e até mesmo propriedades de produção agrícolas orgânicas. Jai reforça que para esse tipo de atividade acontecer, precisa estar em acordo com os princípios éticos, ou seja, a prática turística desenvolvida se aproxima do Turismo de Base Comunitária (TBC) e que, inclusive, foi reconhecido pelo Sesc com um selo de iniciativa de TBC, chamado de “Itinerário de Resistência”. O foco do turismo desenvolvido é a educação socioambiental e a preservação da memória. Além disso, a prática de cicloturismo tem crescido, em média, 1000 ciclistas passam pela Ilha do Bororé aos finais de semana.

Quando questionado sobre o Polo de Ecoturismo, Jai relata que a implantação de um Polo é uma discussão bem antiga pela comunidade local, iniciada pela ATIBORÉ - Associação de Turismo da Ilha do Bororé, agência de turismo da ilha, voltada às práticas náuticas, que propôs diversos roteiros, envolvendo visitas às aldeias da Tenondé Porã, por exemplo. Segundo ele, o Polo, agora como uma lei, fortalece em todas as questões, entretanto ainda ocorre de forma “devagar e frágil”, ademais, dependendo do governo pode enfraquecer.

Jai ainda relata que com relação à preservação ambiental, as políticas de fiscalização estão muito fragilizadas, principalmente dentro da APA Bororé-Colônia, no qual ele possui mais contato e conhecimento. Ele reforça as questões do uso desordenado do solo, grilagem e especulação da terra, que vêm ocorrendo de forma abrupta nestes últimos tempos, mas enfatiza que esse movimento é fruto de como a cidade é construída, expulsando para as áreas periféricas as pessoas mais fragilizadas e ressalta que “não é culpa das pessoas precisarem ir para esses locais e desenvolverem o morar”.



Fotos 11 e 12: À esquerda, o Mural Memória Ilha do Bororé, contando a história da península, desde a presença das comunidades indígenas, até os impactos causados pela construção da represa e rodanel. À direita, a Capela de São Sebastião - Patrimônio Histórico da Cidade de São Paulo, inaugurada em 1904 e tombada em 2013. Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

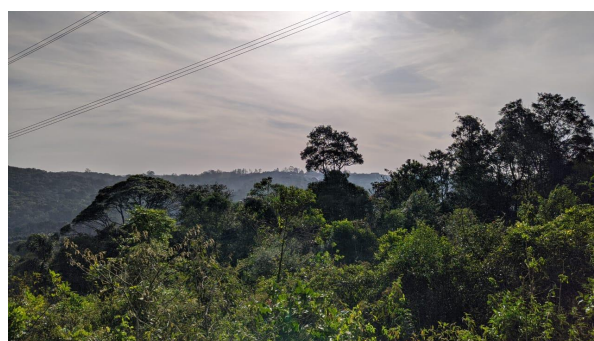
Seguindo o passeio com a agência Toca da Onça, a guia Raquel reforça a importância do trabalho da Casa Ecoativa, informando aos turistas alguns dos projetos que desenvolvem com a comunidade e fala sobre a história de ocupação da Ilha do Bororé, sendo auxiliada pelo Mural Memórias, que aborda momentos importantes para a constituição histórica desse território e, por fim, a história da Capela de São Sebastião, construída em 1904. Raquel finaliza sua fala abordando sobre a Terra Indígena Tenondé Porã, constituída de várias aldeias, mas que mesmo sendo da mesma etnia, cada aldeia possui regras e costumes próprios. O passeio seguiu com direção ao Parque Varginha, com auxílio do ônibus Jardineira.

O trajeto até o Parque Natural Municipal Varginha ocorreu em estrada de terra (maior parte) e passamos por algumas grandes propriedades agrícolas, com foco na produção de verduras. Ao chegarmos no Parque Varginha, localizado no bairro Chácara Santo Amaro (em uma faixa de transição entre a expansão urbana do distrito Grajaú e as áreas mais preservadas do extremo sul do município de São Paulo), nos foi informado que o parque trata-se de uma compensação ambiental pela construção do trecho Sul do Rodanel Governador Mário Covas, dessa forma, o parque possui uma administração público-privada. Além dos outros três Parques Naturais Municipais (Itaim, Bororé e Jaceguava), há no extremo sul da cidade os parques Ribeirões, como o Cocaia e Colônia, que são voltados ao lazer da população (em que é permitido andar de bicicleta, passear com animais, por exemplo). As trilhas no Parque Varginha podem ser realizadas com os funcionários, mas também de forma autoguiada.

Raquel Duarte reforça que o objetivo desses parques é preservar a área verde e frear o desenvolvimento dos bairros adjacentes. Apesar de tratar-se de Unidades de Conservação de

Proteção Integral, em 2019 a gestão do parque decidiu abrir pequenos trechos deles para visitação ao público, de forma a conscientizar a população da importância da preservação ambiental. As trilhas e casas encontradas dentro desses parques, como as que encontramos no Parque Varginha, faziam parte das estruturas de antigos sítios da região que foram reaproveitados, para fornecer banheiros ou salas de reuniões aos usuários. Os funcionários do parque ainda ressaltam que na região, além do avanço da urbanização, há ocorrência de incêndios, principalmente no Parque Jaceguava, que apresenta vegetação do bioma Cerrado. No dia da visitação ao Parque Varginha, era possível avistar nas proximidades a ocorrência de focos de incêndio, que segundo os funcionários, são bem mais comuns em estações do ano de baixa pluviosidade como outono e inverno.

A informação sobre incêndio trazida pelos funcionários do parque, reforça a fala do Guarda Ambiental Aparecido, durante uma conversa no evento Virada ODS, no dia 8 de julho. Aparecido comentou que a ocorrência de focos de incêndios tem se tornado cada vez mais frequente, principalmente no extremo sul de São Paulo, em áreas de preservação. Geralmente esses incêndios estão atrelados às práticas de grilagem que ocorrem na região, com o intuito de retirar a vegetação de forma rápida e vender lotes de terra a preços baixos. Aparecido ainda evidenciou que o processo para a contenção da construção desses lotes é extremamente burocrático e muito demorado e, por isso, quando os guardas retornam às áreas – em que antes não haviam pessoas morando - encontram vilas ou bairros já formados, entretanto sem o mínimo de infraestrutura urbana necessária para promover qualidade de vida a essas populações.



Fotos 13 e 14: À esquerda, propriedade agrícola no trajeto para o Parque Natural Municipal Varginha. À direita, vista de contemplação da paisagem do Mirante da Trilha do Içá. Autora: Glória Lima. Ano: 2022.

O trabalho de campo foi finalizado no CIT - Parelheiros, bem próximo ao terminal Varginha. Vale mencionar que a maioria das pessoas que participaram do passeio, eram

moradores da própria zona sul de São Paulo, vindos de Parelheiros, Marsilac e Interlagos; havia outras pessoas de Santo André e Embu-Guaçu.

Ainda com relação à entrevista realizada com Lucas e Raquel Duarte, eles mencionam que algumas das principais dificuldades para desenvolver o trabalho na região é a questão da divulgação, que ainda está em processo de estruturação, como melhorias no *site* e um novo guia turístico; e também das estradas, pois muitas são de terras e exigem manutenções frequentes, o que não ocorre. Lucas também evidencia que ainda há uma carência de hospedagens e restaurantes na região, dificultando estadias mais duradouras. Já com relação ao público que busca os passeios da Jardineira, Raquel relata que após a pandemia, sente que as populações locais passaram a descobrir mais a região em que moram e, como consequência, têm buscado os passeios oferecidos pela Jardineira. O público que mais procura o trabalho da Jardineira são famílias e amigos, com foco em um turismo mais rural, além do ecoturismo. Já a agência Toca da Onça promove atividades mais voltadas às escolas (com atividades socioambientais), mas também a trilheiros.

O quarto trabalho de campo, ocorrido no dia 20 de julho de 2022, teve como destino a empresa Planta Feliz⁶¹, localizada próximo ao Solo Sagrado Guarapiranga e que desenvolve trabalhos voltados à coleta de resíduos orgânicos, para a compostagem e minhocultura, produzindo adubo orgânico, além de vivências pedagógicas e práticas de Turismo Rural. A Planta Feliz é administrada pela Marina Camargo (formada em hotelaria, com especialização em administração e empreendedorismo) e pelo Adriano Sgarbi (formado em organização e gestão de eventos) e surgiu em 2009, por um incômodo de Marina ao mandar seus resíduos orgânicos para os aterros. Com isso, passou a fazer compostagem na própria casa e a coletar resíduos dos familiares e amigos. Foi no ano de 2015, que Marina formalizou a Planta Feliz e passou a vender os produtos.

A propriedade na qual a empresa encontra-se desde 2018, foi adquirida em 1940 pelo bisavô de Adriano - Max Satzke - refugiado da Alemanha no período da Segunda Guerra Mundial. Nesta propriedade, passou a fabricar salsicha, fundando uma sociedade com Alexandre Heder. Como resultado dessa sociedade, surgiu o Frigorífico Santo Amaro, que depois foi renomeado para Frigorífico Heder, localizado nas proximidades de onde encontramos hoje a Santa Casa de Santo Amaro. Em 2019, a empresa foi formalizada com CNPJ e em 2020, foram acelerados pelo projeto Ligue os Pontos, da AdeSampa.

Marina nos informou em entrevista (anexo 3 - ocorrida em momento anterior ao trabalho de campo) que grande parte do terreno possui vegetação nativa preservada e até uma

⁶¹ Disponível em: <<https://www.plantafelizadubo.com.br/>> Acesso em 19/06/2022.

nascente. No total, a propriedade da Planta Feliz possui 42 mil metros quadrados e além da vegetação, as infraestruturas, como as antigas casas dos colonos, também estão preservadas e algumas foram revitalizadas a fim de utilizá-las como meio de hospedagem pela plataforma Airbnb. Também reforça a importância de contar a história da família e da propriedade na qual se encontram hoje, pois muitas pessoas os procuram pelo trabalho com compostagem e acabam descobrindo o potencial histórico e turístico que a propriedade e a região apresenta.

Durante a visita à Planta Feliz, Marina nos explicou o passo a passo do processo de compostagem e informou que realiza coletas comerciais (como empresas e restaurantes) e residenciais, sendo que atualmente possuem mais de 150 assinantes residenciais. Para a coleta residencial é utilizado um saco de milho e mandioca, recebido semanalmente pelos clientes, que se decompõem em até 40 dias, não gerando nenhum microplástico. A compostagem realizada pela Planta Feliz não apresenta restrições, ou seja, todos os resíduos podem ser encaminhados, como ossos, guardanapos, cítricos, dentre outros. Com relação à atividade turística, quem mais os procura são famílias em datas pré-agendadas, que estão à busca de passeios rápidos, dentro da própria cidade, que envolvam a natureza.

Além da explicação de todo o processo de compostagem, Marina nos levou à nascente, à horta e apresentou algumas árvores frutíferas, como pé de cambuci, goiaba e abacate, que em período de colheita, é possível comercializá-los. Há também um pequeno museu que conta um pouco da história do frigorífico e da propriedade, a partir de vestimentas, fotos dos trabalhadores do frigorífico e propagandas dos produtos. No museu, há a loja da Planta Feliz, onde é vendido o húmus sólido e líquido concentrado ou diluído, mel, cambuci congelado, artesanatos feitos por Adriano com o bambu encontrado na propriedade, dentre outros produtos.



Fotos 15 e 16: À esquerda, placa informativa dos serviços prestados pela Planta Feliz. À direita, casa revitalizada e utilizada para hospedagem pela plataforma Airbnb. Autora: Glória Lima. Ano: 2022

Em entrevista, quando questionada acerca da influência do Polo de Ecoturismo, Marina expressa que não participou do processo de formação do Polo e se questiona da funcionalidade do mesmo: “Para quê ele serve? E o que exatamente ele faz?”. Atualmente, devido à evolução da Planta Feliz, eles têm sido convidados a participar de atividades do Polo, como reuniões, oficinas e *workshops*, mas que não tem visto vantagens à própria empresa ao participar nestes eventos. Até então, o Polo de Ecoturismo não tem agregado efetivamente ao desenvolvimento da Planta Feliz.

Marina comenta que em uma das oficinas na qual participou, ocorreu em parceria com o Sebrae para a formação de roteiros envolvendo empresas que prestam serviços ligados a atrativos naturais, hospedagens e alimentação, sendo divididas em grupos. Dos sete grupos que estavam presentes, apenas alguns apresentaram roteiros que, no entanto, nunca saíram do papel. A Planta Feliz também possui uma parceria com a Agência Toca da Onça (inserida no roteiro chamado “Águas Sagradas”) há quase um ano e ainda não conseguiram fechar um passeio, devido à baixa adesão⁶². Ainda, Marina reforça que sente que há um preconceito com relação à zona Sul de São Paulo, seja porque é longe ou porque é perigoso, mas reforça que os agentes envolvidos na atividade turística, precisam investigar a fundo do porquê existe uma baixa adesão aos passeios, para assim solucionar da melhor maneira e colocar esses roteiros em prática. Vale ressaltar que, segundo Marina, a receita gerada pelo turismo na Planta Feliz é cerca de 40% do total.

Quando questionada acerca da percepção se o turismo tem gerado desenvolvimento socioeconômico na região, Marina evidencia que percebe um desenvolvimento, comparado com anos anteriores, mas que poderia gerar muito mais e reforça que tanto políticas voltadas ao turismo, quanto políticas públicas gerais tendem a privilegiar apenas alguns grupos.

Por fim, Marina aponta que “ninguém cresce sozinho” e, portanto, quando realiza eventos na Planta Feliz, procura abrir o próprio espaço para que produtores locais também possam comercializar suas produções, fazendo com que os visitantes tenham uma noção maior do que a Zona Sul - a periferia - apresenta, desmistificando alguns dos estereótipos e preconceitos enraizados.

⁶² O site da Jardineira, divulgou no mês de julho, o roteiro Águas Sagradas com previsão para acontecer no dia 31 deste mesmo mês. Entretanto, o passeio não ocorreu. O valor cobrado para realizá-lo era de R\$ 165 por pessoa, envolvendo o trajeto de barco pela represa do Guarapiranga pela empresa Vivant SP e paradas na Planta Feliz, Casa da Girafa, Clube Rincão e Hostel 3º Lago. A Planta Feliz cobra uma taxa de R\$ 20 para visitação.

Pensando em proximidade geográfica, na vizinhança da Planta Feliz, temos a empresa náutica Vivant SP⁶³ que realiza passeios de barcos na represa Guarapiranga, fundada em 2016, por Adrian Meusburger. Adrian, durante entrevista (anexo 4), comenta que trabalhava em um banco alemão e quando recebia os diretores e outros funcionários vindos da Alemanha, percebia um certo desânimo desses visitantes ao sempre serem levados no Parque Ibirapuera, Beco do Batman, dentre outros locais e questionavam: “Só o Parque Ibirapuera? O que mais tem para fazer nessa cidade?” E assim, passou a levar algumas dessas pessoas para conhecer a represa do Guarapiranga, pois desde a infância já tinha um contato com a represa, velejando.

Após sair do banco, percebeu na represa uma possibilidade de desenvolver um trabalho náutico mais personalizado e sofisticado, diferente de uma escuna, voltado a um público mais seletivo. Assim, em 2016, Adrian comprou uma lancha e passou a oferecer esse tipo de serviço, voltado à famílias, casais (cerca de 70% do público que os procuram) e grupos empresariais. Com o tempo, foi adquirindo novas lanchas e atualmente possui as maiores encontradas na represa.

Para iniciar os trabalhos, em 2016, Adrian procurou entender melhor o alcance do conhecimento das pessoas acerca da represa Guarapiranga e, para isso, entrevistou cerca de 400 pessoas, sendo que apenas 2% tinham conhecimento ou apenas ouviram falar sobre ela. Com base nisso, quando conduz os passeios, procura disseminar informações às pessoas, reforçando a importância de uma represa como a Guarapiranga, para abastecimento da cidade de São Paulo e também da biodiversidade. A missão da empresa, segundo Adrian é: “Trazer à tona a represa, a sua importância. Mostrar que existe uma represa na cidade de São Paulo que está a 20 minutos do shopping Morumbi, por exemplo”.

Atualmente, tem buscado realizar passeios coletivos, de forma a baratear os valores, para atrair mais pessoas. Quem mais procura os passeios coletivos são empresas, para realizarem *workshops* ou comemorações, por exemplo. Mas, para os coletivos, também estabeleceu uma parceria com a Toca da Onça, com o roteiro “Águas Sagradas”.

Com relação ao Polo de Ecoturismo, Adrian informou que o próprio CONGETUR o procurou, interessados em inserir a área da represa Guarapiranga também nos atrativos do Polo. Assim, relatou que a empresa ganhou maior visibilidade, formalização da prática turística na região e roteirização: “Eles [os clientes] não querem apenas um passeio de barco, mas sim o passeio, depois passar num hostel com um café da manhã típico da região de Parelheiros, depois passar na Planta Feliz e esse tipo de coisa vende super bem, chama muito a atenção. Então, é uma questão de unir forças e isso é muito importante no turismo”.

⁶³ Disponível em: <<https://www.vivantsp.com.br/>>. Acesso em 02/07/2022.

Ao questioná-lo acerca dos roteiros, Adrian nos informou que as principais dificuldades para colocá-los em prática estão relacionadas às infraestruturas públicas náuticas. Isto se deve à falta de píeres públicos, pois a Vivant SP encontra-se dentro do Clube de Campo do Castelo e para realizar passeios que envolvam muitas pessoas, elas precisam utilizar o espaço privado do clube, o que poderia incomodar tanto a gestão, quanto os sócios do clube. Assim, Adrian menciona o lançamento do edital para concessão de sete parques na orla da represa do Guarapiranga. Os parques incluídos no projeto são: Guarapiranga, Barragem da Guarapiranga, Praia do Sol, Linear Castelo, Linear Nove de Julho, Linear São José e no novo parque Praia São Paulo⁶⁴.

Este edital prevê a concessão (prazo de 25 anos) para conservação, manutenção e reforma dos sete parques, sendo que seis deles já estão em operação. Ainda consta a inserção de novos atrativos e pontos de apoio aos visitantes, infraestruturas turísticas como torres de observação, decks para lazer, funicular, passarelas, com o intuito de promover o desenvolvimento do ecoturismo e educação ambiental. Ademais, está prevista a implantação de píeres náuticos, para facilitar embarques e desembarques, de forma a consolidar o turismo náutico na represa.

Ainda no edital, há o projeto de Parceria Público Privada para implantação do CTEC Guarapiranga - Complexo Turístico, Educacional e Cultural da Guarapiranga, no qual serão requalificadas as edificações do antigo clube Santa Paula para inserção de um centro educacional e um TEIA (*coworking* público).

Adrian finaliza a entrevista mencionando que a divulgação dos passeios e atrativos do Polo de Ecoturismo é pouco difundida, como se fosse “cada um por si” e que se sente muito perdido em determinados momentos, pois se o empreendedor não corre atrás de informações ou contatos com pessoas influentes no ramo, como políticos e secretários “fica difícil desenvolver o trabalho”. Também relata que há pouca informação difundida no vetor sudoeste da cidade, onde encontram-se hotéis de alto padrão, que recebem empresários (turistas de negócios) e que são potenciais consumidores dos atrativos turísticos que encontram-se no Polo.

As duas últimas entrevistas que serão comentadas a seguir, foram realizadas com pessoas que possuem páginas em redes sociais de grande influência na região em que se encontra o Polo de Ecoturismo, com o objetivo de divulgar eventos e atrativos naturais. O primeiro deles é Marivaldo Lopes (anexo 2), técnico em Gestão Pública pela Etec Cepam,

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/noticias/index.php?p=329991>> Acesso em 12/07/2022.

graduado em Relações Públicas e Comunicação Social e fundador da página do *facebook*, com mais de 12 mil curtidas e perfil do *instagram* “Parelheiros Turístico⁶⁵”, que atualmente conta com mais de 2470 seguidores⁶⁶.

Durante sua formação, Marivaldo foi convidado a dar algumas palestras no Senac, em 2014, sobre meio ambiente e abordou algumas questões sobre o ecoturismo, eventos culturais e ambientais que acontecem em Parelheiros e também sobre a lei do Polo de Ecoturismo, evidenciando que houve um movimento de organização por parte dos moradores (empreendedores regionais) para a regulamentação desse tipo de atividade.

Marivaldo afirmou a importância de seu trabalho para as pessoas conhecerem a região, pois costumava ouvir comentários bastante negativos, influenciados pela mídia, principalmente. Entretanto, com a implementação da Lei do Polo de Ecoturismo, as emissoras de televisão e os jornais mudaram o discurso, na tentativa de influenciar as pessoas a buscarem os atrativos na região.

A criação da página coincidiu com a implementação da Lei do Polo, o que o permitiu acompanhar o processo e criar uma rede de contatos locais, ajudando a divulgar o seu trabalho. Relata também que as reuniões do CONGETUR costumam ser divulgadas nos grupos de empreendedores da região e em páginas oficiais que possuem pouco alcance, o que dificulta o acesso à informação daqueles que não estão totalmente inseridos nas atividades. Com relação à capacitação das pessoas, para atuarem no segmento do turismo, Marivaldo afirma que desde 2014 a região vem recebendo incentivos fiscais para o desenvolvimento do Polo, como o Investe Turismo (do Governo Federal), há os cursos de capacitação do Sebrae (que ocorrem na própria região, evitando que as pessoas precisem se deslocar para outras localidades) e também o Ligue os Pontos, voltado ao desenvolvimento da zona rural da cidade de São Paulo.

Marivaldo informa que participou do edital do Ligue os Pontos e foi contemplado em um projeto de cicloturismo, sendo sua primeira experiência como empreendedor. Ele faz parte do Bike Zona Sul, um coletivo que luta por mais ciclovias, bicicletários e mais segurança para desenvolver essa atividade na cidade. Ainda relatou que há infraestruturas para que os empreendedores, principalmente os pequenos, como o Teia Parelheiros, um programa realizado pela ADESAMPA – Agência São Paulo de Desenvolvimento, que são *coworkings* públicos, permitindo o desenvolvimento de negócios e a criação de redes empreendedores locais. Há também a Escola de Agroecologia de Parelheiros, instalada no Parque Nascentes do

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/parelheirosturistico/>> Acesso em 22/07/2022.

⁶⁶ Dado coletado no final do mês de julho de 2022.

Ribeirão Colônia, que realiza oficinas, cursos e palestras voltadas a agricultores e moradores locais, difundindo práticas agroecológicas.

Com relação ao turismo, Marivaldo percebe que o público que mais busca a região são famílias de diversas localidades, geralmente através dos passeios promovidos pela Agência Toca da Onça. Mas percebe que as pessoas que procuram a página Parelheiros Turístico não moram na região e este é um dos seus objetivos futuros: buscar conexões com os moradores locais. Quando questionado acerca do desenvolvimento socioeconômico, como consequência do turismo, Marivaldo relata que percebe que o turismo tem influenciado de forma positiva e que alguns moradores têm se movimentado e especializado para melhorar suas propriedades e promover um serviço de qualidade aos turistas.

Já as principais dificuldades encontradas para o desenvolvimento do turismo, Marivaldo percebe que as infraestruturas públicas são um dos principais desafios na região, como a inauguração do Hospital de Parelheiros, que ocorre de parte em parte e que é fundamental não só para os moradores, mas também em algum incidente nas atividades turísticas. Em relação aos transportes, alguns bairros não possuem linha de ônibus local, fazendo com que a população precise se deslocar para acessar o transporte público.

Marivaldo nos informa que quando a população se organiza para solicitar melhorias no setor de transportes ou em infraestruturas de saneamento nesses locais mais afastados, por exemplo, a Prefeitura apresenta o discurso de que a implantação desses serviços não pode ocorrer em áreas localizadas dentro da APA, em decorrência do impacto ambiental que pode ser gerado.

Ademais, há a questão da acessibilidade, pois as únicas vias de acesso aos atrativos turísticos são a Avenida Teotônio Vilela (sendo mais aberta) e a Estrada Ecoturística (apenas uma via de ida e volta), o que provoca muito congestionamento, principalmente em horários de pico ou até mesmo no final do dia, durante o fim de semana - o que foi vivenciado durante o trajeto de volta do trabalho de campo, com destino ao evento Colônia Fest, no dia 10 de julho de 2022. Por esse motivo, Marivaldo busca incentivar cada vez mais o uso das bicicletas e em conjunto com o Bike Zona Sul, buscam por caminhos vicinais, que não apresentam grandes movimentações de veículos, sendo uma alternativa mais segura para a prática de ciclismo.

Marivaldo finaliza a entrevista divulgando alguns dos atrativos naturais que ele mais gosta e, mesmo tendo conhecimento dos pontos negativos da região, procura destacar as partes positivas, reforçando que este é o trabalho que procura desenvolver nos perfis das redes

sociais que administra: levar conhecimento e inspirar as pessoas a conhecerem da zona sul de São Paulo.

A última entrevista foi realizada com alguns dos participantes do grupo Capivari-Manos (anexo 6), que administram o perfil da rede social *instagram* com o mesmo nome⁶⁷, com mais de 1900 seguidores. Participaram da entrevista, alguns dos integrantes do grupo: Felipe, Adan e Flaviano. Segundo Felipe, o grupo iniciou-se em 2012, foi crescendo e agregando novos integrantes, sendo que em 2017, passaram a escrever artigos para o Jornal Folha da Minha Sampa, de Parelheiros, voltados ao meio ambiente e, assim, criaram o perfil na rede social *instagram*.

Felipe relata que é professor de biologia em uma escola da região e que costuma trabalhar com os alunos questões acerca das Unidades de Conservação, como as APAs e parques, como uma forma de apresentar aos alunos o local no qual estão inseridos e da importância dessas unidades para a preservação da Mata Atlântica e dos mananciais.

O grupo Capivari Manos foi criado com o objetivo de divulgar as riquezas naturais presentes no extremo sul de São Paulo, como uma maneira de promover conscientização ambiental e desmistificar que “essa região é atrasada” ou que “só tem mato”. Assim, reforçam que não são guias de turismo. São apenas um grupo que gosta de explorar a natureza, fazer trilhas e, eventualmente, levar algumas pessoas a conhecerem esses locais - “como amigos, não como clientes” - sem cobrar nenhum valor em troca. Entretanto, houve um momento em que perceberam que as divulgações nas redes sociais dos atrativos naturais, tiveram um grande alcance, fazendo com que muitas pessoas acessassem esses locais, mas infelizmente, muitas delas não possuíam consciência da necessidade de conservação e passaram a degradar, deixando grandes quantidades de lixo, fazendo churrasco, festas e ouvindo música em elevado volume.

Esse tipo de acontecimento levou os órgãos e responsáveis ambientais a fecharem essas localidades, pois “aparentemente, só fechando se consegue preservar”. O fechamento desses locais impede o acesso de grupos, como o Capivari Manos que possuem uma consciência ambiental, para desfrutar dos recursos naturais. Com base neste relato, Felipe e Adan comentam o ocorrido com a Cachoeira de Marsilac e a empresa Selva SP (já mencionado anteriormente), em que o fácil acesso à cachoeira resultou em um processo de degradação bem evoluído, resultando no fechamento do local pela empresa e no controle à visitação.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/capivarimanos/>> Acesso em: 08/07/2022.

Adan complementa esse caso dizendo que o conceito e prática de preservação ambiental não foram construídos nas escolas e a maneira como as pessoas curtem a natureza é um reflexo da forma como as pessoas aprenderam a “curtir na periferia”. Evidencia ainda que, mesmo a Selva SP cobrando um valor “baratinho” (R\$ 20 por pessoa) para acessar um trecho pequeno para banho, essa cobrança afastou moradores da região. Já os outros serviços como rafting, rapel, bóia cross e tirolesa, possuem um valor extremamente elevado e, em uma zona periférica, a grande maioria dos moradores não possuem condições de pagar por esses serviços.

Evidenciam ainda, que sentem que o processo de fechamento dessas localidades muitas vezes não está ligado apenas às questões ambientais, mas também econômicas, como uma forma de gerar rendas a partir da cobrança pela visitação. “Parece que se cria um monopólio, só entra quem pagar mesmo” e reforçam que essa percepção é gerada quando estes locais ficam lotados nas altas temporadas e quando outros grupos exploram os atrativos dessa mesma forma, afastando os moradores, que possuem poucas atividades de lazer durante os finais de semana e atraindo pessoas do centro da cidade, que possuem maior poder aquisitivo para pagar por esses serviços.

Ambos também relatam acerca do trânsito intenso observado nos finais de semana, voltando dos atrativos turísticos e, na grande maioria, são de pessoas que não moram no extremo sul de São Paulo. Felipe afirma que quando questiona os moradores acerca do conhecimento dessas opções de lazer, voltadas às práticas naturais, boa parte não ouviu falar sobre, ou se ouviu, nunca conheceram pessoalmente.

Com relação à implantação do Polo de Ecoturismo, durante o processo inicial, o grupo estava mais presente e recebia informações de reuniões e eventos, principalmente do Roberto Carlos - atual presidente da CONGETUR - e também da Agência Toca da Onça. Entretanto, por não serem guias turísticos, perceberam que estavam incomodando alguns desses grupos de empreendedores, pois esse tipo de situação envolve uma certa “politicagem”. Com essas modificações (legitimação do turismo na região), sentiram uma perda de espaço, não podendo mais transitar livremente em algumas das cachoeiras, trilhas e colocar em prática os próprios *hobbies*. Reforçam ainda que: “Ninguém quer pagar para ficar fazendo esse tipo de atividade. No nosso caso, por exemplo, a gente mora aqui, vive e cresceu aqui... a gente quer fazer uma atividade no quintal da nossa casa e precisamos pagar por guias ou pelo acesso?”

Com relação ao desenvolvimento socioeconômico promovido pelo turismo, os três entrevistados afirmam que ainda é algo muito fraco, mas que há um grande potencial a ser explorado. A capacitação dos moradores tem acontecido, seja pelo Sebrae ou pela empresa

SelvaSP, entretanto faltam vagas de emprego para essas pessoas. Reforçam que essa mão de obra capacitada poderia estar exercendo trabalhos nos demais atrativos turísticos que são considerados de acesso ilegal, pois muitas pessoas continuam acessando estes atrativos, mesmo sem autorização ou qualquer preparo/conhecimento para fazer trilhas e talvez, o processo de aceleração para legalização, inserção de infraestruturas e mão de obra capacitada evitariam acidentes ou até mesmo degradação ambiental.

Por fim, reforçam mais uma vez que o grupo não possui nenhum interesse comercial ou político e que todo o trabalho que desenvolvem é em prol de melhorias e do desenvolvimento da região em que vivem.

4. Considerações Finais

Como já mencionado anteriormente, o turismo, enquanto atividade econômica organizada, muitas vezes é colocado como uma possibilidade de desenvolvimento econômico para uma região ou até mesmo um país e promove alterações que interferem na circulação de bens, pessoas e serviços; além de criar, transformar e valorizar espaços previamente selecionados pelo capital como possíveis geradores de lucro.

A valorização destes espaços pela atividade turística se dá pelas particularidades encontradas neste local, como a presença de culturas tradicionais, pelos atributos naturais ou até mesmo por histórias e naturezas artificiais, que de certa forma, criam diferenciações tornando-o atrativo para consumo.

O turismo pode reproduzir a natureza, a cultura e a autenticidade de práticas sociais. Mas o que dá sentido ao consumo destes simulacros é a subjetividade do indivíduo e dos grupos sociais que passam a valorizar a própria reprodução (LUCHIARI, 1998, p. 18).

Com o desenvolvimento no setor de transportes, o aumento do poder aquisitivo das populações e com a legitimação do tempo livre pelas indústrias, entre os séculos XIX e XX, o ato de viajar como uma forma de lazer foi cada vez mais disseminado. Entretanto, as alterações provocadas na sociedade e no meio ambiente em decorrência da introdução de um mundo cada vez mais industrializado e globalizado, gerou nas populações um apreço e, conseqüentemente, uma valorização às paisagens e culturas, tidas como perdidas

(LUCHIARI, 1998, p. 18). Assim, o turista contemporâneo passou a valorizar o imaginário da natureza e das culturas; ambas, construídas socialmente.

A introdução do conceito de sustentabilidade na atividade turística, por volta das décadas de 1970 e 1980, parte do pressuposto de que o meio ambiente é o foco, o objetivo do deslocamento dos turistas e, com isso, a proteção ambiental tornou-se fundamental para a prossecução da atividade turística, tendo como base e inspiração o mito moderno da natureza intocada, tornando-se um importante argumento de valorização pelo mercado (MORAES; IRVING, 2013, p. 741).

Moraes e Irving (2013) ressaltam que a noção de ecoturismo, foi impulsionada, à princípio, pelas viagens destinadas ao ambiente natural e preservado, entretanto, foi ressignificada como uma possibilidade de uso sustentável dos recursos naturais, a partir de uma nova concepção de turismo. Dessa forma, tornou-se crescente o interesse da esfera governamental por este tipo de atividade, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, ao enxergarem uma possibilidade de produção de empregos e geração de renda, também servindo como uma estratégia para a preservação do meio ambiente (MORAES; IRVING, 2013, p. 741).

Ao analisarmos o histórico da Zona Sul da cidade de São Paulo, local onde encontra-se o Polo de Ecoturismo - objeto de estudo deste trabalho - percebemos que ao longo dos anos, em decorrência da presença de mananciais e resquícios de Mata Atlântica, esta área esteve sob foco de leis ambientais. A princípio, com a implantação da Lei de Proteção aos Mananciais, promulgada em 1975, com o objetivo de regulamentar o uso e a ocupação do solo urbano em prol da proteção dos mananciais, como as represas, ribeirões, córregos, dentre outros.

Entretanto, devido à maneira como se deu o processo de urbanização da cidade de São Paulo, expulsando as camadas populares das regiões centrais, essas populações destinaram-se aos locais em que o valor da terra era mais acessível e foi, justamente, nessas áreas consideradas “de proteção”, que encontraram uma possibilidade para desenvolver o morar. Vale ressaltar que devido a Lei de Proteção aos Mananciais, essas populações não puderam contar com o apoio governamental para a implantação de infraestruturas necessárias para manter o mínimo de qualidade de vida, como saneamento básico, implantação de linhas de transporte, dentre outros, sob a justificativa de que a inserção dessas infraestruturas urbanas, contribuiria para atrair cada vez mais pessoas para essas localidades, comprometendo a qualidade dos mananciais.

Já nos anos 2001 e 2006, a zona Sul foi acometida pela implantação de duas Áreas de Proteção Ambiental (APA): a Capivari-Monos e a Bororé-Colônia, respectivamente. No Sistema de Unidades de Conservação (SNUC), as APAs são classificadas como Unidades de Conservação de Uso Sustentável, correspondendo a áreas naturais destinadas à proteção e conservação da fauna e flora, cultura e paisagem, e que permitem a ocorrência, mediante adequações, de atividades como o turismo, a agricultura e pesca, respeitando a natureza.

Como as leis de criação das APAs permitiam a realização de turismo na região, esta prática precisou ser regradada a partir de uma legislação específica, como afirmou Lucas Duarte em uma das entrevistas. As primeiras atividades turísticas organizadas, ocorriam nos clubes recreativos que se encontram na região, por volta dos anos 1980, como verificado na fala de Raquel Duarte.

Conforme averiguado nas entrevistas, ficou evidente o protagonismo e esforço dos agentes locais (sejam pequenos, médios e grandes empreendedores) para legitimar o turismo na região. A organização desses agentes resultou na promulgação da Lei 15.953 no ano de 2014 nos distritos de Parelheiros, Marsilac e Ilha do Bororé, criando o Polo de Ecoturismo de São Paulo, normatizando as atividades ecoturísticas desenvolvidas nesses territórios de forma a gerar recursos, renda e empregos concomitante à preservação do meio ambiente.

Segundo Moraes e Irving (2013), o ecoturismo deve ser entendido como um conjunto complexo de práticas sociais, políticas e culturais, atrelado aos interesses das populações envolvidas. Sendo assim, para um efetivo desenvolvimento local a partir desta prática, se faz necessária a participação social, envolvendo o respeito e a garantia da representatividade dos diferentes interesses nos processos de tomada de decisões.

Com base nisso, ao pensarmos na fala de Raquel Vettori, uma das responsáveis pelo desenvolvimento do Plano de Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Polo de Ecoturismo (2017), fica evidente o quanto a população envolvida busca pela manutenção dos direitos e interesses a partir do CONGETUR (Conselho Gestor do Polo de Ecoturismo), que segundo ela é o principal canal de comunicação entre a população e a Prefeitura. E ainda, em alguns dos relatos foi possível identificar que a população do extremo sul de São Paulo, foi essencial ao evidenciar às autoridades as virtudes da região, ligadas tanto às belezas cênicas naturais, como as represas, cachoeiras (e das possibilidades de passeios que poderiam ocorrer nelas, como vimos na fala de Adrian da empresa Vivant SP), bem como dos atrativos culturais, ligados aos artesanatos e produções agrícolas locais, como os produtos derivados do Cambuci, encontrados em quase todos os eventos de cunho cultural promovidos nestes distritos.

Entende-se que, para além do mercado, o turista busca, geralmente, o contraponto com a vivência do dia-a-dia, a oportunidade de experiência integral de valor imaterial, afetivo, simbólico e espiritual, a partir do encontro com a natureza e a cultura de uma localidade, sendo a sociobiodiversidade, e não apenas a natureza em estado virgem, o principal fator inspirador de deslocamento (MORAES; IRVING, 2013, p. 743).

Apesar de verificarmos, na maioria das falas, o protagonismo das populações para a legitimação da atividade turística no extremo sul da cidade, se faz necessária uma reflexão acerca do Plano de Visitação da Terra Indígena Tenondé Porã, publicado em 2018. Como vimos, com a implementação do Polo de Ecoturismo, em 2014, muitas pessoas tomaram conhecimento da existência de terras indígenas bem próximas aos centros urbanos, gerando um sentimento de curiosidade acerca de como essas comunidades vivem, principalmente. Este fato teve como consequência o aumento do número de visitas às Terras Indígenas, chegando a interferir e, até mesmo, prejudicar os hábitos e os cotidianos das aldeias, uma vez que, antes da criação do Polo, as aldeias recebiam apenas alguns grupos de escolas e pesquisadores, mediante a um aviso prévio, com o objetivo de demonstrar às pessoas, a forma como vivem numa tentativa de amenizar alguns dos estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade acerca das populações indígenas.

Sendo assim, em 2016, essas comunidades divulgaram um plano de visitação de caráter emergencial, reforçando a necessidade de realizar agendamentos para conhecerem as aldeias e alertando aos visitantes quanto aos comportamentos considerados inadequados. Em conversa com Raquel Vettori, no evento Virada da ODS, antes descrito, nos foi informado que as Terras Indígenas são um grande atrativo do Polo de Ecoturismo e de que grupos de indígenas (interessados nos assuntos) tiveram uma participação efetiva nas conversas e debates acerca da ampliação do turismo em seus territórios.

Todavia, no Plano de Visitação (2018) foi verificado que este processo não ocorreu da maneira como nos foi informado. Eles alegam que houve uma falta de comunicação e de informações acerca de como as atividades turísticas ocorreriam em seus territórios. Ademais, após a criação do Polo e com o esforço dos órgãos e secretarias responsáveis pela divulgação dos atrativos naturais, por exemplo, muitos turistas passaram a tomar conhecimento da região e a frequentarem alguns destes locais, inclusive aqueles localizados em terras indígenas. Houve também algumas propriedades privadas (sobrepostas ao TI) que passaram a lucrar com

a passagem de turistas, mesmo sem um acordo com as comunidades ou algum tipo de repasse do valor arrecadado.

Com base nessas informações, torna-se evidente como a implantação da atividade turística como estratégia para o desenvolvimento socioeconômico e inclusão social, pode resultar em tensões entre as potencialidades (sejam a presença de comunidades tradicionais, com suas culturas e histórias ou até mesmo as paisagens aparentemente intocadas) e as vulnerabilidades, expressas nos impactos indesejados gerados nas relações entre o turista e o lugar visitado.

Não se pode ignorar que nessa relação dialógica, como em qualquer relação humana, ocorrem posturas de poder que incidem e se manifestam em níveis distintos, em função dos interesses, valores e percepções dos envolvidos. (MORAES; IRVING, 2013, p. 743)

O fator da educação ambiental é algo muito forte e encontrado em quase todas as entrevistas realizadas, e o turismo (seja no segmento de ecoturismo, turismo rural ou de base comunitária) aparece como uma forma eficaz de conscientizar as pessoas acerca da necessidade da proteção ao meio ambiente. Durante os trabalhos de campo realizados na Planta Feliz, Jardineira e com os Meninos da Billings, nos foram passadas muitas informações acerca da história do assentamento das populações na região, da biodiversidade encontrada, da presença de mananciais (tão importantes para abastecimento de água na cidade), dos impactos causados pelas construções das represas e até mesmo dos problemas ambientais consequentes do elevado número de pessoas que habitam áreas periféricas na zona Sul de São Paulo, como a falta de destinos eficientes para a grande quantidade de lixos gerados.

Segundo Moraes e Irving (2013) as áreas naturais protegidas, tornam-se atrativos, tanto para as populações que vivem nessas localidades, como para os visitantes que procuram pela contemplação da paisagem, da biodiversidade, de lazer, além da vivência de elementos culturais. Todos esses fatores mencionados são encontrados como atrativos turísticos do Polo de Ecoturismo de São Paulo e são utilizados como justificativa da necessidade de preservação dos recursos naturais. Ou seja, a ideia principal é “manter a mata em pé” para que o turismo continue sendo uma forma de desenvolver a região.

Ademais, como vimos na fala de Raquel Vettori, Cibele da SelvaSP e Raquel Duarte, o turismo aparece como um aliado ao meio ambiente, na contenção do desmatamento de matas nativas para a produção de lotes (informação assegurada também pelo Guarda Ambiental Aparecido, durante o evento Virada ODS), que são vendidos a custos mais baixos. É sabido que as áreas abrangidas pelas APAs, quanto mais afastadas dos centros comerciais,

apresentam um valor do solo mais barato, sendo uma alternativa de moradia para populações de baixa renda e em condições de vulnerabilidade.

Ainda refletindo em como o turismo é colocado como aliado à preservação ambiental, devemos retomar o trabalho realizado pela empresa de ecoturismo e turismo de aventura SelvaSP, nas dependências do Rio Capivari e Cachoeira do Marsilac. Cibele, guia de turismo, comentou durante a entrevista que quando o trabalho da empresa iniciou-se nesta área, não havia regulamentações para o uso, ou seja, não existia um controle do número máximo de pessoas que esses locais poderiam receber (capacidade de carga) e a quantidade de lixo deixada por essas pessoas gerou um forte impacto ambiental.

Assim, o trabalho executado pela SelvaSP foi de organizar a prática de turismo nessa área, definindo a capacidade de carga, instalando infraestruturas para os turistas, como lixeiras, estacionamento, banheiros, lanchonete, dentre outros. Também passaram a cobrar um valor para a entrada e uso tanto das infraestruturas, como dos próprios atrativos naturais, além de ofertarem mais serviços como rapel e rafting. Os valores arrecadados servem para pagamentos dos funcionários (moradores locais capacitados pela própria empresa), manutenção das infraestruturas e repasse para as comunidades indígenas, uma vez que esse local encontra-se em TI.

Quando conversado com o grupo de trilheiros Capivari Manos, que possuem um vasto conhecimento dos recursos naturais do extremo sul de São Paulo, nos foi informado que antes da atuação da empresa SelvaSP, nas dependências da Cachoeira do Marsilac e rio Capivari, os maiores frequentadores eram a própria população local. Todavia, após o início das atividades pela empresa e, principalmente, devido à cobrança para entrada e uso dos atrativos naturais, a população da região deixou de comparecer com frequência ao local.

Apesar do reconhecimento pelo grupo, do trabalho e cuidado com essa área pela SelvaSP, eles afirmam que a população que reside no extremo Sul possui pouca opção de entretenimento e cultura e que os rios e as cachoeiras são uma opção de lazer para essas famílias aos fins de semana, por exemplo. Entretanto, a cobrança de valores torna a visita inviável para muitas famílias, principalmente as de baixa renda. Eles ainda identificam que o fechamento desses locais (não necessariamente pela SelvaSP) não ocorreu apenas em prol da preservação ambiental, mas também pela possibilidade de gerar algum lucro sobre eles, principalmente ao atrair públicos de diferentes localidades (seja São Paulo ou não), de maior poder aquisitivo e que buscam por experiências e vivências em meio à “natureza intocada”, revelando assim, uma condição segregadora promovida pela atividade turística.

Como vimos no capítulo 2 do presente trabalho, verificamos que a zona Sul de São Paulo caracteriza-se pelo grande adensamento populacional em áreas periféricas. Parte delas ainda sofrem com a falta de infraestruturas urbanas ou pela presença dessas, mas de forma precária. Na fala de Marivaldo, um dos entrevistados, verificamos que o mesmo discurso - de impedimento à construção de infraestruturas urbanas públicas em decorrência da área ser voltada à proteção dos mananciais - utilizado pela gestão pública, no período de vigência da Lei de Proteção aos Mananciais (1975) é aplicado nos dias de hoje, só que agora alegando que a presença das APAs não permite a instalação de serviços/infraestruturas públicas em determinadas localidades, em decorrência da geração de impactos ambientais.

Marivaldo mencionou que há bairros que ainda sofrem com a falta de transportes públicos, principalmente os mais afastados, no qual a população precisa caminhar alguns trechos até encontrar um ponto de ônibus que os levem para algum terminal urbano como Parelheiros, Varginha ou Grajaú, para assim conseguirem se deslocar às centralidades, onde encontram-se maiores oportunidades de empregos. Ademais, como mencionado por Marivaldo, outro equipamento público fundamental para a região é o Hospital Público de Parelheiros, fruto de reivindicação histórica por parte dos moradores locais. O hospital começou a ser construído no ano de 2014 e até então, não foram entregues todas as alas propostas, sendo inauguradas de parte em parte. Entretanto, em discursos para a promoção do turismo na região, o hospital já é colocado como um fator de segurança a possíveis ocorrências/acidentes nas atividades turísticas.

É percebido nas falas dos entrevistados que as práticas de turismo, sejam elas de base comunitária, ecoturismo ou rural, são formas de resistência. Ao olharmos para o processo de urbanização da cidade de São Paulo e, conseqüentemente, da formação das periferias nessas áreas mais distantes dos centros urbanos e financeiros, verificamos que a zona Sul de São Paulo foi cercada de leis de restrição ao povoamento, deixando de cumprir as necessidades básicas das populações ali presentes, como uma forma de preservar o meio ambiente.

O turismo, por sua vez, fruto dessas contradições e permitido pelas leis de implementação das Áreas de Proteção Ambiental (APAs) e do Polo, surge como uma possibilidade de desenvolvimento socioeconômico, ao atrair os olhares do poder público e, por conseguinte, de investimentos. A partir das entrevistas, ficou evidente o sentimento de pertencimento em relação ao território das pessoas que estão envolvidas com a prática do turismo, agora legitimada, resultado da luta das próprias populações locais.

Em algumas das entrevistas, como a do Jai da Casa Ecoativa e de William e Ferrugem dos Meninos da Billings, foi possível verificar que uma das maiores dificuldades do

desenvolvimento dessa atividade ainda é o preconceito às periferias. Segundo Jai, é preciso “ressignificar a palavra periferia”, pois ela não deve mais ser atrelada ao “local de escassez”, mas sim à ideia de “cura” e “vida” da cidade.

Marina, da Planta Feliz, ainda reforça que “ninguém cresce sozinho” e, portanto, abre o seu espaço em eventos, para que agricultores locais possam vender os produtos. A partir do valor arrecadado pelo turismo de base comunitária, os Meninos da Billings, promovem ações socioambientais voltadas às crianças da região. Lucas e Raquel Duarte, da Jardineira e Toca da Onça, buscam sempre por novos parceiros, impulsionando o crescimento dos produtores locais. Já Marivaldo e o grupo Capivari-Manos, a partir das redes sociais, buscam incentivar e inspirar as pessoas à conhecerem a zona sul da cidade de São Paulo. Esses são alguns dos muitos protagonistas que permitem a existência e o funcionamento do Polo de Ecoturismo.

O extremo sul da cidade de São Paulo, ao ser apropriado por políticas públicas voltadas à prossecução da atividade turística, tornou-se alvo de uma série de ações contraditórias que, ao mesmo tempo em que busca pelo desenvolvimento local, promove segregação socioespacial, principalmente dos grupos que não estão envolvidos diretamente com essas políticas. Sendo assim, foi fundamental dar voz aos sujeitos das histórias aqui relatadas, evidenciando seus interesses, necessidades e dificuldades, durante os trabalhos de campo e as entrevistas, pois apenas dessa maneira foi possível uma melhor compreensão acerca da complexidade envolvida no objeto de estudo deste trabalho, o Polo de Ecoturismo de São Paulo.

5. Referências

ABETA. **Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura**. Disponível em: <https://abeta.tur.br/pt/pagina-inicial/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

ALFREDO, Anselmo. Geografia do Turismo. **A crise ecológica como crítica objetiva do trabalho. O turismo como “ilusão necessária”**. Revista Geosp-Espaço e Tempo (Online), n. 9, 2001, pp. 37-62. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123513>.

ALMEIDA, Léia Chrif de. **A produção da natureza na reprodução da metrópole: o caso de Parelheiros e Marsilac, extremo da zona sul da cidade de São Paulo** - São Paulo, 2018. 203 f.

ALVES, Kerolaine. **Colônia Fest Comemora 193 anos da Imigração Alemã em São Paulo**. 2022. Disponível em: <https://folhadaminhasampa.com.br/noticia/10539/colonia-fest-comemora-193-anos-da-imigracao-alema-em-sao-paulo>. Acesso em: 27 jul. 2022.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Turismo: segmentação de mercado** - São Paulo: Futura, 1999. Cap 1.

Billings. Meninos da. São Paulo, 2022. Instagram: @meninosdabillings. Disponível em: <https://www.instagram.com/meninosdabillings/> Acesso em 20/07/2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação – Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Regulamenta O Art. 225, § 1º, Incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, Institui O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e Dá Outras Providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm. Acesso em: 09 out. 2021.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru (SP): EDUSC, 2003, caps. 2 (p. 31-47) e 5, p.85-113.

CARLOS, Ana Fani A. **Turismo e patrimônio: um aporte geográfico**. In: PAES, Maria Tereza D. & SOTRATI, Marcelo A. Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural: identidades, usos e ideologias. SP: AnnaBlume, 2017, pp. 27-43.

CARLOS, Ana Fani A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996. Cap. 7 - **A produção do não-lugar**, p. 61 - 73.

CASTRO, Augusto. **Para especialistas, Rio 92 levou Brasil ao protagonismo em questões ambientais**. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/08/07/para-especialista-rio-92-levou-brasil-ao-protagonismo-em-questoes-ambientais>. Acesso em: 2 out. 2021.

COMUNIDADES GUARANI DA TERRA INDÍGENA TENONDÉ PORÃ. **Plano de Visitação da Terra Indígena Tenondé Porã**. São Paulo: Ecology Brasil, 2018. Disponível em: <https://tenondepora.org.br/wp-content/uploads/2018/06/plano-de-visitacao-final-junho-sem-anexo-baixa.pdf>> Acesso em 28/06/2022.

CRUZ, Rita de Cássia A. da. **Política de Turismo e Território**. SP: Contexto, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia A. da. **Políticas Públicas de Turismo no Brasil: território usado, território negligenciado**. Florianópolis: Geosul, v. 20, n. 40, dez/2005. pp. 27-43.

DICIONÁRIO AMBIENTAL (ed.). **O que é uma Área de Proteção Ambiental**. 2015. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/29203-o-que-e-uma-area-de-protecao-ambiental/>. Acesso em: 15 set. 2021.

HENRIQUES, Eduardo Brito. **Das origens do fenômeno turístico ao turismo na sociedade contemporânea**. In: HENRIQUES, Eduardo B. Lisboa turística, entre o imaginário e a cidade. 1996. p. 25- 40.

IPIRANGA, Bruno. **Turismo gera US\$ 5 bilhões de receitas todos os dias**. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1688832>. Acesso em: 23 fev. 2022.

LOPES, Marivaldo. **Parelheiros Turístico**. São Paulo, 2022. Instagram: @parelheirosturistico. Disponível em: <https://www.instagram.com/parelheirosturistico/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. “Urbanização turística – um novo nexos entre o lugar e o mundo”. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico, p. 15-29. Fortaleza: UECE, 1998. 401 p.

MANOS, Capivari. São Paulo, 2022. Instagram: @capivarimanos. Disponível em: <https://www.instagram.com/capivarimanos/>> Acesso em: 08/07/2022.

MEDEIROS, R.; YOUNG, C.E.F. **Contribuição das unidades de conservação brasileiras para a economia nacional: Relatório Final**. Brasília: UNEP-WCMC, 2011.

Ministério do Turismo/ IPEA. **Relatório com as estimativas da caracterização da ocupação formal e informal do turismo, com base nos dados da RAIS* e da PNAD** 2013, para o Brasil e regiões.** 5. ed. Brasília: XX, 2015. 50 p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/160204_caracterizacao_br_re.pdf. Acesso em: 14 maio 2022.

MORAES, E.A; IRVING, M.A. **Ecoturismo: encontros e desencontros na Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema (AC).** Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v. 6, n.3, ago/out - 2013, pp. 738 - 757.

MTUR. **Anuário Estatístico de Turismo 2020. Ministério do Turismo.** 2020. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>> Acesso em 16 de abril de 2022.

MTur. **Receitas e Despesas Cambiais do Turismo.** Disponível em: http://dadosefatos.turismo.gov.br/images/DEPES/Receita_e_Despesa_Cambial/2021/03_mar/DIVULGA%C3%87%C3%83O3-ReceitaeDespesaTur%C3%ADsticaCambial-S%C3%A9rieHist%C3%B3rica-Ano-1990aMar2021.xlsx. Acesso em: 12 abr. 2022.

OMT (ed.). **ONU News: OMT.** Organização Mundial do Turismo. Disponível em: <https://news.un.org/pt/tags/omt>. Acesso em: 23 fev. 2022.

OMT (ed.). **Chegada de turistas internacionais atinge recorde de 1,3 bilhão em 2017.** 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/08/1635612>. Acesso em: 23 fev. 2022.

PADUA. Rafael Faleiros de. **Pensando os processos de industrialização, urbanização e desindustrialização em São Paulo: O caso de Santo Amaro.** Encontro de Geógrafos da América Latina, X. 2005, São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

PANAZZOLO, Flavia de Brito. **Turismo de Massa: Um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual.** In: III SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2005, Caxias do Sul. p. 1-13.

PAULO, Prefeitura de São (org.). **APA CAPIVARI-MONOS.** Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_capivarimonos/index.php?p=41966. Acesso em: 10 set. 2021.

PAULO, Prefeitura de São (org.). **ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL BORORÉ-COLÔNIA.** Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/unid_de_conservacao/apa_bororecolonia/index.php?p=41963. Acesso em: 10 set. 2021.

PAULO, Polo de Ecoturismo de São. **8º Festival de Inverno do Polo de Ecoturismo de São Paulo**. Parelheiros, 2022. Instagram: @polodeecoturismosp. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cf46pTQsLrs/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PAULO, Secretaria Municipal de Turismo de São. **Conheça o Polo de Ecoturismo de São Paulo**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WmP3EVIW5_w. Acesso em: 16 jul. 2022.

PESSOA, D. F. (2019). **O processo de retificação do rio Tietê e suas implicações na cidade de São Paulo**, Brasil. *Paisagem E Ambiente*, 30(44), e158617. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.158617>

PIRES, Paulo dos Santos. **A Dimensão Conceitual do Ecoturismo**. Turismo: Visão e Ação, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 75-91, jan - jun. 1998.

PLANTA Feliz: **Adubo Orgânico**. Adubo Orgânico. 2021. Disponível em: <https://www.plantafelizadubo.com.br/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

PLATUM. Plano de Turismo Municipal: Cidade de São Paulo 2019/2021 - Perspectiva 2030. São Paulo: Secretaria Municipal de Turismo: São Paulo Turismo, 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/platum_1594747759.pdf> Acesso em: 8 de maio de 2022.

Plano de Visitação da Terra Indígena Tenondé Porã. 2018. Disponível em: <https://tenondepora.org.br/wp-content/uploads/2018/06/plano-de-visitacao-final-junho-sem-anexo-baixa.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Prefeitura de São Paulo. **Sampa + Rural**. Disponível em: <https://sampamaisrural.prefeitura.sp.gov.br/dados>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Prefeitura de São Paulo. **Subprefeitura Parelheiros empossa os novos membros do Conselho Gestor do Polo de Ecoturismo**. 2021. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parelheiros/noticias/index.php?p=111888>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Prefeitura de São Paulo. **Concessão de Parques da Guarapiranga**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/noticias/index.php?p=329991>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PUBLICIDADE, @LM. **SelvaSP: parque de aventura**. Parque de Aventura. 2016. Disponível em: <https://www.selvasp.com.br/home1>. Acesso em: 20 jul. 2022.

REIS, Vivian. **São Paulo tem dois rios de água limpa onde dá para nadar; veja vídeo**. 2017. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/sao-paulo-tem-dois-rios-de-agua-limpa-onde-da-par-a-nadar-veja-video.ghml>. Acesso em: 12 out. 2021.

SÃO PAULO. Lei nº 15.953, de 07 de janeiro de 2014. **Dispõe Sobre A Criação do Polo de Ecoturismo nos Distritos de Parelheiros e Marsilac Até Os Limites da Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia, e Dá Outras Providências.** São Paulo, Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/leis/L15953.pdf>. Acesso em: 09 out. 2021.

SÃO PAULO. Lei nº 898, de 18 de dezembro de 1975. **Disciplina o uso de solo para a proteção dos mananciais, cursos e reservatórios de água e demais recursos hídricos de interesse da Região Metropolitana da Grande São Paulo e dá providências correlatas.** São Paulo, SP, Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1975/lei%20n.898,%20de%2018.12.1975.htm> Acesso em: 09/10/2021

SÃO PAULO. Lei nº 14,162, de 24 de maio de 2006. **Cria a Unidade de Conservação Área de Proteção Ambiental Municipal Bororé-Colônia.** Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/lei_14_162_1254941048.pdf. Acesso em: 11 fev. 2022.

SÃO PAULO. Lei nº 13.136, de 09 de junho de 2001. **Cria a Área de Proteção Ambiental Municipal do Capivari-Monos - APA Capivari-Monos, e dá outras providências.** São Paulo, Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13136-de-9-de-junho-de-2001>. Acesso em: 12 out. 2021.

SÃO PAULO. Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014. **Aprova A Política de Desenvolvimento Urbano e O Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e Revoga A Lei Nº 13.430/2002.** Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16050-de-31-de-julho-de-2014>. Acesso em: 20 jun. 2022.

São Paulo. **Agenda do Subprefeito Marco Furchi.** Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parelheiros/acesso_a_informacao/agenda/agenda_2022/?p=116803. Acesso em: 15 jul. 2022.

SEADE. **IPVS. Índice Paulista de Vulnerabilidade Social.** Disponível em: <https://ipvs.seade.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Secretaria de Relações Internacionais. **Virada ODS: vire a chave para o futuro. Vire a chave para o futuro.** Disponível em: <https://viradaodssp.sp.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Secretaria de Desenvolvimento Urbano. **Ligue os Pontos.** Disponível em: <https://ligueospontos.prefeitura.sp.gov.br/projeto/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SILVA, Carlos Henrique Costa da. **O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma prática Socioespacial**. Revista Geografia Ensino & Pesquisa. vol 16, n. 2. maio/ago 2012.

SPTuris. **SÃO PAULO: CIDADE DO MUNDO**: dados e fatos dos eventos, viagens e turismo na capital paulista edição 2019. São Paulo: XX, 2019. 21 p. Disponível em: https://observatoriodeturismo.com.br/pdf/DADOS_FATOS_2019.pdf. Acesso em: 8 de maio 2022.

SPTURIS. **Polo de Ecoturismo de São Paulo**: natureza, fauna, flora, arte, beleza e aventura. Natureza, Fauna, Flora, Arte, Beleza e Aventura. Disponível em: <https://eco.cidadedesapaulo.com/roteiros/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SPTURIS. **Polo de Ecoturismo de São Paulo**: roteiros temáticos. Roteiros Temáticos. 2016. Disponível em: https://imprensa.spturis.com.br/wp-content/uploads/downloads/2016/11/Polo_ING_Site.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

SPTuris. **Plano de Desenvolvimento Sustentável do Polo de Ecoturismo de São Paulo**. Brasília: Iabs, 2017. 112 p. Disponível em: https://cidadedesapaulo.com/wp-content/uploads/2018/04/Plano-Desenv.TurismoSP_site.pdf Acesso em: 15 jun. 2022.

SVMA. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Bororé-Colônia** / São Paulo: Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, STCP Engenharia de Projetos Ltda, 2021.

SVMA. **Plano de manejo: APA Capivari-Monos** / Maria Lucia Ramos Bellenzani (coord.). – São Paulo: Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, 2011. 346 p.: il.

SVMA. **Mapa Plano de Manejo Ambiental da APA Capivari-Monos**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/imagens/apa_capivari_monos/mapas_plano_manejo/apa_cm_unidadesdeconservacao_b.jpg. Acesso em: 17 jun. 2022.

TOCA da Onça: **Agência de Ecoturismo**. Agência de Ecoturismo. 2020. Disponível em: <https://tocadaonca.tur.br/?v=19d3326f3137>. Acesso em: 22 jun. 2022.

UNWTO. **International Tourism Highlights: 2020 Edition**. World Tourism Organization a UN Specialized Agency, 2020, 24 p. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/epdf/10.18111/9789284422456> Acesso em: 12 de abril de 2022.

UNWTO. **International Tourism Highlights: 2019 Edition**. World Tourism Organization a UN Specialized Agency, 2019, 24 p. Disponível em:

<<https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284421152>> Acesso em: 12 de abril de 2022.

VIVANT SP. Disponível em: <https://www.vivantsp.com.br/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

Anexo - Roteiro e Transcrição das Entrevistas

Anexo 1 - Roteiro de Perguntas

Objetivos: entender como ocorreu a implementação do Polo de Ecoturismo de São Paulo - quais os benefícios e malefícios dessa atividade nessa região.

Conhecer a pessoa

1 - Qual seu nome? Me conte mais sobre sua profissão.

1.1 - Me conte um pouco sobre seu trabalho!

Formação do Polo e interferência no trabalho da pessoa entrevistada

2- Como você ficou sabendo do Polo de Ecoturismo?

3 - Você participou de alguma forma do processo de formação do Polo?

4- Antes da formação do Polo de Ecoturismo, você já trabalhava na área de turismo?

5 - Como o surgimento do Polo influenciou/ afetou seu trabalho?

Atividade turística x trabalho do entrevistado

6 - Como se dá sua relação com os turistas? Qual o perfil dos turistas que mais visitam essa localidade?

7- Você acredita que o turismo tem contribuído para o desenvolvimento dessa região? E para a preservação ambiental?

8 - Com relação às políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do turismo nessa área, você se sente bem amparado por elas para desenvolver o seu trabalho?

9 - Como se dá o diálogo com os responsáveis por essas atividades? (Seja vereadores, subsecretários, Sebrae, dentre outros)

10 - Quais as maiores dificuldades que você vem enfrentando nessa atividade?

11 - Você costuma visitar os locais turísticos do Polo? (pode ser a trabalho ou lazer). Fale um pouco mais sobre isso. Caso não faça uso desses locais, comente um pouco sobre.

Anexo 2

Entrevista com Marivaldo Lopes - Página Parelheiros Turístico

G: Bom Marivaldo, obrigada por topar conversar comigo! Gostaria de saber um pouco mais sobre você, sobre a sua formação, com o que você trabalha...

M: Eu sou técnico em Gestão Pública, que eu fiz na Etec CEPAM que fica dentro da USP e a partir desse curso passei a desenvolver toda essa questão da visão de cidadão, de cidadania...

E a desenvolver todo esse sentimento de pertencimento com a região. Foi esse curso que me fez ser quem sou hoje, que gosta muito daqui, de ser engajado e tudo mais.

E depois, na sequência, comecei a graduação em relações públicas e comunicação social. É uma formação que eu amo, mas que ainda não consegui trabalhar diretamente na minha área no mercado de trabalho. Mas eu escutei muito essa minha formação localmente, nas redes sociais. Toda minha experiência e vivência nas relações públicas é aqui na região, do que no mercado de trabalho. No mercado também teve um pouquinho, que eu não ministrei quando eu trabalhei no Senac durante o tempo de 8 anos, aí eu ministrei cinco palestras no Senac, uma vez por ano sobre Parelheiros.

G: Nossa que bacana! E você tem esse material divulgado em algum lugar?

M: Não... por enquanto não. Mas estou me reorganizando para que eu possa estabelecer uma melhor comunicação na minha página e fazer as coisas acontecerem. Estou em um momento de retomada.

G: Ah sim, e quando você fez essas palestras no Senac que você mencionou... Te chamaram para dar essas palestras ou você foi atrás?

M: Ah, em 2014 eu fui atrás. Eu trabalhava lá e conversei com o pessoal da biblioteca... Eu poderia falar sobre o meio ambiente. Aí uns meses depois me chamaram para falar sobre meio ambiente. Eu tenho um bom relacionamento interpessoal... Teve público externo, colegas de trabalho, o pessoal do jovem aprendiz. O auditório estava na lotação máxima. E aí foi a minha palestra. Estava nervoso e ansioso, mas consegui passar a mensagem. E nos outros anos também fui chamado. Na primeira eu falei sobre o ecoturismo, depois falei de algumas páginas influentes aqui na região, depois falei sobre o que acontece em Parelheiros, os eventos e atividades culturais e ambientais, mencionei sobre a lei do Polo de Ecoturismo... Sempre houve um movimento por parte dos moradores. E em 2014 foi colocado em votação o projeto de lei, né? Mas quem sempre tomou a iniciativa foram os empreendedores regionais mesmo, que de alguma forma estavam articulando com a Câmara Municipal a criação do Polo de Ecoturismo.

G: Que bacana. E me diz, como você pensou em criar e desenvolver essa página no instagram?

M: Então, na verdade a página eu comecei pelo facebook e depois que o instagram ganhou mais importância e adeptos, vi a necessidade de passar para o instagram também. No facebook tenho 12 mil seguidores, mas isso é fruto de 8 anos de engajamento. Antes eu fazia por hobby, mas hoje eu vejo a necessidade de organizar e receber algo por isso. Eu sinto que a página foi importante no processo das pessoas conhecerem e saberem da região. Antes, a minha estratégia era basicamente ir atrás de matéria, conteúdos, tirar fotos e vídeos sempre aqui da região. Por exemplo, quando a região foi colocada como Polo de Ecoturismo, as grandes emissoras de televisão tiveram interesse em falar bem da região. E antes disso as falas eram sempre negativas sobre a região. Aí eu sempre busquei matérias e conteúdos que falavam bem daqui. Tem um post específico que fiz sobre a Cachoeira de Marsilac, que fiz no final de algum ano e só esse post teve 100 mil de alcance. A página estava em 5 mil seguidores e foi para 8 mil! Tinha mais de 1000 comentários e curtidas que nem conseguia responder.

G: Que incrível isso! E diz para mim, como você ficou sabendo do projeto do Polo de Ecoturismo? Você chegou a participar de algumas reuniões?

M: Então, anteriormente, eu não estava por dentro do processo não, mas coincidiu de eu criar minha página quase no mesmo momento da fundação e criação do Polo. E com o tempo, eu fui criando uma rede local... Fui conhecendo as pessoas e as pessoas me conhecendo. Hoje eu preciso reativar essa rede. Mas os empreendedores me conhecem, conhecem a página. Ao longo desses 8 anos eu participei das reuniões do Conselho do Polo e de outras atividades relacionadas a isso.

G: Entendi. Essas reuniões que você mencionou... Elas são bastante divulgadas? Como funciona?

M: Então, elas são mais divulgadas no grupo de empreendedores da região. Com o pessoal que já é da área. Às vezes vão entrando novas pessoas. Têm algumas páginas no facebook que há divulgação. Mas são páginas específicas e que tem pouco alcance. Tem pequenos e grandes empreendedores.

G: E existe uma capacitação dos empreendedores aí da região? Como funciona?

M: Então, a região desde 2014, recebeu incentivos fiscais para o desenvolvimento do Polo, como o programa Investe Turismo, do Governo Federal. Então o pessoal da rede local conseguiu fazer com que esse programa fosse aplicado aqui também.

Tem também o Sebrae, fazendo programas de formação de roteiros. E tem o programa... o recurso é originário do prêmio que o Haddad recebeu em 2016, que ele ganhou em Nova Iorque... o Ligue os Pontos. E esse recurso foi investido nas regiões de Capela do Socorro e Parelheiros, voltado principalmente à área rural de São Paulo. Nesse processo, teve acompanhamento técnico para alguns agricultores. Todo um suporte técnico para os agricultores da região. E nesse processo, 8 projetos foram contemplados, que ganharam 35 mil reais. Antes quem estava responsável por esses projetos, era a Secretaria de Desenvolvimento Urbano... alguma coisa assim. Agora a responsável é a Secretaria de Relações Internacionais, que Marta Suplicy é a gestora.

Eu participei deste edital, num projeto de Cicloturismo. Eu faço parte do Bike Zona Sul, que é um coletivo, no qual lutamos por mais ciclovias, bicicletários e incentivar essa atividade. E eu fui contemplado por esse edital e foi a minha primeira experiência como empreendedor.

Tem o Teia que está dentro do Parque Ribeirão Colônia, é um parque urbano. E lá tem um espaço que o empreendedor pode ir lá, usar os computadores, fazer reuniões e dentro do parque também tem a Escola de Agroecologia. O terreno é da SVMA e da Secretaria do desenvolvimento urbano.. turismo.. não sei ao certo. Esse terreno já foi da Metal Leve, depois foi comprado pela Sabesp e depois a prefeitura por meio da SVMA o adquiriu. O nome do parque já diz, é onde tem a nascente do Ribeirão Colônia, que é aberto a semana toda. Os parques mais novos, do Bororé, Itaim, Jaceguava também estão abertos, por enquanto só visitei 2, os mais próximos daqui.

G: Bom, agora farei algumas questões mais voltadas à atividade turística mesmo... Como se dá sua relação com os turistas? Você percebe algum perfil de pessoas que mais visitam essa área?

M: Então, na minha percepção, é que são mais famílias que costumam visitar a região mesmo. Tem uma variação do que eles buscam. Tem um pessoal que busca os passeios da Jardineira [Agência Toca da Onça], mas... olha, na minha página, por exemplo, o público é mais externo do que interno, do que as pessoas que moram aqui. Então quem costuma seguir a minha página, são pessoas que não moram por aqui. É um desafio particular meu, sabe? Que

as pessoas daqui conheçam mais da nossa região, sabe? Então, nessa retomada eu quero muito alcançar esse objetivo mesmo. Eu quero inspirar as pessoas daqui, causar impactos sociais positivos. Mas tudo é um processo que precisa de foco, disciplina...

G: Sim, com certeza! E você acredita que o turismo tem promovido desenvolvimento nesta área do Polo?

M: Então, o turismo ajuda sim no desenvolvimento da região. Tem alguns empreendedores que eu venho acompanhando desde o início, por exemplo o Recanto Magini que são os produtores rurais de cambuci aqui na região. Anteriormente eles participavam da Rota Gastronômica do Cambuci pelo estado de São Paulo e é em novembro que a rota passa por aqui em Parelheiros. Esse evento é organizado pelos agricultores e pelo instituto Auá - de Empreendedorismo Socioambiental, eles são responsáveis pela produção de Cambuci. Essa fruta quase foi extinta, mas pela mobilização desses dois agentes e hoje tem voltado ao mercado. É uma fruta multiuso! Tem o molho, vinagre, xarope, licor... muita coisa mesmo. Por aqui temos muitos agricultores... Inclusive o Ligue os Pontos que eu falei para você fez todo o levantamento de quantos espaços rurais tem por aqui, na Zona Sul. São mais de 400 espaços rurais. Tem o site Sampa Mais Rural, que tem a espacialização das produções rurais, cada localidade recebe uma placa de identificação... se está ligado às atividades rurais, ao turismo também.

Sobre o Recanto Magini, sempre tive contato com eles... com a dona Bete, o Júnior, que são pessoas bem especiais... E eu os questionei se eles não queriam receber turistas... E aí eu comecei a levar alguns conhecidos meus lá para conhecer o espaço. E depois de um tempo o Recanto já está recebendo pessoas, como os passeios da Jardineira e outros turistas também. A Agência os coloca nos roteiros e a cada dia eles melhoram a estrutura do espaço... E eles dão aula sobre o Cambuci, a história, como a gente pode manusear de forma correta. Então tem atraído mais turistas.

G: Que bacana! E com relação à preservação ambiental... Você acredita que o turismo tem influenciado de alguma forma essa questão?

M: Ah, contribui sim. Quando você leva as pessoas nesses locais e fala sobre o processo histórico do lugar, como as plantas se desenvolvem, como devem ser manuseadas... Isso promove uma certa conscientização ambiental. Com a implementação do projeto Ligue os Pontos, parte de alguns agricultores receberam o suporte e foram comprando equipamentos certos para cada área... A casa de Cultura daqui também fornece algumas coisas, como tratores. Eu acredito que contribui muito. Mas é um desafio muito grande, pois é uma área muito grande e precisa de uma integração muito maior, para que a gente possa fazer acontecer. A Educação ambiental precisa ser implementada em toda a região. Futuramente eu quero, como comunicador, fazer algum projeto mais integrado e com foco nesse assunto.

G: Você sente que como um microempreendedor e até mesmo outros empreendedores da região tem um bom respaldo e apoio das políticas públicas implementadas para desenvolver seus projetos?

M: Olha, eu sinto que existe sim. Tem a ADESAMPA, o Sebrae e outras instituições que têm disponibilizado créditos e cursos de capacitação para desenvolver o próprio negócio. A ADESAMPA e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo, fizeram alguns cursos como o Pró Brasil, alguns em associações, como por exemplo do Jd. das Fontes, Embura... Locais que são longe e afastados, mas que permite que as pessoas que moram

nesses locais, consigam fazer. A ADESAMPA está conectada com o Ligue os Pontos e isso ajuda.

Eu já fui bem engajado em vários projetos aqui da região. Já geri página do hospital, do Parque Linear de Parelheiros, mostrando que o parque não está abandonado e hoje já se vê melhorias na iluminação, colocaram academia ao ar livre... a população fez a limpeza e o conserto dos brinquedos do parquinho. Então a comunidade tem usado muito ele. É um parque sem grades, as pessoas fazem caminhadas de madrugada.

E com o tempo, preferi focar mais na minha página mesmo e também no Cicloturismo. Não dá para abraçar o mundo [risos]

G: E bom... gostaria de saber mais sobre as dificuldades que você vem enfrentando para manter a sua página... E o que você percebe com relação ao que o turismo vem enfrentando também...

M: Então, na minha página a maior dificuldade mesmo são por motivos pessoais. Eu até tenho alguns materiais aqui que posso utilizar, mas preciso comprar uma nova bateria para a minha câmera, para eu conseguir usar por mais tempo. Mas realmente, preciso concluir coisas mais pessoais mesmo.

Já com relação ao turismo, a infraestrutura é um dos desafios da região. Mas um passo importante foi dado, que é o hospital de Parelheiros, que está mais no centro do bairro de Parelheiros, mas permite que caso ocorra um acidente... tenha um hospital próximo. É um hospital bem recente. Eles inauguram de parte em parte. É muito grande, mas infelizmente vão inaugurando parte por parte e não o abrem totalmente.

Com relação ao transporte, ainda falta muito. Tem um bairro aqui, o Mambu, que as pessoas precisam caminhar bastante para chegar a um local que tenha ônibus. E assim, quando a população cobra mais transporte ou alguma outra coisa, a justificativa da Prefeitura sempre acaba em cima de estarmos dentro da APA Capivari-Monos. Aí falam: "Ah, a criação desta linha não pode ocorrer por conta do impacto ambiental gerado...". Então isso se torna um empecilho para colocar infraestruturas em locais mais distantes.

A questão do acesso também... Só temos uma única estrada para acessar a região, que é a Estrada Ecoturística de Parelheiros, que começa no Varginha. A Av. Teotônio Vilela é mais aberta, mas a Estrada Ecoturística é mais fechada, o que provoca muito congestionamento.

E por esse motivo, a gente tenta incentivar o uso da bicicleta. Junto com o Bike Zona Sul, a gente busca caminhos vicinais, que não tenha tanta movimentação de carros, como na estrada Ecoturística. Assim, a possibilidade de acidente seria bem menor. A bike é bastante adaptativa ao percurso. Isso é bem bacana.

G: E bom, acho que a última pergunta que eu tenho para fazer é se você costuma visitar os locais do Polo de Ecoturismo? Seja a lazer ou a trabalho mesmo...

M: Sim, eu tenho o costume de visitar bastante ao longo de todos os anos. Aí eu vou conhecendo as pessoas e as pessoas me conhecem e acham que sei tudo e vem me perguntando sobre os lugares. Tem uma cachoeira aqui, que o acesso é proibido mas que muita gente vai... Não recomendo, porque realmente por questões burocráticas é proibido... mas é a Cachoeira da Usina, que tem uma queda de 60 metros. É muito bonita. Eu ainda não fui nessa. Tem a Cachoeira do Jamil, que é onde tem o encontro do rio Capivari com o Monos e tem uma parte lá embaixo que tem um redemoinho e já teve um incidente sério lá. Tem uma

prainha, mas se a pessoa não sabe, e vai mais para frente onde tem a curva, pode ocorrer afogamento e até morte mesmo.

Uma cachoeira que é bem segura, que tem guias é a Cachoeira do Sagui e a do Marsilac, gerida pelo Selva SP. Tem bastante estrutura e segurança, trilhas... Aqui na região tem o borboletário também, tem muitas borboletas mesmo por lá. Tem o Parque Estadual da Serra do Mar também, núcleo Curucutu. E é só por agendamento... Você manda email e aguarda a confirmação para conseguir acessar. Aqui também passa o trem de carga... Tinha trem de passageiros até 1997 e hoje passa o trem da empresa Rumo. Isso também é um atrativo, que é a Ponte Alta, dá para ver o trem chegando. No Marsilac tem a vila ferroviária, com casas antigas dos antigos trabalhadores, no ponto final do ônibus Marsilac. Que eu saiba ainda não foi tombado como patrimônio.

G: Realmente tem muita coisa para ver!! E bom Marivaldo, acabaram minhas perguntas. Gostaria de agradecer imensamente por todas as informações que você me trouxe. São muito valiosas mesmo. Obrigada pelo seu tempo e disponibilidade. Tudo bem se eu divulgar o seu nome e o nome da página em meu trabalho?

M: Imagina, o que eu trouxe foi mais um panorama geral sobre a região. Eu gosto de falar mais coisas positivas sobre a região, sabe? Costumo destacar sempre as partes positivas. Sei que temos muitas coisas a melhorar... sei do lado ruim, dos desafios, mas procuro focar no lado bom e tentar resolver as coisas que precisam da melhor maneira possível. Esse é o trabalho que procuro desenvolver, levando inspiração! E pode colocar sim, estou muito feliz por fazer parte do seu trabalho!

Anexo 3

Entrevista com Marina de Camargo - Planta Feliz

M: Bom, vou contar um pouco da minha história... Sou a Marina de Camargo, tenho 39 anos e sempre fui ... como eu dizia, uma “ecochata” [risos] e hoje em dia sou uma ativista leve. Desde pequena eu sempre gostei dessa questão de preservação, da natureza... Eu queria muito fazer biologia marinha, morar na praia na adolescência. Mas meu pais não queriam isso para mim e eles falavam que o futuro era o turismo, então fui fazer hotelaria. Escolhi fazer o curso no Senac, que fica lá na Barra Funda e só depois veio para Santo Amaro, como Campus Universitário. Dentro do curso, entrei achando que já seria gerente geral de um “Hilton” da vida. O Hilton estava em alta na época, saindo do centro e vindo para a Zona Sul. Comecei a trabalhar na área de recreação do Pão de Açúcar, tínhamos folga de segunda. E comecei a ver que isso não era para mim. Dentro da área fui focando mais na parte administrativa. Depois de três anos no Pão de Açúcar Kids, fui ser presidente da empresa Júnior do Senac. Depois recebi uma proposta de contratação do Senac e trabalhei por quase 16 anos. Entrei menina e saí mulher. É uma ótima instituição, me abriu muitas portas. Eu fui coordenadora de empreendedorismo, do centro de empreendedorismo por quase 8 anos. E nesse centro fiz vários cursos, dentro e fora do Brasil, o que me permitiu abrir alguns negócios paralelos ao Senac.

Meu primeiro negócio se chamava “Nossos Peludos”, durou 11 anos. O fechei no comecinho de 2021 por conta da pandemia, ficou inviável. Em 2015, eu formalizei e comecei a vender

produtos da Planta Feliz. A Planta Feliz já existia desde 2009 e surgiu de incômodo meu de não mandar mais resíduos orgânicos para o aterro. E comecei a fazer compostagem com minhocário em casa, eu dava minhocários de aniversário para minha família. Comecei a coletar resíduos orgânicos de amigos, do trabalho... E chegou um momento que eu já estava com muito adubo e passei a vender esse adubo. Eu não cobrava pelo serviço de coleta e compostagem, mas eu vendia o adubo.

Em 2016 comecei a namorar com o Adriano, que é meu marido e sócio e ele me fez a proposta de morarmos no sítio e vivermos do sítio... De alguma forma eu saísse do Senac e vivêssemos exclusivamente do sítio e da Planta Feliz. Em 2017, tivemos uma filha e a vontade de morar no sítio aumentou. Eu sempre morei próximo do autódromo, em Interlagos... Então são casas arborizadas, mas nada comparado a um sítio. Em maio de 2018 mudamos para o sítio. Em 2019, formalizamos a abertura da empresa com o CNPJ. Em janeiro de 2020, ganhamos uma aceleração com o Ligue os Pontos, que é uma frente da Prefeitura para apoiar pequenos empreendedores agrícolas. Em março de 2020, junto com a pandemia, começamos a oferecer o serviço de coleta e compostagem na cidade, mostrando o que é a zona Rural, a integração da zona urbana com a rural, para existir esse equilíbrio.

E em abril de 2020, por ganharmos o Ligue os Pontos, nós começamos a nos conectar [planta Feliz] com o Polo de Ecoturismo. Passamos a entender um pouco mais como funcionava... E fomos desenvolvendo a Planta Feliz, da forma que ela funciona hoje, com serviços de coleta e compostagem. E acabamos abrindo mais duas frentes, com a agrofloresta, produzindo o cambuci, em torno de 150 kg de um único pé, temos abacate, goiaba, algumas verduras (mais para consumo mesmo) e quando vem visitas a gente faz o colhe e pague, tanto na agrofloresta, quanto as verduras que temos.

Também vimos que podemos congelar alguns produtos, por conta da sazonalidade. Por exemplo, o cambuci ele aguenta super bem congelado e assim não perdemos esse produto. E até conseguimos um valor mais alto nele, fora da temporada. Tenho também milho orgânico, congelamos as espigas e assim temos milho o ano todo. Temos feito algumas coisas diferentes dos agricultores da região, para gerar valor aos nossos produtos o ano todo. E a quarta frente de trabalho da Planta Feliz, é a parte do Turismo e das Frentes Pedagógicas. Por que identificamos uma boa oportunidade dessa frente? Bom, estamos em um sítio da década de 1940, foi comprado em 1940 pelo bisavô do meu marido, que veio refugiado da Alemanha da Segunda Guerra Mundial e aqui no Brasil, ele começou a fazer salsicha e fundou uma sociedade com o Alexandre Heder. A primeira empresa deles começou em Santo Amaro, ao lado da Santa Casa de Santo Amaro e se chamava Frigorífico Santo Amaro, depois mudou para Frigorífico Heder. Em 1986 o bisavô do Adriano já havia falecido e a família saiu da sociedade. Eles ficaram com algumas das propriedades, entre elas a que estamos hoje. Na época era produzido eucalipto e milho. O eucalipto para usar na fábrica e o milho para alimentação dos porcos. Eles tinham mais de 600 porcos brancos, vindos da Alemanha. A gente tem toda uma infraestrutura da década de 50, com uma olaria dentro da propriedade. Hoje em dia, boa parte já foi vendida pelos herdeiros, mas no começo eram mais de 850 mil m² de área. Somos vizinhos ao Solo Sagrado. E a gente continua com a proposta de preservação.

O sítio ficou por muitos anos abandonado. Em 1986, quando saíram da propriedade, os porcos foram levados daqui e ficaram mais como um espaço de passeio e férias. Mas então minha

cunhada queria montar uma ecovila, como uma forma de viver diferente do que sempre vivemos lá em São Paulo... Opa! Nós estamos em São Paulo [risos] é que é tão fora ...

Então, ela veio primeiro para cá, há 14 anos. É minha vizinha de cerca hoje em dia. E há 4 anos que eu e o Adriano viemos para cá com esse propósito. O terreno da Planta Feliz tem 42 mil m². Tem toda essa parte histórica, como casas dos lenhadores, dos cuidadores dos suínos, baias e pocilgas. Metade desse terreno é de mata nativa, preservada com nascente. E outra metade temos a preservação das infraestruturas. Já revitalizamos uma das casinhas e fazemos airbnb com ela, mas muitas pessoas próximas e conhecidas fazem a locação diretamente comigo pelo whatsapp. E pretendemos revitalizar outras 6 casinhas também, que estão mais distantes.

Eu sinto que precisamos cada vez mais contar essa história, pois isso gera engajamento das pessoas que querem vir conhecer aqui. Muitos me procuram pelo pátio de compostagem e não pelo turismo na região. E aí eu vou mostrando, que dá para passar o final de semana aqui na Planta Feliz, conhecer toda a parte de compostagem, dá para visitar alguma cachoeira, andar de caiaque na represa, tem o borboletário... Eu vou apresentando as coisas às pessoas. Elas não sabem que existem o Polo de Ecoturismo, não tem nem ideia. Então elas vão para Brotas, São Roque e locais bem mais distantes.

G: Uau, que história fenomenal. Muito obrigada. Gostaria de saber se vocês chegaram a participar da formação do Polo? Ou até mesmo, como vocês ficaram sabendo do Polo de Ecoturismo? Pelo que você me falou, parece que vocês foram morar aí primeiro para depois ficarem sabendo disso...

M: Exatamente. Essa é uma pergunta muito boa. E inclusive, gostaria de saber mais das respostas de outras pessoas. Porque quando você me contatou, fiquei pensando como foi esse processo para outras pessoas. E assim, não participamos da formação do Polo... Eu nem sei como isso se deu. Mas eu me questiono muito do pra quê ele serve, sabe? E o que exatamente ele faz? Mas acho que isso pode até ser uma via de mão errada minha... De que de repente eu não gerei demanda para o Polo, não sei... O que eu sei... Hoje em dia eu sou mais convidada, porque a Planta Feliz ficou famosa, para participar das atividades do Polo. Então eu recebo convites de workshops, de reuniões... mas também já sinalizei que não vejo vantagens... Assim, o Polo não me agrega. eu não exatamente para o que ele serve e de que forma ele pode ajudar o meu negócio. Tirando esses cursos e oficinas que têm acontecido. Eu participei de uma oficina bem legal em parceria com o Sebrae, em outubro do ano passado, no Borboletário... Nós fizemos os roteiros, o grupo Jaceguava, nos juntamos com outras propriedades na região e esse roteiro nunca saiu do papel... Temos uma parceria com a Agência Toca da Onça, mas também não conseguimos vender nenhum desses roteiros. Então assim, eu vejo pouco engajamento e trabalho coletivo para, de verdade, virar negócio. Hoje em dia estamos aqui como um negócio. Planta Feliz não é uma brincadeira, nós vivemos disso. Precisamos vender nosso negócio, contar nossa história. Eu falo para o pessoal do Polo: “Quem não é visto, não é lembrado”... Então não adianta ter um instagram mais ou menos, publicar uma vez por mês... Não vai fazer milagre. Precisa ir nas feiras, nas rodadas de negócios. Ninguém vai bater na sua propriedade... A gente tem aqui um parceiro bem bacana, o Hostel 3 lagos, ele cobra 60 reais a acomodação, oferece passeio de barcos... Mas é isso, ele está fazendo o dele.

Amanhã estará rolando uma outra oficina de roteiro... Dos 7 grupos que fazem parte do Polo, que foram divididos em outubro, apenas alguns apresentaram os roteiros. E eu já disse que não irei participar, pois não dá para ficar parando o meu trabalho. Essa conversa com você me fez retomar um contato com uma pessoa da SPTuris, pois eu havia pedido para fazer parte do site do Polo de Ecoturismo. Falando com você eu relembrei que a Planta Feliz não está lá. E eu havia preenchido um monte de coisas, formulários... E hoje de manhã eu mandei uma mensagem cobrando aquilo que havia solicitado em novembro do ano passado. Mas sendo bem honesta, não acho que fazendo parte do site do Polo, a Planta Feliz irá aparecer mais. Quero deixar claro aqui, que é essa a minha visão, sabe? Pode ser que realmente seja porque eu não bati na porta do Polo e questionado como eles podem ajudar a Planta Feliz.

G: Com relação a essa ocorrência de oficinas, workshops... Tem algum órgão que organiza isso? Ou são os moradores que se organizam?

M: Então, olha, não são os moradores. Eu nunca pesquisei a fundo isso, mas pelo que sei tem o Congetur, coordenado pelo Roberto Carlos; tem a Sol Dias que é a presidente da Antecipa e tem o Sebrae que está sempre junto. Normalmente esses eventos acontecem na propriedade de alguém, em algum espaço, como no borboletário, no Centro de Capacitação da Teotônio Vilela. Tem um engajamento pequeno entre os empreendedores. Temos alguns que trabalham em conjunto, como eu e o Augusto do Hostel, o Adrián da Vivant.

Eu acredito que ninguém cresce sozinho, sabe? Em maio, finalizamos a Semana da Compostagem, no qual coletamos gratuitamente resíduos orgânicos na cidade toda. E no dia 7 fizemos uma festa para isso, chamamos vários produtores locais e eles venderam bastante. Passaram mais de 200 pessoas e eu quero tornar isso um hábito. Não cobro nada para as pessoas venham aqui. Em julho estou pensando em marcar uma visita. Cobramos uma taxa de 20 reais para adultos, num período de 2 horas. A gente faz a passagem pela trilha, nascente, compostagem e minhocultura. E estamos com planos de montar uma festa da Primavera em Setembro e já têm várias pessoas da região se propondo a vir. Vai ser bem bacana!

G: E sobre essa questão da compostagem, como vocês fazem a coleta dos resíduos? Como funciona o trabalho de vocês ?

M: Então, nós temos a coleta residencial e comercial. Na coleta residencial, a gente entrega um saco de milho e mandioca. Ele se decompõem em 40 dias e não cria microplásticos. Ele é um adubo. Todo cliente recebe um saco deste por semana e é recolhido via moto. Um dos nossos lemas é: “o importante é compostar!”. Se você vai fazer isso com um minhocário na sua casa ou uma compostagem comunitária na praça também serve. Ou se você não quer ter grandes trabalhos, é só entregar para o motoboy que vai passar na sua casa toda a semana. Nossos clientes ainda ganham 25% de desconto na compra de adubos, se tiverem interesse.

Quando temos produtos... por exemplo, ano passado a safra de milho foi excelente... Eu faço mais barato o produto e não cobro o frete, pois o motoboy já vai fazer a coleta. Já fizemos isso com limão, goiaba, milho, com abacate aqui do sítio e eu pretendo expandir essa frente. Às vezes não dá nem tempo de fazer a colheita, para que as pessoas tenham acesso mais rápido e fácil aos nossos produtos.

G: Que bacana. E me diz, quem procura a Planta Feliz?

M: Hoje em dia nós temos mais de 150 assinantes residenciais. Então são pessoas engajadas com a questão ambiental, mudanças climáticas, um futuro diferente... Algumas já fazem compostagem em casa, com minhocário, mas aí tem uma série de restrições. Na nossa pode

tudo e essas pessoas nos mandam os cítricos, ossos, guardanapos... Já para o turismo eu recebo muito mais famílias. Esse ano eu fiz em fevereiro e maio. Eu não costumo divulgar, mas as pessoas às vezes entram em contato comigo. Em fevereiro, a maioria eram famílias e apenas uma pessoa era minha assinante. Percebo que são pessoas que procuram passeios rápidos, dentro da cidade e que envolvam a natureza. Então, vamos na nascente, às vezes aparecem alguns animais que vivem por aqui (mas não é garantia).

G: Compreendo. Eu assisti uma live em que você participa com o Lucas da Agência Toca da Onça, inclusive foi assim que conheci um pouco do trabalho de vocês... E ele mencionou que tinha um roteiro da agência que passaria pela propriedade de vocês... Esse roteiro já aconteceu?

M: Não rolou. Esse roteiro existe, inclusive foi criado na oficina do Borboletário que eu falei para você, ele sai do Clube do Campo de Castelo com o Adrian da Vivant, chega no píer do Pirata, passa no hostel e toma café da manhã lá, passa na Planta Feliz, vai para o Rincão e almoça por lá e vai na Casa da Girafa ou Parque Jaceguava. Hoje mesmo perguntaram da minha disponibilidade para o dia 2 de julho e eu não poderei. Então eles tentam incluir outros locais. Existe essa flexibilidade nos roteiros. Estou com a Toca da Onça há quase 1 ano e infelizmente não conseguimos fechar um passeio.

Uma coisa que eu conversei com o Lucas é entender o porquê a adesão é tão baixa. Eu não acho que seja o custo, pois eles fazem passeios de custos razoáveis e mesmo assim, não fecham. Eu até já falei sobre isso... em vez de fazer workshops para montar roteiros, a gente precisa entender o público para saber onde ele está... Não adianta só querer vender, sem entender o que está acontecendo na base. Não adianta. Esse roteiro que eu mencionei, fizemos dois pilotos e não vendemos. Convidamos algumas pessoas para fazerem e conhecerem... E achei interessante que no primeiro piloto, foram pessoas aleatórias, eram 18 pessoas e apenas 6 deram o feedback. E desses 6, as pessoas evidenciaram o tempo longo... Sendo que nem acho que era longo - das 9 às 14h. Achei super corrido na verdade. E alguns citaram que não curtiram o almoço no Rincão. Acho que sai um pouco da conexão... Todos os pontos anteriores são muito ligados à natureza, represa, trilhas e o almoço é em um local de piscinas artificiais e brinquedos. Mas nem acho que seja por isso, que está deixando de vender. Eu acho que é porque as pessoas não conhecem. E sinto que há um preconceito. As pessoas preferem ir a São Roque, Brotas do que ir para a Zona Sul de São Paulo. Essa é a minha visão, tá? Da Marina mesmo. Já ouvi que é muito longe, perigoso, que as pessoas serão assaltadas... Acho que cada vez mais devemos mostrar esse lado nosso, da periferia.

G: E Marina... Você acredita que o turismo tem contribuído para o desenvolvimento econômico da região?

M: Eu acho que ele pode muito mais. Mas sim, eu vejo um certo desenvolvimento. Eu até fiz um roteiro com a toca da onça para a Ilha do Bororé... Eu não conhecia e acabei descobrindo o trabalho do pessoal do Café na Mata, que tem sido influenciado pelo turismo na ilha do Bororé. Aqui na Planta Feliz, a receita do turismo nesses últimos dois meses foi de 40% da receita total. É um número significativo. Sendo que no início do ano estava entre 5 - 10%. Então deu uma boa crescida, sim. Principalmente porque as escolas estão retomando suas atividades e eles nos visitam. E isso é algo que eu tenho falado para os colegas de trabalho: “deixe sempre sua propriedade pronta para receber escolas”. E isso permite que se leve a zona

rural para dentro da sala de aula. Eu acho um trabalho fantástico. Esse é o futuro. E dá para trabalhar muitas disciplinas. Ter uma sala de aula na natureza.

G: Acho que isso também vai ao encontro da preservação do meio ambiente também, né? A educação ambiental é fundamental nesse processo. Acredito que o turismo tem contribuído para isso também, certo?

M: Sim, muito! Muito mesmo! Acho que não dá para desvincular uma coisa da outra... Se a pessoa for apenas conhecer a igreja de Parelheiros, ela estará rodeada pela natureza, vai passar pela represa... vai ter esse contato. A educação ambiental está junto com o Ecoturismo, com toda a certeza.

G: E como você se sente com relação à aplicação das políticas públicas voltadas ao turismo e à preservação do meio ambiente na região? Você se sente bem amparada? Tem um bom diálogo com figuras políticas atuantes na área?

M: É uma pergunta bem complexa. Mas acho que a Planta Feliz deu o seu *start* com uma política pública que foi o Ligue os Pontos, da Prefeitura. Eu vejo um incentivo muito grande da Secretaria de Desenvolvimento de apoiar os agricultores, de estar juntos. Temos o centro agroecológico de Parelheiros dentro da subprefeitura, e lá tem vários técnicos muito ativos. Particularmente, a Planta Feliz não tem evoluído muito com eles, que são poucos. Então a Planta Feliz caminha com as próprias pernas. Eu vejo menos auxílio da parte deles, mesmo quando eu preciso. Está para sair, desde o ano passado, um selo de transição agroecológica... porque assim, eu não consigo pedir um selo de alimento orgânico se eu não passar por essa transição. O que eu não vejo muito sentido, pois nunca usei produtos químicos na região. Mas preciso desse selo, que não sai há mais de um ano. E sem esse selo eu não posso pedir a certificação de alimento orgânico. Então eu posso vender os meus produtos, mas não posso dizer que são orgânicos. Por mais que sejam. Então... existe um déficit.

No turismo, a mesma coisa. Eu acredito que a política privilegia apenas alguns. Meu relacionamento com os vereadores, deputados, foi por conta própria. Fomos atrás. Temos um contato bom com a família Goulart, com a Marina Helou - deputada estadual e todos os membros do gabinete dela. Temos contato com o subprefeito de Parelheiros, com a Casa de Agricultura, que está sempre bem próximo. Inclusive, uma das parcerias com o agrônomo da Casa de Agricultura, é que recebemos a poda triturada deles. Então, temos um relacionamento que está fluindo. E agora eu falo direto com o prefeito [risos] e ele responde!! [risos]. Não desmerecendo ninguém, mas não dá para sentar e esperar. Se tiver uma boa política pública, ótimo! Mas se não tiver, eu vou fazer de qualquer jeito.

O Roberto Carlos está muito à frente do Polo e... conversar com você me fez pensar em muita coisa! Fui questionar o Roberto para saber o que o Polo está fazendo pela região como um todo. Ainda não tive nenhuma resposta... Eu quero entender mesmo o que está rolando. Eu quero fazer parte de algo que faz sentido.

G: E só uma última pergunta... Queria saber se você visita os locais turísticos do Polo?

M: Ah sim. Mas isso porque é o nosso perfil mesmo. Eu gosto muito de visitar, principalmente outras propriedades, para criar contatos, conhecer mesmo. Mas já teve muito rolê zoad, por exemplo, coloquei Cachoeira do Sagui no gps e deu um caminho errado, muito esquisito. Então, a gente também precisa fazer isso para ver como são as coisas, para que eu possa indicar ou não. É importante conhecer!

G: Marina, muito obrigada mesmo pelo seu tempo e por todas essas informações tão valiosas! Estou muito contente por todas as coisas novas que você me trouxe. Quero conhecer o trabalho de vocês o quanto antes. Gostaria de saber se tudo bem eu divulgar o seu nome e o nome da Planta Feliz?

M: Imagina, que isso! Eu quem agradeço e pode divulgar sim, sem problemas! Boa semana!

Anexo 4

Entrevista com Adrian - Empresa Náutica Vivant SP

G: Bom Adrian, gostaria que você me contasse um pouco mais sobre o seu trabalho.

A: Olá, me chamo Adrián e em 2016 eu comecei essa empresa chamada Vivant. Antes, eu trabalhava em um banco Alemão e o pessoal que vinha da Alemanha, os diretores, estavam enjoados de visitar sempre a mesma coisa, exemplo: “Ah, só o Parque Ibirapuera, o que mais tem para fazer nessa cidade?” E me perguntavam: “Adrián, o que você costuma fazer na cidade?” E eu os levava para fazer outras coisas. Eu já velejava, praticamente desde que eu nasci, os meus pais velejavam também e continuei com esse *hobby*, aqui na Guarapiranga, sempre.

Eu os trazia para cá para velejarmos e pegava emprestado o barco. Quando saí do banco percebi que aqui tinha uma possibilidade de negócio. Não havia ninguém fazendo um trabalho personalizado, diferente de uma escuna, por exemplo. Um trabalho mais sofisticado, mais customizado, né? De forma a atender um público mais seletivo, não necessariamente uma escuna tocando funk... E assim, tem público, né?

Nós moramos em uma cidade de mais de 12 milhões de habitantes, é uma Finlândia, mais um Portugal juntas. Então se trabalhar direitinho, realizar uma boa comunicação a gente consegue atrair o público. Foi em 2016 que comecei a trabalhar nessa área, comprei uma lancha e passei a oferecer os passeios de forma customizada, grupos fechados. E assim, foi evoluindo nessa ideia, passei por diversos tipos de barco e diversos tipos de lanchas, até chegar a um modelo de lanchas de 36 pés, que atualmente são as maiores da represa.

E trabalhamos de forma exclusiva, por enquanto. São passeios que você e sua família marcam ou você e seu namorado. Cerca de 70% do nosso público são casais.

Lá em 2016, não é que eu comecei do nada, eu realizei uma pesquisa com o objetivo de ouvir e verificar quem sabia e quem já tinha ouvido falar da Represa do Guarapiranga. Eu fiz entrevistas com cerca de 400 pessoas, das classes A e B da região sul mesmo, de Santo Amaro em direção mais a sul mesmo. E surpreendentemente 2% já ouviram falar da Guarapiranga.

G: Nossa, realmente pouquíssimas pessoas mesmo!

A: Sim, muito pouco mesmo, principalmente porque a Guarapiranga abastece cerca de metade da cidade de São Paulo com água, cerca de 5 milhões de pessoas, dependendo do mês, do ano.

Fiquei bem surpreso com esse resultado... As pessoas acham que a água vem da torneira, da Sabesp, mas e aí? De onde vem a água distribuída pela Sabesp? Então, quando eu conduzo os barcos eu tenho um trabalho de contar e passar essas informações às pessoas, trazer esse lado

mais ecológico. Às vezes as pessoas não querem saber desse lado ecológico da coisa, então eu acabo deixando de lado, mas sempre que vejo a oportunidade eu faço isso sim.

Conforme fomos evoluindo, estamos fazendo um trabalho mais coletivo agora, com barcos com capacidade de até 30 pessoas. No qual, o Lucas Duarte (da Agência Toca da Onça) nos ajuda a fazer os roteiros e assim temos a oportunidade de mostrar essa parte mais ecológica da represa. Nas nossas lanchas colocamos tabelas informativas da flora e da fauna da represa. São cerca de 305 espécies de pássaros catalogados aqui e, acredito que 30% delas são espécies migratórias. Essas informações vieram do ornitólogo Fábio Schunck que é uma grande referência nesse assunto. Já encontrei outros tipos de animais nadando por aqui, até mesmo o bicho-preguiça. Então, realmente temos uma enorme biodiversidade por aqui e as pessoas têm pouquíssimo conhecimento disso e precisamos espalhar isso, né?

Hoje em dia, a missão da empresa é trazer à tona a Represa. Mostrar que existe uma represa na cidade de São Paulo que está a 20 minutos do shopping Morumbi, por exemplo.

E aí quem sabe, as pessoas passem a pensar naqueles *ESG (Environmental, social, and corporate governance)* de forma mais decente do que no papel, apenas para os investidores verem. Temos um bom exemplo aí a Sabesp... Se ela praticasse de fato essas questões, a represa não estaria neste estado de calamidade que se encontra hoje, com vários pontos impróprios para banho.

A: Então, retomando, minha empresa faz esses passeios quase todos os dias. Hoje mesmo tenho um correndo com 45 pessoas, divididas em duas lanchas. São de uma empresa que está realizando um *workshop*.

G: Entendi, que interessante. Então vocês agora estão expandindo o trabalho de vocês para um público mais numeroso, não tão seletivo e inserindo práticas e discursos voltados à disseminação dos conhecimentos ambientais sobre a área, certo?

A: Com certeza, esse tem sido um dos nossos maiores propósitos. Porque realmente sem a água a gente não vive. Se a represa sumir, São Paulo acaba. Então precisamos mostrar a importância da represa às pessoas. E os passeios coletivos, vêm como uma forma de baratear os nossos passeios. A gente já vê sinais claros de uma atual crise econômica e sentimos a necessidade de oferecermos *tickets* mais adequados, em torno dos seus 60 - 70 reais por pessoa.

G: Compreendo. E com relação a esses passeios coletivos, qual o perfil do público que tem procurado o serviço de vocês? São mais familiares, amigos?

A: Olha, esses coletivos, na semana, a maior procura mesmo é de empresas. Mas toda essa situação ainda é muito incipiente, muito nova. Ainda não iniciamos nada muito forte de campanhas. Mas assim, o nosso passeio mais tradicional, que realizamos desde 2016, cerca de 60- 70% são casais, em torno de 30% famílias e de resto são grupos de amigos.

G: Perfeito, compreendo. Agora irei lhe perguntar algumas coisas mais relacionadas ao Polo de Ecoturismo. E gostaria de saber como você ficou sabendo da implementação do Polo e se você teve alguma participação durante o processo de formação e construção do Polo.

A: Bom, quem me apresentou o Polo de Ecoturismo foi o pessoal da Congetur, né? Eles estavam interessados em fazer um Polo que abrangesse a represa do Guarapiranga. A lei do Rodrigo Goulart foi aprovada, então de uma forma ou de outra, acabei participando desse processo, pois na Guarapiranga quem possui os barcos nessa área somos nós. Levei diversas vezes o pessoal do Congetur, o Rodrigo Goulart também, para conhecerem a área e

conseguirem inseri-la no Polo de Ecoturismo. Tivemos uma participação sim. A Secretaria de Turismo também nos abordou.

G: Então basicamente, a Congetur procurou o trabalho de vocês e, com isso, passaram a apresentar a região a eles e mostrar os principais potenciais...

A: Sim, exatamente. E isso tudo ocorreu em conjunto com o Lucas Duarte, que nos ajudou bastante com essa situação, o Roberto Carlos, da Congetur, a Michele Fernandes da Secretaria de Turismo. Foram pessoas-chaves para que colocassem o holofote do turismo para a nossa região. E com isso a gente ganha um apoio, visibilidade e uma formalização do turismo. Acho que essa é uma palavra-chave “formalização” e “parametrização” de forma adequada, fazendo os roteiros. O Polo de Ecoturismo é bem bacana, pois conseguimos formalizar e roteirizar os passeios. E é isso o que o cliente quer! Eles [os clientes] não querem apenas um passeio de barco, mas sim o passeio, depois passar num hostel com um café da manhã típico da região de Parelheiros, depois passar na Planta Feliz, e esse tipo de coisa, vende super bem, chama muito a atenção. Então, é uma questão de unir forças e isso é muito importante no turismo.

G: E esses roteiros que você mencionou... Eu tomei conhecimento de alguns deles a partir de lives promovidas pela Agência Toca da Onça (principalmente), e eu gostaria de saber se esses roteiros vêm acontecendo mesmo, se têm dado certo, se ao montá-los, vocês já conseguem aplicá-los? Ou existe algum empecilho?

A: Olha, ainda faltam algumas coisas.... Na parte náutica, ainda carecemos de muita infraestrutura pública. Atualmente eu me encontro dentro do Clube de Campo do Castelo. E para eu fazer, por exemplo, três passeios, são cerca de 90 pessoas que irei atender e que precisarão entrar e passar pelo clube. Então, a gerência do clube e os sócios também podem se sentir incomodados com essa situação. Se a gente tivesse infraestruturas públicas, como píers e estacionamentos em parques públicos, isso facilitaria bastante. E isso vai ao encontro do edital que foi lançado para a concessão de seis parques da Orla da Guarapiranga. Isso ajudará muito o desenvolvimento do Polo de Ecoturismo aqui na região, pois se pensamos o seguinte, de carro, a barragem da Guarapiranga encontra-se a 20 minutos do shopping Morumbi, entretanto, caso eu queira ir de carro até Parelheiros, levo quase 1h30 - 1h40 min deste mesmo ponto de partida. Entretanto, se eu tiver um barco que saia da barragem e vá até Parelheiros, o trajeto tem uma duração máxima de 15 minutos; totalizando um trajeto, envolvendo o modal carro e barco, de no máximo 35 minutos. Por isso que os píers são tão importantes para a gente disseminar o turismo nessa região e acredito que o Polo tenha essa influência. Nós temos aí cerca de 20 *players* esperando turistas e, enquanto a gente não tiver esses píers concedidos, a gente não consegue trazer mais turistas para cá e aí interfere em outras coisas, como os políticos da região deixam de ganhar votos e a economia aqui não gira.

G: E esse fator de redução no tempo até chegar em Parelheiros, pode ser considerado um fator atrativo para os turistas, pois, dependendo, a via de acesso até lá pode estar bastante congestionada. Bem interessante essa informação. E gostaria de verificar com você também, com relação às políticas públicas, se você e sua equipe se sentem bem amparados com essas políticas voltadas ao turismo e se vocês tem uma boa relação com vereadores, deputados e secretários que estão envolvidos diretamente com o turismo aí na região.

A: Olha, correndo atrás você até consegue desenvolver uma boa relação. Mas tudo é muito volátil dentro do poder público. Então às vezes uma pessoa que você tinha contato, deixa de estar neste cargo, ocorrem mudanças abruptas na gestão. Então... existem essas dificuldades.

Sinto que o poder público precisa olhar com mais carinho e organizar melhor essas questões, de uma forma que a gente [empreendedores] sinta-se mais amparado e apoiado. A gente, muitas vezes, se sente muito perdido. Quando conseguimos o contato de um assessor nos sentimos muito privilegiados e não era para ser assim, era para ser acessível a qualquer pessoa. É uma realidade muito distante ainda. Eu corro atrás de muitas pessoas e, por isso, acabo tendo até um bom contato, mas acho que outros empreendedores não têm. Há um rapaz aqui da escuna também que não consegue desenvolver o trabalho dele, por não ter amparo nenhum. Às vezes o cara não tem um acesso à internet legal, ou é mais fechado (não tão flexível) e isso dificulta um pouco também. Então, resumindo, há uma distância entre o poder público e os *players* em geral.

G: Realmente esse tipo de coisa tende a dificultar ainda mais o desenvolvimento das atividades aí na região... E eu gostaria de saber um pouco mais da relação com os turistas aí na região, se eles gostam dos passeios que eles estão fazendo...

A: Olha, 100% se surpreendem. Eles ficam impressionados por não terem conhecimento desse lugar antes, da presença de tantos animais e da proximidade com o setor financeiro da cidade de São Paulo. E quando vamos explicando como é mais a Sul, ali em Parelheiros, que temos algumas Terras Indígenas, eles ficam muito impressionados. É uma questão muito mal divulgada, todos deveriam ter conhecimento dessas informações, sabe?

G: Sim, eu concordo. Eu também só fui ter uma noção melhor de tudo o que a região apresenta quando comecei a pesquisar para fazer o trabalho. Acho que minha próxima pergunta vai ao encontro deste seu último comentário... Gostaria de saber quais as maiores dificuldades que vocês vêm enfrentando para desenvolver essas atividades, pensando no contexto do Polo de Ecoturismo. Você mencionou algumas já, mas parece que uma que pesa bastante é essa falta de divulgação das informações, né?

A: É algo muito difuso. As informações existem, mas não estão concentradas. Não há um agente centralizador dessas informações. É algo muito largado, muito solto, não é trabalhado de forma direta com as agências. É cada uma por si, elas [as agências] fazem o trabalho delas. Mas assim, os receptivos dos hotéis deveriam divulgar isso. Cara, o turista está lá no hotel, vai passar o final de semana e ele tem que ir lá no Beco do Batman? O cara tá cansado, muitos desses desenhos ele encontra na cidade dele também. O parque do Ibirapuera é uma opção, mas fica aquele questionamento... “é só isso que tem para fazer?” A gente tem uma grande dificuldade de comunicação com os hotéis de primeira linha da cidade. E isso precisaria ser comunicado... inclusive esses turistas poderiam se hospedar em alguns hotéis aqui da região, como o Silcol lá em Parelheiros. Poderia haver uma dinâmica melhor, falta concentração e maior divulgação das informações, para ela chegar de uma forma rápida e precisa aos viajantes.

G: Realmente, o número de turistas que vêm a negócios para a cidade de São Paulo é bastante significativo. É muito interessante pensar nessa perspectiva... E já nos encaminhando para o final, eu gostaria de saber se a implementação do Polo de Ecoturismo tem afetado o seu trabalho, seja de maneira positiva ou negativa. Qual sua percepção sobre isso?

A: Olha, tem afetado de maneira positiva, devido principalmente à roteirização e isso nos faz enxergar novos produtos, novas possibilidades.

G: Perfeito.. e minha última pergunta é se você tem o costume de visitar os outros locais que fazem parte do Polo, seja a Ilha do Bororé, o Solo Sagrado, algumas das cachoeiras...

A: Sim, eu costumo! A Ilha do Bororé mesmo, estamos começando a desenvolver novas operações com uma lancha.. então a gente visita sim, tanto a lazer, mas a trabalho também, principalmente.

G: Poxa, que bacana. Bom eram essas as minhas questões. Agradeço pelo seu tempo e por todos os pontos abordados aqui. Certamente, enriqueceram a minha compreensão sobre o Polo de Ecoturismo. Ah, gostaria de saber se tudo bem eu divulgar o seu nome e o nome da empresa em meu trabalho?

A: Bacana Glória, sem problema algum, pode divulgar sim! Fico feliz em ter ajudado. Qualquer coisa só avisar. Abraços!

Anexo 5

Entrevista com Cibele - Selva SP

G: Bom Cibele, se você puder se apresentar, falar um pouco mais do seu trabalho, da sua profissão...

C: Bom, eu sou a Cibele, sou guia de turismo e atuo aqui na região há muitos anos. Trabalho hoje com os esportes de aventura pela Operadora de Turismo Selva SP em Marsilac e creio que é um empreendimento do ramo sustentável e ordena um pouco as atividades que já aconteciam antes de forma irregular, aqui na região. Nós incrementamos mais atividades, temos parceria com o território indígena e é de base comunitária, pois nosso grupo é formado pelos próprios moradores locais.

G: Bacana, e sobre a implementação do Polo, como você ficou sabendo? Você teve alguma participação na construção deste projeto? Como que foi?

C: Sim, eu acompanhei bastante. Logo no início não consegui acompanhar de perto, mas as etapas seguintes a gente acompanhou sim. Já havia uma demanda pelos próprios moradores de implementar e formalizar o turismo e o Polo veio com uma política pública bastante significativa para nós e o Congetur, que é o órgão empenhado nessa atuação, ele sempre foi bem atuante na questão de engajar o moradores locais, independente dessas pessoas estarem dentro da atividade turística, trabalhando ou se apropriando da atividade. Então eles sempre tiveram uma boa comunicação com nós aqui para formalizar o Polo, enquanto lei né. Então sempre foi bem divulgado esta questão.

G: E você sempre trabalhou na Selva SP?

C: Sim, a Selva SP vem de uma antiga associação a AMOAAPA - Associação dos Monitores Ambientais da APA do Capivari-Monos, que se encontra dentro do Polo de Ecoturismo, apesar da APA ser anterior ao Polo. Tinha um projeto para implementação de atividades voltadas ao turismo na legislação da APA e acabei fazendo parte de alguns projetos de capacitação, então eu já atuava com monitoria ambiental e só fui me capacitando mais e continuei na atividade.

A AMOAAPA hoje não existe mais, porém há um movimento por parte do Congetur para formalizar uma nova associação, não sei se com o mesmo nome, mas com o objetivo de

capacitar jovens aqui da região através de algumas parcerias com o Congetur e o poder público para acrescentar mais mão de obra para atuar como monitores ambientais que tanto precisamos aqui na região.

G: Há um tempo eu acompanhei uma live feita pela Agência Toca da Onça em que eles evidenciaram o trabalho realizado pela Selva SP na Cachoeira do Marsilac, principalmente no que tange a questão de melhorias ambientais, de limpeza... você poderia comentar um pouco sobre esse trabalho realizado pela Selva SP?

C: A visita à Cachoeira do Marsilac já era uma atividade que acontecia, porém de forma não irregular, mas sim desorganizada... Acho que a palavra irregular é muito pesada, pois enquanto seres humanos, não sabemos como lidar com a natureza, da forma adequada. A gente até tenta, mas não conseguimos. Então uma das maneiras que tentamos implantar para minimizar os impactos que aconteciam aqui, foi colocar um horário para visitação, colocar pessoas capacitadas oferecendo algum tipo de serviço, como um guarda vidas, as atividades de aventura e ecoturismo, a questão da alimentação. Colocamos outros regramentos ligados ao destino dos resíduos, altura de som, que não permitimos mais, pois é uma área de soltura de animais. Há muitos animais silvestres por aqui, principalmente pássaros e todo esse som acaba incomodando eles. E as pessoas que vinham nesse local traziam tudo com elas e deixavam nas áreas próximas à cachoeira. Então, passamos a não permitir mais certos comportamentos... Estabelecemos os locais adequados às áreas de fumantes, de alimentação, áreas somente para banho, para que não volte a acontecer o que ocorria antes, né... Muita sujeira ficava no local.

Desde 2014, foram assinadas pela FUNAI e pelo Ministério da Justiça, a demarcação do Território Indígena Tenondé-Porã. Então, atualmente a cachoeira do Marsilac pertence ao território indígena. E eles possuem um Plano de Visitação dentro do próprio território e nós temos essa parceria com eles, para utilizarmos a Cachoeira do Marsilac e outros atrativos que se encontram no território deles, mas desde que eles sejam avisados com antecedência e parte dos recursos de algumas atividades são destinados a eles também. Eles possuem uma Comissão de Turismo, que realiza relatórios, cuidados e até mesmo para saber como eles podem atuar dentro do turismo e poder ajudar a proteger esse pouquinho de floresta que resta aqui na região. Então eles têm um plano de turismo, tem esse aval que eles fazem com a gente, de permissão das atividades e tem a comunidade, pois quem trabalha conosco, é mão de obra da comunidade.. não sei atualmente como está, mas já foi o IDH mais baixo da cidade ou do município... agora não me recordo, mas justamente por ser tão afastada, não ter vagas de emprego aqui, principalmente para os jovens. Então a gente tenta fazer esse trabalho, de resgate da mão de obra e capacitação.

Pelo que eu sei, por enquanto apenas nós somos parceiros oficiais da TI. Mas creio que outras agências já devem levar visitantes não só nas aldeias, mas também nos atrativos que encontram-se dentro das terras indígenas.

Na cidade de São Paulo, nós somos os únicos que realizamos a atividade de rafting, por enquanto.

G: E como foi o processo para que vocês conseguissem ter acesso e utilizar esses atrativos? Eles encontram-se em propriedades privadas? Vocês fazem alguma associação?

C: Olha, dentro do Território Indígena, quando ele foi demarcado já ocorria essa ocupação [de visitantes, entrando nesses atrativos. Já em alguns trechos nós passamos por propriedades

particulares e a gente também faz esse repasse de valores para os moradores da região. Como nós somos moradores locais também, a gente consegue conhecer a maior parte das pessoas... Eu moro aqui há quase 30 anos e deu para conhecer muita gente, que dá esse aval para nós. A gente informa o dia em que iremos passar, quantas pessoas estarão com nós, mas é só passagem mesmo, a gente não faz nenhum outro tipo de atividade nessas áreas.

G: Entendi. E como os moradores dessas áreas por onde vocês passam ou de localidades mais próximas vêm a passagem de vocês, a chegada de turistas, por exemplo... Qual a sua percepção sobre isso?

C: Olha, muitos sitiantes, inclusive, agradeceram a nossa atividade, pois antigamente, principalmente nos finais de semana do verão, feriados, muitos carros ficavam aqui, tinha um espaço que eles deixavam os carros... Enfim, era uma fila quilométrica de carros e os próprios moradores não conseguiam acessar suas chácaras e precisavam voltar até um dia antes. E no momento de saída, essas pessoas jogavam os lixos dentro dessas propriedades. Então, o morador local, que fazia a visitação de forma correta, para eles a nossa atuação foi bastante positiva... Quem realmente não gostou foram aqueles que faziam coisas erradas, né? Pois estabelecemos uma série de restrições para essas áreas.

Mas nós fizemos um resgate de famílias antigas, que há muitos anos não visitavam esses atrativos próximos de suas casas e voltaram a visitar essas áreas, por conta dessa nova organização, para ver o que estávamos fazendo nesses locais...

Há uma demanda muito grande de jovens que querem trabalhar conosco e, infelizmente, não comportamos todo mundo. A ideia dessas atividades não é ser algo grande, mas que também não fique só entre a gente. Seria bom se outras cachoeiras adotassem esses procedimentos, principalmente as que se encontram em áreas particulares, mas que também gerem renda, não apenas para o proprietário, mas que consiga empregar mão de obra local.

G: Muito interessante essas informações! E com relação a implementação do Polo, como afetou o trabalho da Selva SP? Como influenciou o trabalho de vocês?

C: Olha, influenciou diretamente, principalmente na questão de divulgação da marca, na questão de pertencimento do local. Quando vem uma lei dessas, também chegam recursos para capacitação das pessoas e divulgação. Nós temos muitas capacitações promovidas pelo Sebrae, o Congetur está sempre por trás, dando suporte. A visibilidade cresceu bastante. E agora trabalhamos amparado pela lei e não há melhor coisa que isso, pois no turismo nem tudo ainda é regulamentado, muitas coisas acontecem primeiro para depois surgir o regramento, então a gente ainda está entendendo como a esfera do turismo funciona... e não apenas a nível Marsilac, mas a nível Brasil também. Muitas vezes o turismo é deixado de lado, por conta da condição social também, no geral. O turismo é um fenômeno e, não adianta, ele vai acontecer de qualquer forma. A gente precisa ordenar esses locais, mas a atividade turística vai acontecer de várias formas possíveis.

G: E qual o principal público que vocês recebem na Selva SP?

C: Hoje atendemos muitas famílias, mulheres... Principalmente da cidade de São Paulo mesmo. É um público bastante grande, agências que operam no Brasil inteiro e passaram a nos descobrir aqui e eles ficam maravilhados com o potencial da área e com o trabalho que executamos aqui.

G: E como essas pessoas acabam chegando até vocês? Pelas redes sociais?

C: Como temos cadastro no Cadastur, isso ajuda. Mas as redes sociais são fatores que são maravilhosos para a gente! Porque o turismo precisa ser visto, por fotos, imagens e a rede social possibilitou esse alcance. Então as agências, tomam conhecimento pelo site Cadastur, redes sociais ou até mesmo boca a boca das pessoas.

G: Você mencionou que a maioria do público que procuram vocês é da cidade de São Paulo, certo? Você sente que a população local mesmo, proveniente de Parelheiros, Marsilac, Ilha do Bororé ou até mesmo Grajaú, eles costumam acessar essas atividades? Ou você sente que é mais um público que mora mais distante mesmo?

C: Os grupos maiores vem, geralmente, do centro mesmo. Vem muitos grupos de amigos, de até 5 pessoas e grupos de mulheres também aqui da Zona Sul mesmo, como do Grajaú, Diadema. Recebemos pessoas do interior e também do litoral e, principalmente, depois da pandemia as pessoas têm descoberto mais locais por aqui... Também recebi pessoas de Campo do Jordão, Santos, Embu-Guaçu (onde temos um público bacana e uma agência parceira). Nossa atividade depende de um fator fundamental que é o Sol, né? Tem vezes que chegamos a ficar quase três semanas sem conseguir fazer operações, mas quando chega o verão aparecem muitas pessoas. Mas a gente é só um pedaço. Eu espero que a própria comunidade se incorpore nessa questão do turismo, porque tem muitas propriedades que têm capacidade de atender turistas... Tem muitas pessoas que viajam para Campos do Jordão para tomar vinho e ficar na frente da lareira e pagam preços caros por isso. Então assim, aqui temos muitos lugares maravilhosos que precisam ser descobertos não só pelo turista, mas também pelo olhar dos próprios moradores. Quando o morador entende que aqui é um lugar maravilhoso e perfeito para fazer turismo, tudo muda.

G: E com base na sua opinião... O que falta para o morador local descobrir a região ou incentivá-lo a querer descobrir?

C: Olha, acho que o próprio conhecimento, não é algo fácil. Não falo de força de vontade... Porque o mundo em que vivemos demanda de uma coisa que é o dinheiro, nós temos que pagar nossas contas, ir ao mercado, sobreviver, né? E mesmo uma pessoa tendo o conhecimento, mas não sabendo como empregar esse conhecimento, ela não vai conseguir atuar nessa área. Ela precisa entender como ela pode ser rentável para ela mesma. É necessário que a gente entenda como podemos preservar essa área e ainda gerar renda para a comunidade, de uma forma legal.

G: Entendo... E você acha que o turismo, agora com o Polo, tem promovido um desenvolvimento aí na região? Tanto um desenvolvimento social, quanto econômico?

C: Sim, ele desenvolve, principalmente a questão de eventos... As festas juninas têm acontecido nos bairros, são pequenas e agradáveis... espero que continue dessa maneira para não perder a característica do local. Mas em questão de eventos, da culinária, você percebe que as pessoas têm interesse. De vez em quando elas colocam algumas coisas para vender nos carros e é aquilo, né? Passo de formiga... A gente está plantando hoje e talvez só daqui 30 anos iremos colher os frutos.

O turismo depende de todos os outros setores para acontecer, se pegar a escala ele está em último. Eu não vou fazer turismo se eu não comi, nem bebi, se não estou bem de saúde... Eu preciso de todas as outras necessidades ok para conseguir fazer turismo.

G: E com relação à preservação ambiental, você acredita que o Polo tem contribuído para isso?

C: Sim, de forma controlada sim. Porque podemos fazer um turismo desordenado ou controlado, né? Que são aqueles grupos de mais de 50 - 100 pessoas que saem a campo, abrem as matas, fazem as trilhas, e fazem o que querem... Enfim, precisamos ter um controle de pessoas, saber os locais que estão acessando. Se não pode vir a ser um turismo do tipo sol-praia, que sobrecarrega as cidades do litoral durante os finais de semana e na alta temporada. E a questão de lixo, de saneamento fica prejudicada. E afeta diretamente o morador local que está ali todos os dias. Então é importante ter um controle.

Aqui temos algumas trilhas que fazemos e percebemos que elas estão inseridas nesses aplicativos de mapeamento nas redes e é só a pessoa seguir, às vezes com o mínimo de segurança. E já aconteceu de chegarmos no final dessas trilhas, nas cachoeiras e terem mais de 100 pessoas ali... e não adianta, quando as pessoas vão embora, o local está totalmente deteriorado. Ainda bem que temos o inverno, que afugenta as pessoas, as pessoas têm medo da água no inverno [risos]. E isso possibilita uma regeneração da mata nessas áreas. A mata atlântica consegue se recuperar até que rapidamente... ainda bem! Senão metade das nossas trilhas já estariam com asfalto, né...

G: E como vocês descobrem esses novos lugares e os inserem nos roteiros ou os classificam como potenciais turísticos? Tem algum processo burocrático a ser seguido?

C: Como eu sou local, esses locais em que levamos os turistas são de conhecimentos nossos de longa data. A gente costuma passar por antigas estradas que faziam parte do processo de corte de madeira na época das carvoarias, que abasteciam a cidade de São Paulo, então hoje em dia ela está como trilha, mas já foram estradas. Mas antes disso tudo eram caminhos indígenas, eram acessos que eles já faziam entre o litoral e o planalto. Todos esses trajetos fazemos antes com o grupo [de monitores] e vamos mapeando os locais por onde iremos passar, os graus de risco, de dificuldades e também realizamos um filtro com as pessoas que vêm... Se elas têm experiência em trilhas, por exemplo. Nós utilizamos equipamentos de segurança e toda a nossa equipe passa por um treinamento de primeiros socorros anual em áreas de mata, pois a equipe também se renova. Então nós nos antecipamos e nos planejamos para evitar acidentes, de forma a nos divertimos, mas com consciência. Como eu sou local, acabo tendo mais noção da época em que o rio está cheio, quais os locais têm chances de desabamentos, que é algo natural.

G: E com relação às políticas públicas voltadas ao turismo ou até mesmo quando vocês precisam de um maior contato com pessoas públicas, como vereadores, secretários, deputados e até mesmo o prefeito, vocês conseguem estabelecer este diálogo?

C: Sim, nós conseguimos. E coitados deles se não nos responderem [risos]. O Congetur é um órgão muito atuante e bem conhecido pelas secretarias estadual e municipal de turismo. Inclusive em algumas reuniões, fóruns, somos referência, pois levamos muitas pessoas aqui da região. Participamos de vários programas como o SP Aventura, que é uma parceria do Sebrae com o Governo do Estado para capacitar os empreendimentos que realizam atividades no ramo de aventura no estado de São Paulo. Somos bem atuantes. Casca de ferida mesmo [risos].

G: E agora gostaria de saber um pouco mais das principais dificuldades que vocês têm encontrado para desenvolver as atividades ligadas ao Ecoturismo e ao turismo de aventura e sustentável aí na região?

C: Olha, o turismo sustentável é muito difícil de atingir, principalmente pelo nosso estilo de vida mesmo... seja pelo nosso consumismo, pelas roupas que usamos, por aquilo que comemos... Então, na atividade a gente procura ter um mínimo de pessoas possível, para não exceder essa capacidade técnica, não só pela questão ambiental, mas pela segurança também. Ser sustentável é muito difícil mesmo. Espero que essa situação continue mudando, pois temos muitos estudiosos e cientistas descobrindo novas formas, materiais e ferramentas para diminuirmos o consumismo. Tem também a questão da conscientização das pessoas também, no quesito de preservar o meio ambiente, de manter aquela árvore que está no meio do caminho e de valorizar isso.

G: E como última pergunta, gostaria de saber se, além dos locais que vai a trabalho pela SelvaSP, você costuma visitar outros locais do Polo de Ecoturismo?

C: Ah, eu sou figurinha carimbada, viu? Eu sou guia de turismo e desenvolvo atividades aqui no SelvaSP, mas direto eu sou emprestada para outras atividades e outras agências, como a Toca da Onça, tanto no Polo quanto em outros locais, por exemplo... Tem pessoas que vem nos nossos roteiros e gostam tanto que acabam nos contratando para levá-los em outros passeios. É uma loucura! Então acabo consumindo outros locais e as festas também. Inclusive quero te convidar para o Colônia Fest, que está dentro do calendário de eventos da Cidade de São Paulo, na sexta, sábado e domingo. Há outros eventos também como o Sarau na Praça, em Parelheiros, tem a Casa di Fatel, Casa de Cultura de Parelheiros, enfim muitas coisas mesmo!

G: Que incrível. Obrigada pelo convite!! Ah, só uma última coisa... Vocês têm esse costume de fazer atividades turísticas envolvendo diversos agentes, empresas?

C: Sim, inclusive o Lucas da Toca da Onça presta serviços para nós, eles vendem nossos pacotes, pois eles são agência de turismo e nós, operadora, certo? Então estabelecemos parcerias e assim, ampliando nosso contato com outras empresas e até mesmo outros turistas.

G: Bom Cíbele, agradeço demais pelo seu tempo. Nossa conversa me trouxe muitas informações novas. Gostaria de saber se posso divulgar o seu nome e o nome da Selva SP em meu trabalho?

C: Sem problema algum, pode divulgar sim. Se precisar de algum tipo de autorização só me avisar. Muito sucesso para nós!

G: Igualmente!

Anexo 6

Entrevista com Capivari Manos (Felipe, Adan e Flaviano) - Página Capivari Manos

G: Bom Felipe, gostaria de saber um pouco mais desse nome do grupo de vocês “Capivari Manos”, como foi isso?

F: Nossa, realmente... Esse nome do nosso grupo confunde bastante. Quando oficializamos o grupo... na verdade, ele surgiu em 2012 e foi crescendo, entrando novos integrantes, e em 2017, quando começamos a escrever para o Jornal Folha da Minha Sampa lá de Parelheiros, nós precisávamos de um nome... e assim, nosso grupo só tinha homem, um bando de manos e um dos integrantes, o Daniel, falou “meu, Capivari Manos!”. E a gente gostou muito, fazia

muito sentido por conta da APA. Só que isso gera muita confusão aqui na região, muita gente acha que somos um perfil oficial da própria APA.

Eu sou formado em Biologia, sou professor de uma escola aqui da área e uma coisa que eu costumo trabalhar com eles, é a questão das Unidades de Conservação que a gente possui aqui na região. Além das duas APAs, temos outros parques municipais, como o da Cratera de Colônia, o das Nascentes do Ribeirão Colônia, o do Itaim, que foi criado em decorrência da criação do Rodoanel. Então assim... estamos em uma área muito boa, de muita Mata Atlântica.

G: Realmente são muitas possibilidades para conhecer que envolvem acervos naturais. Muito bacana mesmo!

F: E é muito pouco conhecido, né? As pessoas quando pensam em São Paulo, só pensam na metrópole, nos prédios e se esquecem que dentro da capital ainda temos essa área. Muita gente me pergunta onde que Marsilac fica, por exemplo, e as pessoas não sabem que fica dentro da capital, como um trecho preservado.

[Adan passa a fazer parte da chamada]

F: Esse é o Adam, ele também faz parte do nosso grupo, é o nosso engenheiro, que constrói nossas estruturas nos acampamentos.

G: Obrigada pela presença, Adam! E Felipe, você disse que é professor de Biologia, certo? Você já trabalhava com essa prática de turismo antes ou é uma coisa mais recente?

F: Não, na verdade eu já era formado quando começamos a fazer esse tipo de atividade. Uma coisa que preciso evidenciar é que nós não somos guias de turismo na região. Nós não temos nenhum tipo de formação. Somos apenas um grupo que gosta muito da natureza, gostamos muito de explorar e, eventualmente, algumas pessoas nos procuram para fazermos trilhas juntos... mas como amigos e não como clientes. Nós nunca cobramos por esses acompanhamentos. Então, a gente sempre deixa claro que nós não somos nenhuma empresa que faz turismo na região. Nós fazemos as nossas próprias atividades.

A ideia inicial era justamente nós divulgarmos as riquezas presentes aqui na região, para também incentivar a questão da conservação. Por exemplo... Você mesmo disse que não conhecia a região aqui e tem muita gente que mora mais perto também e mesmo assim não conhece. Esses parques que eu mencionei agora pouco para você, se você perguntar a algumas pessoas aqui perto, elas também nunca terão ouvido falar sobre. Então assim, sempre gostamos da questão da natureza, de fazer trilha, de acampar, isso para nós é um hobby mesmo.

E quando criamos a página, a ideia mesmo era divulgar nossa região para as pessoas entenderem que não é só mato... pelo fato de estarmos no último distrito da cidade de São Paulo, é uma área periférica, rural, longe dos grandes centros, não tem muita opção de lazer e cultura, então as pessoas olham para cá como se fosse uma região atrasada e tudo mais... Nós não temos shoppings, grandes centros comerciais, grandes opções de lazer e cultura, mas temos uma riqueza natural muito grande. Temos o último grande rio limpo da capital, que é o Capivari, a qualidade da água por aqui é sensacional, temos muitas nascentes. A qualidade do ar também é excelente, pois a circulação de veículos é menor, não temos fábricas. O que molda a economia local é a produção agrícola mesmo, orgânica. Então, a ideia inicial da página era a divulgação, mas também a conservação desses locais. É claro que teve um momento que.. ficamos um pouco preocupados... pois acho que foi um tiro no pé... A nossa

divulgação tomou um caminho inverso daquilo que havíamos pensado. Então, muita gente começou a visitar os locais que a gente divulgava e, infelizmente, algumas pessoas não têm consciência da conservação, então muitos pontos passaram a ser visitados com muita frequência e o pessoal passou a estragar.

Só lhe dando um exemplo, há alguns anos descobrimos com um morador local uma cachoeira que se chama Cachoeira da Onça e passamos a ir muito para lá e todas as vezes que íamos era bem vazio, por ser bem longe, não tem acesso fácil de carro... Só que conforme as pessoas foram descobrindo, passou a rolar impacto ambiental, muita gente estava indo. O pessoal quer ir para a cachoeira, não só para aproveitar o lugar, mas para fazer churrasco, ouvir música alto. A última vez que fui lá, tinha tanta gente fazendo churrasco, vários cachorros e o que acontece... As pessoas, no intuito de preservar, começam a fechar esses locais, porque aparentemente só fechando se consegue preservar. E isso é muito triste. Nós que gostamos da natureza, de visitar com consciência, ficamos proibidos de visitarmos esses locais, por conta desses grupos de pessoas...

Sabe a Cachoeira do Marsilac? uma das mais famosas da região... Ocorreu esse mesmo processo com ela e hoje é fechada e gerida pela empresa SelvaSP, que cuidam da área... eles tem parceria com a população indígena daquela área... mas assim, teve que fechar, pois realmente estava muito sujo por lá, muito lixo deixado pelas pessoas. Parece que quando não funciona pela educação, funciona pela punição e a punição é fechar os locais.

A: Só fazendo um adendo... Por que será que sempre virava uma bagunça, né? O pessoal da região não está tão preocupado em preservar, não houve a construção disso tudo desde a escola... Então, as pessoas querem curtir mesmo.. e esse é o jeito que aprendemos a curtir aqui na periferia. É isso. Aí juntando toda essa desorganização e a ambição de outros, né.. Poxa, temos que dar mérito para o pessoal da Selva, eles organizaram tudo lá de fato, só que afastou a galera da região... É baratinho, eu sei.. mas afastou as pessoas da região. A galera deixa de ir por conta de 5 reais, 15 reais...

F: Sim, são vários fatores. A gente sempre discute isso. Tem a questão da educação, que é bem complicada e junta com a preservação, conservação... Mas como o Adan disse, querendo ou não existem interesses comerciais também e, por mais que às vezes seja cobrado um valor baixo.. Se eu não me engano, no SelvaSP é cobrado um valor de 10 reais de entrada, para visitar a cachoeira, tomar um banho em um trecho bem restrito... Mas por exemplo, as atividades que eles têm, são muito caras.. tipo rafting, rapel... e o rafting, quando eu vi a última vez eram 130 reais por pessoa. Então, não é uma crítica ao pessoal, nem nada, pois não sei o que se gasta com funcionário, é uma atividade sazonal, no verão e primavera por exemplo, mas assim, se pensarmos que estamos em uma região de periferia... Quem tem essa grana para fazer um passeio assim. Você imagina um cara levando toda a família para fazer um passeio assim? Se ele consegue bancar para todos? Então, realmente é algo complicado. Claro que isso não tem necessariamente a ver com o fechamento do local em si, mas realmente as atividades que ocorrem lá dentro, parecem estar muito fora da realidade e possibilidade do pessoal daqui mesmo.

Reforço que é uma situação bem complicada, sei que as coisas não são sempre simples, mas muitas vezes eu sinto que esses locais não são fechados apenas por uma preocupação com o meio ambiente, mas também existe uma grande preocupação econômica. Muitos outros locais também foram fechados e parece que se cria um monopólio com a região, do tipo só acessa

quem pagar mesmo. Sei que por um lado pode até gerar renda, empregos... são vários fatores. Mas às vezes dá essa impressão, que o fechamento das áreas, não está ligada apenas à preservação desse lugar.

A: A gente percebe isso quando eles lotam esses locais, porque esses lugares têm um plano de visitação, né? Com o número de pessoas máximo por dia e... não é isso o que vemos... Existem muitos grupos que exploram a região desse jeito e acaba afastando mais uma vez as pessoas aqui da região, que não tem nada para fazer pois mora no extremo de São Paulo e você atrai pessoas do próprio centro que tem mil coisas para fazer. É uma forma de monopolizar e dar preferência para quem tem mais poder.

F: Isso o que o Adan está falando faz um sentido muito grande, porque aqui temos poucas opções de lazer e cultura... Então o que se tem de opção de lazer no final de semana para uma família são as cachoeiras, os rios e.. em teoria, deveria ser gratuito... É periferia, são pessoas de baixa renda... E numa dessas que rola o fechamento, seja pela degradação da própria população que não têm consciência... Esses valores não são atrativos para os moradores locais e só atrai o pessoal do centro. Tanto que no final de semana, ainda mais eu que moro mais próximo desses locais, vejo um trânsito muito grande de carros vindo para cá aos fins de semana... Domingo à tarde é um trânsito gigante voltando das atividades. E quando você vai ver, o pessoal da própria região, nunca foi, não conhece, nunca fez, pois é a galera de fora, do centro, que quer passar o final de semana na natureza e tem dinheiro para gastar com essas atividades... coisa que o pessoal daqui não tem.

G: É muito interessante todos esses pontos. E com relação ao Polo de Ecoturismo, eu gostaria de saber como vocês ficaram sabendo dele?

F: Olha, conforme a gente foi publicando matérias no jornal, passamos a ter contatos com outros grupos de interesse, como o próprio SelvaSP, o pessoal do Toca da Onça, que faz o ecoturismo na região, o pessoal do núcleo Krukutu - guias do parque e o pessoal do Polo de Ecoturismo, o Roberto Carlos, por exemplo... Ele costuma nos mandar mensagem sempre quando tem alguma novidade. Ele está sempre presente. Então, eventualmente a gente vai criando uma rede de contatos. Nossa rede não é tão grande, justamente porque não somos uma empresa de turismo, não trabalhamos com isso. Até chegou um momento que começamos a sentir que incomodamos um pouco, pois não somos guias e nem queremos. E olha que tem muita gente na região que cobra para guiar na região, mesmo sem ser guia... E começamos a perceber que estávamos incomodando, como se a gente tivesse tomando o lugar deles, sabe? E a gente realmente só é um grupo que gosta muito de fazer trilhas mesmo. Mas conforme essas modificações, ao longo dos anos, nós fomos perdendo espaço, sabe? Chegou um momento em que a gente não podia mais entrar livremente na Cachoeira do Marsilac, a gente já não conseguia explorar livremente os espaços, colocar em prática o nosso hobby. E isso foi bem chato mesmo...

A: Vale lembrar que no início, quando o grupo virou o Capivari-Manos, chegamos a pensar em escrever alguns projetos para a região para tentarmos a conscientizar as populações ... quantas e quantas vezes a gente não voltou com lixo das cachoeiras, né Felipe? Então, é isso... a gente tentou de diversas formas, mas percebemos que eram grupos fechados, de difícil comunicação e isso foi nos desanimando.

F: É, a gente percebeu que tinha muitas questões políticas também. Acho que foi em 2019, que houve a eleição do Conselho Gestor da APA e a gente tentou colocar um membro lá, já

que estávamos meio envolvidos... por que não? Então, a gente colocou o Daniel como candidato representante e percebemos que é sempre um grupo seletor que está ali, sempre fazendo as mesmas coisas e atividades e parece que quem é de fora não tem espaço. Tanto que assim, as pessoas que estavam ali já tinham contatos umas com as outras e não dava espaço para quem é novo. Tanto que no dia, nós tivemos pouquíssimos votos, enquanto o cara que já tava lá dentro chegou com um ônibus com pessoas para votar nele... Enfim, sempre os mesmos tentando manter uma posição. Então, foi bem desanimador...

G: E qual o perfil de turistas que vocês geralmente encontram na região? E o perfil das pessoas que procuram a página de vocês?

F: O que eu mais percebo... na verdade, como nós sempre deixamos claro que não somos guias ou uma empresa, geralmente quem mais nos procura são trilheiros mesmo, que gosta desse tipo de atividade e que descobre que tem possibilidade desse tipo de atividade por aqui e quer conhecer. Teve um tempo que a gente até começou a encaminhar as pessoas para guias oficiais na região... Pro Lucas [Toca da Onça], para o Selva SP e outros. Mas quem nos procura como amigos e quer fazer as trilhas... nós não cobramos nada, como eu mencionei, mas também não tiramos o espaço daqueles que trabalham com isso. Mas é essa galera mesmo, trilheiro raiz. Mas uma coisa que temos percebido... é que ninguém quer pagar para ficar fazendo esse tipo de atividade. No nosso caso, por exemplo, a gente mora aqui, vive e cresceu aqui... a gente quer fazer uma atividade no quintal da nossa casa e precisamos pagar guia ou o acesso? Sendo que a gente tem experiência, temos equipamentos, sabemos os caminhos.. É diferente daqueles que não tem nenhuma experiência... aí sim, é justo ele pagar o guia.

A: É, realmente depende muito da situação, são trilhas e trilhas... Tipo, qual a dificuldade de chegar na Cachoeira da Onça? Nenhuma. Agora a Cachoeira da Usina, entendo que tem a necessidade sim. Nós até salvamos um grupo lá, que estavam com guias inclusive. Então, precisa ter os guias locais sim, indígenas interessados e treinados.. mas nem tudo, sabe?

F: E tem a possibilidade de se fazer trilhas autoguiadas. As de baixa dificuldade, por exemplo. Porque as pessoas que já têm experiências, não têm a necessidade de pagar os guias. Mas realmente para as trilhas mais difíceis, o guia não é apenas isso, ele é treinado para prestar primeiros socorros, enfim. Mas é aquilo... nem tudo é tão simples assim, às vezes tem muita burocracia.

Um exemplo bem recente que ocorreu... no final do ano passado, nós fizemos uma coleta de lixo aqui na represa do rio Capivari, foi super bacana, teve outro grupo de outra página que participou também. Então tivemos a ideia de fazermos isso dentro do Parque Estadual, pois sabemos que lá tem muito lixo, passa o trem de carga da Rumo⁶⁸ dentro do parque. Eu mandei email para o pessoal do parque solicitando autorização para realizar essa atividade de limpeza, mas até hoje não tivemos resposta. Então assim, a gente quer ajudar, fazer trabalho voluntário, sabemos da necessidade e nem resposta recebemos.

A: Realmente já mandamos emails para o coordenador do parque, querendo fazer atividades conjuntas e nem assim tivemos respostas, sabe? Há mais de anos fazemos isso.

F: Como somos moradores da comunidade, nós queremos ajudar. Divulgar esse lugar, justamente para valorizar, preservar, mas não temos respaldo... Não sei se é porque se somos

⁶⁸Disponível em: <<https://rumolog.com/quem-somos/>>. Acesso em 22/06/2022.

um grupo à parte, sem cnpj, por exemplo... E aí não tem essa permissão. Mas queríamos muito fazer esse trabalho.

G: Vocês têm um discurso bem diferente de outras pessoas com quem já conversei, talvez seja esse discurso um tanto distante do lado empresarial. Isso enriquece demais a visão sobre a região.

F: Sim, acredito que este seja um diferencial em nosso grupo. Nós não temos interesse comercial ou político. Nós nos interessamos pela nossa casa, nosso quintal e acho que é por isso que enxergamos algumas coisas diferentes. Eu até entendo que quem entende essa parte empresarial, entende da burocracia, que é algo muito complicado... Mas, sinceramente, nós só queríamos facilitar as coisas.

G: Felipe, você falou que o grupo iniciou em 2012, certo? Mas e a página no instagram, quando que foi lançada?

F: Foi em 2017. Começamos bem na época que criamos o nome do grupo e fizemos as matérias para o jornal, sobre biologia, meio ambiente. Mas escrevemos por pouco tempo no jornal, não tínhamos suporte, era voluntário e aí passamos a perceber muita politicagem e aí pulamos fora... A gente só queria divulgar a região mesmo. Fizemos algumas matérias super legais e interessantes, mas algumas coisas não nos agradaram. Inclusive, algumas das nossas reportagens não levam nem mais o nosso nome... Está lá como “redação” e ficamos bravos com isso.

G: Com relação às políticas públicas implementadas aí na região, principalmente às voltadas ao turismo, têm contribuído com o desenvolvimento da região?

[Flaviano entra na chamada]

Felipe: Eu particularmente acho que é algo muito fraco ainda. Eu acho que aqui temos um potencial gigantesco que não é explorado e muito disso são por questões burocráticas. E o que temos aqui, é basicamente o que é feito pela Selva SP, que eles conseguiram dominar toda a burocracia e fazer combinados com os indígenas... Mas assim, se formos mais a Sul, principalmente no Parque Estadual, tem muita cachoeira, tipo a Cachoeira da Usina, que é relativamente perigosa. E assim, as pessoas continuam indo! Não seria mais fácil legalizar, então? Fazer uma trilha legalizada para as pessoas poderem ir em segurança, do que as pessoas irem por conta própria, degradando, estragando. Então tem a Cachoeira da Usina, do Túnel 26, 24, 18, 16... enfim, várias que poderiam ser exploradas. Sei que é difícil inserir estruturas, mas pegando exemplos de outros parques no Brasil, existe essa infraestrutura. Tipo o Petar, as estruturas estão dentro das cavernas...

A: Olha, sobre a economia local ainda é muito pouco o que vemos, até porque os guias e as empresas que atuam na região nem todas são da região. Como ocorre na Chapada... Lá tem a capacitação dos moradores locais mesmo, para atuarem nos parques de lá e acho que isso falta em Parelheiros, capacitar os indígenas, para eles guiarem as atividades dentro das próprias terras ou até moradores dos extremos, tipo Marsilac, que tem uma população muito pobre, que a economia gira em torno do mercadinho, de vendinhas menores, de uma borracharia... mas quem mora lá sai para trabalhar em Parelheiros que tem um centro maior, Santo Amaro ou até mesmo no centro da cidade. Então, se tivesse um projeto de capacitação da galera local para fazer esse tipo de serviço... seria diferente. Nós tentamos escrever projetos, ajudar de alguma forma, mas é bem difícil.

F: No ano passado, acho que o Lucas [Toca da Onça] divulgou.. então a capacitação até que ocorre de vez em quando... Então, eu até divulguei esse curso aqui na escola que trabalho, alguns dos meus alunos participaram também, mas assim, não adianta só ter a capacitação, mas não ter a inserção no mercado de trabalho. Por exemplo, tem o borboletário aqui na região, que é mais sazonal e aparentemente um pouco elitista, tem o SelvaSP, pessoal do Silcol... Então, se abrissem novas trilhas, até mesmo no parque que mencionei, talvez tivesse um impacto maior nessa parte da economia... Eu sei que realmente ajuda muita gente, que trabalha diretamente com isso.. O pessoal da SelvaSP contrata às vezes um pessoal de Marsilac e isso ajuda muito. Faz toda a diferença na vida dessas pessoas! Mas acredito que isso poderia ser algo maior se tivesse mais opções, se fosse aproveitado todo o nosso potencial mesmo.

A: E a parte de estruturas mesmo, o governo ajuda pouco. A estrutura maior mesmo é o parque. Lá tem umas três trilhas e uma travessia para a praia, que nunca vimos de fato [risos]. O Selva SP tem infraestrutura própria. Dentro das aldeias indígenas nos núcleos, parece que são cerca de 950 indígenas pelo último levantamento, eles tem a estrutura deles, é pequeno, mas funciona. Eles fazem algumas trilhas. Mas as outras cachoeiras que mencionamos, como a da Onça, da Usina... essas são trilhas que fomos descobrindo com o tempo e aprendendo com outras pessoas sobre elas, mas falta uma estrutura para elas sim. Precisaria desenvolver um projeto com a população local. É bem difícil. Sem apoio não vai.

F: Isso deveria partir da Fundação Florestal, da gestão do parque ou até mesmo da Rumo. Porque assim, o atrativo está lá e as pessoas estão indo, de forma irregular, então por que não abrir as trilhas oficiais para que as pessoas possam transitar com segurança? Porque as pessoas continuarão visitando.

A: Falta realmente um interesse político. A Rumo é uma empresa gigante. Eles poderiam fazer um projeto envolvendo todas essas questões: abertura das trilhas, capacitação das pessoas, limpeza... daria para fazer muitas coisas!

F: As trilhas do parque são gratuitas, mas realmente acredito que falta interesse público mesmo, por não ter essa entrada de dinheiro talvez. Se criar mais trilha, terá mais trabalho, terão que pagar os guias ... enfim, o atrativo está aí, só falta realmente o interesse.

FL: A gente tem por aqui a parte da Tenondé-Porã e é possível fazer a visitação das aldeias lá... não sei se o site já está funcionando. Pelo site você consegue agendar a visitação de um dia ou até mesmo 3 dias, que eles chamam de Vivência. Mas não sei se estão funcionando.

G: Bom gente, nossa conversa está ótima, mas por conta do horário, sei que todos aqui estão querendo descansar... Mas a última pergunta é... na verdade, acho que vocês já responderam isso... Vocês costumam visitar os locais que fazem parte do Polo de Ecoturismo? [risos] É algo que tenho perguntado a todos com quem converso...

F: Vish, a gente visita desde a casa da Dona Marlene até a Cachoeira do Marsilac, viu! Conhecemos tudo mesmo.

G: É muito bacana isso. Acredito que todo esse conhecimento que vocês têm precisaria ser muito valorizado. Gostaria mais uma vez de agradecer vocês pela nossa conversa! Foi muito gratificante e me trouxe muitos aprendizados sobre a Zona Sul de São Paulo. Estou muito feliz mesmo. E eu gostaria de saber se posso divulgar o nome de vocês e o nome da Capivari Manos em meu trabalho?

F, A, FL: Sim, tudo bem. Sem problemas! Agradecemos também pela conversa, espero que a gente tenha contribuído! Boa noite e bom descanso!

Anexo 7

Entrevista Jai - Casa Ecoativa e Café na Mata

G: Muito obrigada Jai pela sua presença e disponibilidade para conversar comigo. Gostaria de saber se você pode se apresentar, falar um pouco mais do que você faz, da sua formação...

J: Eu sou o Jai, sou morador da Ilha do Bororé, estou aqui desde criança. Minha família também está há muito tempo aqui no território, no extremo Sul de São Paulo. Eu sou educador e gestor cultural também. Faço a gestão de alguns espaços culturais de maneira comunitária e coletiva, aqui no espaço da Ecoativa. Quando eu era criança eu já frequentava esse espaço, em um projeto social, no contraturno escolar e hoje estou como colaborador, gestor e também criei uma experiência com serviços públicos de assistência social, que são os CCAs - Centro para Criança e Adolescente. Tudo aqui na região de Chacára Santo Amaro, Parelheiros e Bororé. A gente acaba sendo cria destes projetos, venho desses espaços de coletivos culturais, da cena cultural do Grajaú e Bororé.

Bororé é um das penínsulas da represa Billings. Estamos em região de APAs. As duas APAs também fazem parte do Polo de Ecoturismo, tem o da Cantareira e o do extremo Sul. E tem a confluência do território... Por ser uma área de mata nativa, é um espaço de manancial, de produção de água potável. Então, água se planta, se produz, isso porque a mata está de pé. Anna Primavesi já nos dizia isso, que água se produz. E aí, também tem a relação com várias características importantes para a cidade, como a agricultura familiar, a represa Billings que é um reservatório, para gerar energia e abastecimento. Temos as comunidades tradicionais, como as indígenas... A Tenondé Porã... Em Marsilac e Embura, temos as cachoeiras e vários sítios de agroecologia, é um cinturão verde para a cidade, né?

O Grajaú é um polo muito forte de produção cultural, com os coletivos. Eu sou de uma juventude que vem desses letramentos, desses espaços dos coletivos... A Casa Ecoativa nasce desse contexto, como um espaço de cultura na Ilha do Bororé, que reúne a comunidade para gerir coletivamente a quebrada, porque é nosso, é da cidade. A Casa Ecoativa surge como um programa de gestão ambiental participativo da Península do Bororé, já na década de 1990. A comunidade deu o nome, justamente para gerar um pertencimento, é a comunidade que fica responsável por gerir esse espaço todos esses anos. Nos anos 2000, o movimento humanista guia os fóruns dos moradores para pleitear as necessidades e os direitos básicos como educação, mobilidade, acesso à água, saúde ... Toda essa articulação que as periferias fazem. Tem a associação dos moradores, a AMIB... é uma representatividade jurídica. A Casa Ecoativa é uma casa de cultura que tem uma relevância de memória com a própria criação da represa, tem a concessão que é da EMAE. São três casas... já tinha a Associação de Moradores, que fica ao lado da GCM... Essas casas estavam abandonadas, sem uso nenhum. Então a comunidade se articulou e organizou os três espaços para terem uma função social no território. É importantíssimo esse trabalho que a comunidade vem fazendo ao longo dos anos.

G: Essa concessão da EMAE que mencionou começou nos anos 1990?

J: Isso, já era concessão da EMAE para uso da SVMA... E quando fizemos isso sempre buscamos articular com o poder público. A casa ecoativa é um espaço público e propõe permacultura, turismo de base comunitária, economia solidária, saneamento ecológico, projetos de reciclagem já há muitos anos. Então vem dessa concessão junto com a SVMA. Mas em 2006 o projeto fechou por 8 anos. Retomamos em 2013 como uma ocupação cultural e desenvolvemos todos esses projetos com crianças, adolescentes e adultos também. Temos um trabalho junto com a escola local, a Adrião Bernardes que fez o movimento de abrir a escola e inserir a cultura dentro da escola. Então a Ecoativa, em resumo, tem essa função de fazer uma transformação social no bairro através da cultura e educação. A gente centralizou esses dois como eixos motores do bairro, tá ligado? A gente prioriza a criação das crianças e adolescentes em espaços protetivos, de direitos básicos garantidos. Nos ciclos iniciais da escola tem o projeto Criança e Natureza, que as crianças vão para a Casa Ecoativa, fazer o chamado Desemparedamento da Educação, sair fora da sala de aula e ter o contato com a natureza. Temos peças de teatro e exposições.

No ensino médio tem um programa consolidado em parceria com a FAU-USP, alguns da Geografia, que é o Bororé ao Mundo: Memorial Aberto, fazendo uma discussão de cartografia, memórias, investigação da história, dos patrimônios imateriais, voltado à uma formação mais cidadã, de jovens ativos. Esse ano nós conseguimos um edital, em que desenvolvemos um núcleo de arte e educação ambiental, que é um desdobramento do Bororé ao Mundo. Tem um site desse projeto e é reconhecido pelo Museu da Pessoa, têm as entrevistas, as cartografias. Os jovens passam por uma formação territorial, conta a história do bairro, das pessoas, da memória e tratamos de vários outros tópicos importantes, como a relação com a terra, agricultura, paisagem, grafites, até chegarmos a uma discussão de valorização do patrimônio. É uma formação de seis meses. Os alunos que se formaram agora no primeiro semestre escreveram um edital para a UNICEF e eles foram selecionados entre 10 no Brasil inteiro. Eles estão super felizes e animados. E isso é muito importante para os alunos aqui da escola também. Eu sou ex-aluno dessa escola e estamos voltando com vários projetos para a escola e isso é muito gratificante. Esse é um panorama geral da casa... Estamos o tempo todo dando um apoio e suporte, pois a escola está sempre numa correria muito grande.

E nisso tudo a gente encontra um potencial muito grande para o turismo, né? Pô é uma vilinha na Ilha do Bororé, que é do Século XIX, tem patrimônio histórico tombado, a Capela de São Sebastião, tem Parelheiros mais ao Sul, tem os festejos tradicionais, tem toda uma cena... E as pessoas procuram água... A gente tem qualquer um tempinho, vamos para a praia, piscina, lago, cachoeira, vamos atrás de água. É vital. Então as pessoas vem aqui, conhecem tudo isso que eu falei antes, conhecem um pouco da agricultura familiar, conseguem comprar um alimento sem agrotóxico, um produto artesanal... Então claro que tem um potencial turístico. Mas nós enquanto essas iniciativas, esses grupos, a gente pensa e entende o poder do turismo, mas desde que ele esteja atrelado aos princípios éticos, como o Turismo de Base comunitário. Porque independente do trabalho, se ele não tiver um princípio ético, você pode prejudicar uma comunidade... a mesma coisa acontece na agricultura, com a monocultura. É diferente de práticas agroflorestais, regenerativa, cooperativa. Então, você pode ter o turismo predatório, um turismo perverso, capitalista que vai poluir, degradar, talvez só uma pessoa ganhe dinheiro com isso e a população vai ficar no subemprego. Então o turismo pode não ser benéfico.

O turismo comunitário que trabalhamos, foi reconhecido pelo Sesc com um selo chamado de Itinerário de Resistência, que reconhece 5 iniciativas de TBC na capital, que são: a Casa Ecoativa, o Acolhendo em Parelheiros com agricultura familiar, a galera do MST, a terra indígena Tenondé Porã e a galera do Quilombaque em Perus. Então temos um reconhecimento por desenvolver um turismo educativo, socioambiental, de preservação da memória. O que mais recebemos são escolas, universidades, o Sesc, CCA, UBS, dentre outros. Então o trabalho da Ecoativa é atravessado pelo turismo, né? Agora aqui na Ilha temos uma cena muito forte que é a do cicloturismo, mais de 1000 bicicletas por final de semana em média... Isso quando não tem outro evento maior. É uma rota consolidada. A SVMA está desenvolvendo as Super Trilhas de 170 km entre os parques, cruzando alguns lugares do estado. Então tem um potencial e trabalhamos nesse sentido, com o jovem e o adolescente aprendendo sobre agroecologia, dele entender como abrir um café, um empreendimento local... Essa juventude é muito potente.

Estamos passando por momentos bem difíceis, um momento político bem conturbado, um dos piores governos da história e a pandemia também... Então tivemos aí um aumento da miséria, desemprego, da violência... Então, nós como organização de bairro vimos esse impacto muito forte. O retorno à escola foi difícil, muitos alunos não voltaram, então tivemos que fazer uma forte busca ativa. Muitos foram para o trabalho infantil, precisam ajudar em casa. Então aqui no Bororé, que é a periferia da periferia, precisamos ser resilientes e ressignificar muito essa coisa de estar aqui e viver aqui. Esse é um pouco do trabalho que fazemos aqui, tentando criar outras narrativas, outros tipos de fazer cidade e pensar a cidade.

G: Muito bacana todas essas informações. Muito obrigada. Agora, gostaria de saber um pouco mais sobre o Polo de Ecoturismo, como vocês ficaram sabendo dele? Você chegou a participar do processo de construção deste Polo?

J: Na verdade, eu vejo como bastante antiga essa discussão... A comunidade já via... há muito tempo atrás existia a ATIBORÉ, que é a agência de turismo da Ilha que já olhava o potencial náutico da represa e propôs os roteiros que muitas escolas têm feito esse ano, que é visitar a aldeia Tenondé Porã e depois vir para a Ilha do Bororé. Um das 4 escolas já fizeram esse roteiro conosco este ano e foi bem bacana. Então eu vejo que na história, a própria comunidade já vinha produzindo esse tipo de tecnologia social... Já falavam sobre economia solidária, o empreendedorismo, cooperativismo e associativismo. Então, sei que o projeto de lei do Polo fortalece, mesmo com todas as questões... devagar e frágil, pois dependendo do governo isso fica muito fragilizado. É claro que é importante. A criação vem do Alfredinho, ele é um parlamentar do PT, então é importante para desenvolver isso.

Eu curto muito o turismo de base comunitária e o nosso trabalho envolve receber muitas pessoas, grupos... Antes da pandemia estávamos recebendo muitas pessoas, foram 14 nacionalidades diferentes só em visitas. Então tem muito trabalho para ser desenvolvido e que envolva várias áreas, como o turismo náutico, agroecologia, os parques naturais que estão sendo reabertos.. muita coisa mesmo. Então o extremo Sul tem uma importância muito grande para a cidade. Tem o projeto de lei que são as TICP - Território de Interesse da Cultura e Paisagem, que são grupos que trabalham na Zona Sul e Oeste... são ferramentas urbanísticas, de debate da sociedade civil que é importante para pensarmos o território.

Acho importante a lei do Polo na cidade. Claro que tem toda uma questão partidária... Tem uma cena que o Polo está muito próximo da família Goulart... Então é isso, enquanto Casa

Ecoativa tem uns locais que a gente circula e outros que não estamos tão próximos, como o CONGETUR... Realmente por aqui temos muitos outros trabalhos e projetos para desenvolvermos, não conseguimos dar conta de tudo. A gente tenta participar das reuniões do Conselho Gestor da APA Bororé-Colônia. Então a gente flerta um pouco com o turismo, o chamamos de Percurso Educativo... estamos bem abertos e aprendendo juntos, unindo aí os conhecimentos científicos das universidades com os conhecimentos das comunidades também. E pensar que pode ser mais oportunidades para as crianças daqui, dependendo do que elas sonham, do que elas querem...

G: E o turismo, agora legitimado pela lei de criação do Polo, ele tem promovido o desenvolvimento econômico e social aí na região? Qual a sua percepção sobre isso?

J: Então, é que estamos em um momento muito complicado. Dificilmente um setor está bem aquecido ou alguma perspectiva de melhora. Estamos vivendo em um momento de desmonte, muito obscuro. Então é difícil termos hoje um segmento crescendo... Nem o da cultura, educação ou saúde. É difícil vivermos os tempos de hoje e ver uma melhora né. A gente via um pouquinho, a gente brigava por essas questões. Agora estamos brigando por aquilo que já tínhamos conquistado. Mas olha, eu vejo uma perspectiva de melhora, de estruturação das áreas aqui. O que eu vejo na Ilha, parte muito do que a comunidade faz. Mas o Polo de Ecoturismo em si, eu não sei o quanto ele incide na vida das pessoas. Eu acho que ele é importante dentro de um guarda chuva macro de discutir a cidade. Mas a gente não está tanto nesta luta ampla, pois estamos construindo a base, entendeu? Eu vejo a comunidade da Ilha se transformando, com mais atrativos, como o Mirante, mais restaurantes, o Café, a Casa Ecoativa e a escola mais reconhecida. Estamos fazendo um trabalho desde 2013 e a comunidade reconhece aquilo que tem feito. Tivemos algumas melhorias sim, por exemplo a balsa aumentou. Foram 7 anos lutando com a EMAE para aumentar a balsa de 10 para 20 carros. A mobilidade com os ônibus também aumentou. As narrativas são várias. Vai ter moradores que vão falar que está pior e outros vão falar que melhorou.

No que tange a projetos de cultura, educação, os atrativos para o turismo, a compreensão das pessoas para entenderem isso... As pessoas têm amadurecido sobre e vêm vendo que a zona sul tem todas essas coisas. A gente quer dar esse sentido de pertencimento à cidade, sabe? Tipo, um quinto da cidade está dentro das APAs e 80% do Bororé é composto de mata atlântica. Então temos essa disputa de narrativas. Mas foi o que eu falei, hoje vivemos um momento de retrocesso, de desmonte de muito daquilo que já tínhamos conquistado, principalmente na saúde, na educação.... Muitos coletivos fecharam. E isso é um projeto político. É necropolítica, tem um nome! A violência está instaurada.

G: E tangenciando esse assunto que mencionou... Quando há a necessidade de entrar em contato com algum deputado, vereador, secretário ou qualquer outra figura política, vocês conseguem ter acesso a eles? Ou sente que é algo muito fechado?

J: Então, aqui temos acesso a algumas pontes, diálogos. Mas somos uma organização que tenta correr por nós mesmos. A gente cria os projetos, captamos os recursos, vendemos os serviços, damos as nossas aulas. Temos uma economia criativa e não é fácil. Principalmente por conta do cenário que eu falei para você. Apenas um exemplo, precisei ir à Inglaterra para conseguir captar recursos para o Projeto Horta Escolar... Então a gente ainda consegue ter uma rede de apoio para fazer os trabalhos, criamos uma economia criativa para rodar e manter nosso trabalho e a casa. Mas a gente faz essa ponte e conversa com agentes importantes na

cidade. Temos uma maior proximidade com Carlos Giannazi, que já foi diretor do Adrião Bernardes e ele tem uma relação bem bacana com o bairro. Temos uma conversa com o PT também, dentro da Associação dos Moradores, como o Paulo Fiorilo e o Alfredinho, ele mesmo veio agora no início do ano para conversar com o pessoal da Ilha para as candidaturas para deputado. A bancada feminista do Psol também veio para alguns debates abertos, o pessoal do Quilombo Periférico, a deputada Keila Pereirae o próprio Celso e Carlos Giannazi. Então são partidos de esquerda, progressistas e sempre priorizando as candidaturas coletivas. Por sermos uma ocupação cultural, já tivemos que fazer umas intervenções mais no âmbito parlamentar, marcar uma reunião com a SVMA, quando recebemos ordem de entrega de espaço ali na área da Casa. Então sempre tem umas “tretinhas” de leve que precisamos resolver. Vez ou outra precisamos de um transporte aqui, outro ali para sair com a molecada e eles nos arranjam. Esse ano já pedimos 2 vezes. Estamos próximos da Rede Emancipa daqui também, que tem a candidatura da Luana do Psol. Mas é isso a gente não tem nenhum vínculo direto, eles não frequentam a casa... Tem a conversação quando precisamos, mas a Ecoativa não tem vínculo nenhum com algum parlamentar.

G: Beleza. E já nos encaminhando para o final, com relação à preservação ambiental, você tem percebido que essas atividades mais voltadas ao turismo, seja o TBC ou práticas de Ecoturismo que ocorrem aí na Ilha, têm incentivado a população a preservar mais o meio ambiente?

J: Então, eu vejo vários cenários possíveis. Um cenário de maior discussão sobre educação ambiental, sobre alimentação saudável, o pertencimento do território; mas também vejo um cenário de devastação, uma vez que as políticas de fiscalização estão muito fragilizadas. A política da APA Bororé-Colônia está muito fragilizada. Nós vemos o aumento do uso desordenado do solo e vamos entendendo de como a cidade funciona e opera, sabe? Nesse sistema capitalista e de degradação ao construir uma cidade. Não é culpa das pessoas que elas têm que ir para algum lugar e desenvolver “o morar”. Esse jeito e modelo de cidade que não garante uma dignidade básica, seja uma casa, um emprego, uma comida de qualidade para a sua família... É isso o que as pessoas querem, mas não tem hoje. Então fica muito difícil de se viver numa cidade como São Paulo, hoje.

Nós tivemos a experiência recentemente de sair com os jovens aqui do Bororé para a Bienal de Arquitetura no CCSP, estamos com material divulgado lá. E assim, estarrecedor andar na cidade, o nível de desigualdade... Nós saímos da Vergueiro e fomos para a Paulista, então restaurantes caros, o centro econômico do Brasil... É gritante o número de pessoas vivendo na rua, pedindo esmolas... muitas crianças na rua.

[Jai mostra o material produzido pelo pessoal da Bienal usado no passeio realizado na Ilha do Bororé. O tema é Travessias e mostra alguns pontos do trajeto centro da cidade - Ilha do Bororé.

J: Tem uma obra no CCSP que se chama “Ilha em Mim”, bem bacana, vale a pena visitar. É um ano de retomadas e estamos inseridos nisso. Andamos pela Paulista, fomos até o Masp, mas assim, foi um choque, pois nossa conversa estava sempre batendo na questão da desigualdade social.

Bom, aqui no território, nós vivemos um descaso bem grande, um aumento desordenado do uso do solo, até um movimento mais perverso da grilagem mesmo, de quem quer ter terrenos. E a terra é especulação, né? Quando começamos a especular as coisas que na verdade são

direito... por exemplo, educação é direito então não pode cobrar mensalidade nas faculdades públicas. A saúde, a comida... A fome é um boicote, é um projeto. Tem produção para todo mundo! Então quando especulamos a terra e não garantimos o acesso à ela como direito, se tem uma força violenta, que é a grilagem. Todo esse processo que ocorre aqui na zona sul está fechado com políticos, que “passam uma bola” para a fiscalização, tá ligado? E vai devastando. Você tem ocupações de pessoas que realmente precisam, não têm onde morar... É uma discussão muito delicada. E a questão da preservação, quando as pessoas vem aqui, sempre evidenciamos que tem várias tensões e problemáticas que precisamos discutir. A SVMA está muito fragilizada. É uma discussão difícil, mas necessária e nisso tudo se inclui a questão do saneamento, dignidade de vida, acesso à alimentação, à escola, a serviços de convivência e muitas outras coisas. Precisamos de representatividade no governo que responda essas questões, essas necessidades. Temos que ter políticas de moradias. A gente acredita neste caminho de redistribuição de renda, de acabar com a desigualdade social, de fazer discussões interseccionais, pois tudo está atrelado a um debate de gênero, classe e etnia... De romper com a homofobia, com o patriarcado, com a violência contra a mulher. Estamos vivendo um flerte com o fascismo.

Precisamos repensar como reestruturamos a cidade. A gente tem uma maneira de pensar que é acreditar na cura da cidade a partir das bordas e ressignificar a palavra periferia. E “borda” não é mais o lugar da escassez ou do que falta, mas o lugar que está criando e produzindo. E partindo de um olhar mais cartográfico, a cidade de São Paulo parece um machucado, tudo cinza. E a cicatrização vem das periferias. Periferia é vida, é cura. Quando a gente sacar isso, a gente avança.

G: Nossa, muito bacana mesmo tudo isso o que você me trouxe. Estou muito feliz com toda a nossa conversa. Aprendi muitas coisas novas. Ah, acabei esquecendo de perguntar sobre o Café na Mata...

J: Ah, sim! É um café-bar. É um projeto meu com a minha família, de economia solidária, de produtos ecológicos, mais de 40 tipos produtos, geléias, sorvetes, licores. Tudo de frutos da Mata Atlântica, como o cambuci, juçara, araçá, e outros. Tudo direto do produtor. Nós também temos uma pequena agência Balsa Turismo e Cicloturismo, que está fazendo os agendamentos de barco e bicicleta. Quando quiser vir para cá, os atrativos já estão abertos e funcionando, como os parques, a igreja. Tem bastante coisa para fazer! E o Café é um ponto onde você consegue almoçar, temos venda de quadros locais também.

G: Perfeito! Obrigada mesmo por todas essas informações e pela nossa conversa! Não tinha ideia de todos esses projetos que vocês desenvolvem aí! Muito obrigada mesmo. Ah, só queria saber se tudo bem divulgar seu nome e o nome do Café e da Casa Ecoativa...

J: Sem problema algum. Pode colocar sim! Boa sorte aí nos estudos!

G: Valeu mesmo! Grande abraço!!

Anexo 8

Entrevista com Raquel Duarte - Agência Toca da Onça e Jardineira

R: Eu sou a Raquel, monitora ambiental da Toca da Onça, estou com eles desde 2016. Antes eu trabalhava com educação infantil em clubes na região e hoje, estou me graduando em relações internacionais.

G: Que bacana! E como você ficou sabendo do Polo de Ecoturismo? Chegou a participar do processo de formação do Polo?

R: Olha, fiquei sabendo desde o começo, pois trabalhava com o Roberto Carlos, ele é um grande incentivador e idealizador do Polo e desde o começo fiquei sabendo. Cheguei a participar de reuniões, encontros com os empreendedores, visitas técnicas em outros locais turísticos, como Paranapiacaba, Socorro para ver como as atividades aconteciam por lá, para incrementar aqui na região.

G: O projeto de lei é do Alfredinho, certo?

R: Sim, o Alfredinho levou o nome, mas foram os empreendedores como o Roberto Carlos, Sol Dias, que foram escrevendo e tiveram o apoio do Alfredinho... precisavam de alguém para a representação.

G: E com relação ao turismo, já havia turismo aí na região?

R: Já sim, o turismo veio para cá através dos clubes, um turismo de lazer, de passar um dia com a família e então, novos grupos foram surgindo, como o SelvaSP, pessoal da Bike, o Parque Estadual da Serra do Mar abriu trilhas, ampliando o turismo.

G: Você poderia contar um pouco a história da Toca da Onça? E da Jardineira? São da mesma empresa?

R: A Jardineira é um projeto da Toca da Onça. O Lucas Duarte já trabalhava com recreação infantil com o Roberto Carlos e resolveram expandir esse turismo. Começou pela área pedagógica, pois as escolas começaram a pedir por outros tipos de passeios, não só de lazer, mas que as crianças aprendessem alguma coisa. Então começamos com as aldeias indígenas, a represa do Capivari, na Sabesp, Cachoeira do Sagui. Então eles resolveram separar essas atividades do clube, abrindo uma agência de turismo que poderia abranger bem mais esse trabalho e atender todo tipo de público, não apenas as escolas.

Em uma das visitas técnicas, o Roberto viu um ônibus Jardineira, se apaixonou e levou a ideia para o Polo, como um símbolo dele. Foi através da Agência Toca da Onça que adquiriram a Jardineira.

Com o tempo, a Jardineira cresceu tanto, que foi necessário dividir, como os sites e divulgações, por exemplo.

G: Entendi, mas quem administra a Jardineira então? É a Toca da Onça?

R: Sim, a Toca da Onça mesmo.

G: E a agência Toca da Onça pertence a quem?

R: Ao Lucas e o Roberto Carlos, que também administram.

G: Que interessante! E essas atividades que vocês faziam com as crianças era em algum clube?

R: Sim, era no Silcol. Lá já tinha uma pegada de recreação e o lado ambiental também. Sempre introduzimos as crianças à educação ambiental e as escolas gostavam e pediam cada vez mais atividades assim.

G: Com relação à TI Tenondé Porã, como foi para realizar as atividades com eles?

R: Olha, foi até simples, pois existe uma boa comunicação com os líderes das aldeias. Tem alguns que são a favor da ocorrência do turismo, para gerar uma renda e também como maneira de quebrar alguns tabus que foram criados com relação aos indígenas. Então teve uma conversa bem tranquila com eles, foram bem abertos para entender o projeto. Quando falamos em levar escolas, eles acharam bem interessante. Temos uma boa relação com eles. São líderes que gostam e veem a importância do trabalho com o turismo, de forma a mostrar um pouco da cultura, história e lutas..

Eles abriram novamente para visitas, há um mês, ficaram fechados por conta da pandemia.

G: E como é a relação que vocês da agência têm com os turistas?

R: É uma troca de vivências, por nós sermos moradores da região, por às vezes eles serem moradores da região e não conhecerem. Nós temos uma relação muito boa, criamos um laço afetivo mesmo. Viramos uma família.

G: Entendi! E você percebe que quem mais procura os passeios da Jardineira são moradores da região ou pessoas que vêm de outros locais?

R: Antes da pandemia, eram pessoas de outros locais, da Zona Norte, Leste, centro... Mas após a pandemia, passaram a vir pessoas de locais mais próximos, como Parelheiros, Interlagos, Vargem Grande, o pessoal da região mesmo. Acredito que a pandemia fechou muitas coisas, era mais difícil as pessoas irem para outros locais e então, começaram a pesquisar o que tinha no próprio bairro. Tem muita gente que mora no bairro, mas nunca fica nele. Só no trajeto casa - trabalho, devido à distância e não sabiam do que tinha nas proximidades de casa.

G: Interessante. E você acredita que o turismo tem contribuído para o desenvolvimento econômico e social da região?

R: Sim, tem. Pois os empreendimentos que já existiam, passaram a crescer e foi gerando mais empregos para a população local e também começaram a surgir novos empreendimentos, como uma lojinha de doces, que são comprados pelos turistas. A gente sempre busca novos parceiros, sejam pequenos ou grandes, novos produtos. Então teve um impacto bem bacana. As pessoas também passaram a valorizar mais a sua região, a olhar para seu sítio, para sua casa e ver as possibilidades... Os imóveis, terrenos também foram mais valorizados e melhorados.

G: E com relação à preservação do meio ambiente? O turismo tem contribuído?

R: Sim, tem também, pois as pessoas passaram a ver a importância de mantermos a mata em pé. Antes os moradores não viam vantagens, pois quando a APA chega, ela vem cheia de bloqueios... As pessoas falavam “Ah, eu não posso fazer nada no meu terreno”, mas depois eles passaram a perceber que tem como eles fazerem em conjunto com a área verde. Eles têm uma consciência diferente dos visitantes, das leis, do porquê precisam preservar.

G: Vocês sentem que têm um bom contato com vereadores, secretarias, figuras políticas?

R: Sim, temos bons contatos. Temos um apoio bacana. A Congetur sempre procura novos parceiros, quem está interessado na atividade...

G: E quais são as maiores dificuldades para desenvolver o turismo na região?

R: Olha, as estradas de terra, sempre precisam de manutenção. Acho que os canais de divulgação também. Há uma separação dos turistas que buscam o centro da cidade e aqueles que procuram uma área rural, existe essa divisão. Mas também acredito que ainda acham que o polo não está estruturado, para receber esse turista que vai ao centro da cidade, sabe?

Em alguns aspectos temos um apoio da prefeitura mais fácil, já em outros sinto que as coisas são bem individualizadas.

Aqui na região temos todo o tipo de turismo, seja um pagode de rua, os grafites, náutica, trilhas... Talvez falte um portal para divulgar tudo o que temos.

G: E você tem o costume de visitar os atrativos do Polo?

R: Olha, eu tento, viu? Sempre tento conhecer os parques, por exemplo, para recomendá-los às pessoas. Porque o turismo é vivência, se eu não vivo, não consigo passar aquela emoção para fazer a propaganda do lugar. O que eu mais gosto é o Parque Estadual da Serra do Mar, pela história e importância para a região. Precisa fazer um agendamento e as trilhas são feitas com o pessoal do Parque.

G: Perfeito Raquel, obrigada pelo seu tempo e disponibilidade! Agradeço demais pelas informações. Gostaria de saber se posso divulgar nossa conversa em meu trabalho.

R: Sim, tudo bem. Obrigada!!

Anexo 9

Entrevista com Lucas Lima - Organizador Evento Colônia Fest⁶⁹

Olá, eu sou o Lucas Moraes Pereira Lima, sou morador do bairro Colônia, há mais de 20 anos. Me formei no colegial em 2006, quando iniciou minha vida no Projeto Jeca - Jovens empreendedores da Colônia Alemã, que me introduziu no mundo social, de liderança de bairro e também no mundo político.

Atualmente, trabalho como assessor parlamentar, mas tenho um foco na produção cultural na região de Parelheiros e Colônia. Tenho uma ligação muito grande com o bairro Colônia, que foi onde vivi minha infância e adolescência e agora a minha vida adulta. Acho que por conta disso me tornei uma referência dentro das questões históricas e culturais do bairro, como líder comunitário.

O Colônia Fest surgiu em 2006, antes desse evento havia uma festa que comemorava o aniversário do bairro, mas era uma festa um pouco mais particular, tinha participação da comunidade, mas era em um terreno particular. Através de algumas lideranças, eu como parte do grupo JECA, associação cívica da Colônia Alemã, o depósito do marinho, a associação cristã de ensino e junto com a Subprefeitura de Parelheiros, tivemos a iniciativa de fazer a 1ª Colônia Fest e a festa foi ganhando tamanho e formato e nos últimos 7 - 8 anos, temos um grupo que é formado por moradores do bairro e é através desse grupo criamos o Instituto Sócio cultural da Colônia Alemã - ISCA, que possui um cnpj e é responsável pelo Colônia Fest. É um grupo de 5 pessoas: eu, Lucas, Josenildo, Simone, Carlos e Luciano. Nós fizemos, pelo Instituto, a organização do Colônia Fest nestes últimos 6 - 7 anos.

⁶⁹ Essa entrevista foi realizada de forma assíncrona, devido à disponibilidade do entrevistado.

O público principal que o Colônia Fest recebe é da Zona Sul de São Paulo, dos distritos de Capela, Marsilac e Parelheiros, mas nos últimos anos a gente percebe o crescimento da festa. Então temos recebido pessoas da cidade toda, do centro, zona leste, oeste e norte. Este ano até recebemos pessoas de outros estados do Brasil. Então, como a festa tem uma temática, do estilo Oktoberfest, tem pessoas que acham pela internet, os curiosos, que procuram esse tipo de evento e aí vem para o Colônia Fest.

Como falei anteriormente, o Colônia Fest é realizado pelo ISCA, através de uma comissão de festa e a subprefeitura de Parelheiros, que entra com a parte institucional deles, como defesa pública, guarda civil metropolitana, dando autorização do uso do espaço, CET e através disso recebemos o apoio para a infraestrutura do evento, como palco, som, iluminação, os cachês artísticos, através de um vereador parlamentar que apoia, que é o Alfredo Alves Cavalcante, que apoia o evento de forma cultural e ele envia sua emenda parlamentar para a Secretaria de Cultura e São Paulo Turismo, que ficam responsáveis pelo cachê dos artistas indicados para participarem da festa, como o som, iluminação, banheiros utilizados no evento.

Fora isso, o ISCA fica responsável por toda essa organização, conversas, indicações dos artistas, organizações das barracas, bombeiros, seguranças, organização do artesanato, entre outras coisas.

O Polo de Ecoturismo é uma política pública muito interessante e claramente ajuda. O Colônia Fest é anterior ao Polo, então acho que a festa em si, recebe turistas que vem no Polo, mas ela ajuda a fomentar o turismo na região. A pessoa que vem ao Colônia Fest também acaba visitando outros locais, então um apoia o outro. É uma festa muito característica, tem muito a ver com a região em vários sentidos, como história, cultura e tradição. Então vemos que o surgimento deste tipo de política pública ajuda muito no fomento de um evento como este, que já tinha anteriormente como um de seus objetivos, explorar o turismo de alguma forma. Com o surgimento do Polo de Ecoturismo temos uma organização... Por exemplo, a Jardineira da Agência Toca da Onça, agência de turismo local, todo o Colônia Fest fazem um roteiro, contam a história da Colônia e metade deste roteiro ocorre dentro da própria festa. Só uma agência já traz cerca de 30 - 40 turistas para dentro do evento.

A maior dificuldade mesmo de realizar eventos em periferias está na questão financeira. Este é um evento que recebe verba parlamentar e neste último ano da Secretaria de Relações Internacionais e alguns comércios locais que ajudam em forma de dinheiro para o evento acontecer. Mas como é um evento que supre uma necessidade da região, por ser um local afastado do centro, que não tem acesso à cultura, lazer e entretenimento... é tudo muito difícil... Então ter 3 dias de festa é tentar trazer o máximo possível para a população local e a gente percebe que se tivéssemos mais estrutura, mais financiamento, conseguiríamos aumentar esse evento e disponibilizar para mais pessoas no território, para que as pessoas tenham acesso à música, à parte cultural e artística, à culinária. Então a parte financeira ajudaria muito o evento. Também temos uma dificuldade com o espaço, para aumentar o evento... e que o território entenda que é um evento que traz para a população entretenimento, lazer, cultura, artesanato, esporte e agora o turismo ... promovendo uma geração de renda. Isso é algo que queremos, cada vez mais, passar à população.

Anexo 10

Entrevista com William - Meninos da Billings⁷⁰

G: Se você puder se apresentar, falar seu nome e um pouco da sua profissão. Contar um pouco quem são os Meninos da Billings. (falar sobre a história de vocês mesmo) Pode falar também dos outros projetos que vocês desenvolvem também!

W: Meu nome é William, tenho 37 anos morador do bairro do lago azul-Grajaú tenho emprego fixo na área de segurança e nas horas vagas eu sou jardineiro, professor de educação ambiental e marinho auxiliar...eu conheci o Meninos da Billings em 2015 numa ação de plantio de mudas no bairro que moro como eu já fazia trabalho voluntário entrei pra equipe de colaboradores,o Meninos da Billings é uma associação de turismo de base comunitária que visa o impacto ambiental e turístico na região do Grajaú nossas ações são todas em prol comunidade...realizamos várias ações principalmente na área náutica como o turismo na represa billings e a Ecoprancha que é uma prancha de stand up paddle feita com garrafas pet coletadas às margens da represa visando diminuir o impacto ambiental e fornecendo uma ferramenta para a prática de esporte.

G: Como vocês ficaram sabendo do Polo de Ecoturismo? E como o Polo tem influenciado no trabalho de vocês?

W: O Polo sempre parceiro nas ações já temos conhecimento há muitos anos e tem sido um braço muito forte no turismo nos seus diversos segmentos atraindo muitos turistas para a região essa troca de conhecimento nos ajuda bastante.

G: Qual o perfil dos turistas que mais procuram vocês? (Se são famílias, amigos) e como eles conhecem vocês? (Se é pelas redes sociais, indicação de amigos ou qualquer outra coisa)

W: Atendemos todos os perfis, temos programações diversas para todos os gostos, mas os principais grupos que nos procuram são os grupos escolares em geral e famílias...a divulgação se dá principalmente pelas redes sociais e indicações de pessoas que já participaram de alguma ação.

G: Você tem percebido que o Polo de Ecoturismo têm produzido desenvolvimento econômico na região em que atua? Ou ainda não?

W: Sim...o trabalho do Polo em parceria com os grupos da região tem atraído mais turistas melhorando nossa imagem e trazendo capital melhorando a vida de quem trabalha com turismo.

G: Quais as maiores dificuldades que vocês encontram para desenvolver o trabalho de vocês?

W: Infelizmente o preconceito ainda atrapalha um pouco, pois os roteiros criados para os turistas passam por regiões periféricas e aquele estigma de marginalidade ainda assusta muitas pessoas.

G: Como é a relação de vocês com o poder público? Existe um bom diálogo, contato? Ou é uma situação meio complicada, "fechada"?

W: O poder público tem ciência das nossas ações existem várias parcerias recebemos de certa forma ajuda para que o nosso trabalho seja feito e apoiado pelo poder público mas dependendo da gestão atual esse apoio pode ser maior ou menor.

G: Agradeço demais pelas respostas!

⁷⁰ Essa entrevista foi realizada de forma assíncrona, devido à disponibilidade do entrevistado.

W: Imagina, o que precisar, só chamar.

Anexo 11

Entrevista com Lucas Duarte - Agência Toca da Onça e Jardineira⁷¹

Oi Lucas, boa noite! Seguem as perguntinhas:

1 - Se você puder se identificar, falar um pouco da sua formação e como chegou a trabalhar com o turismo.

Sou Lucas Duarte, trabalho na área de turismo desde 2010 quando eu entrei como monitor recreacionista na pousada Silcol. Na época eu iria fazer 18 anos e ali eu conheci a educação ambiental, um dos trabalhos da pousada, além da diversão e brincadeiras. Fazíamos uma gincana ecológica, um processo mesmo de educação ambiental com o lúdico, utilizando do lúdico como instrumento pedagógico. Acabei gostando muito disso e me identifiquei muito com educação ambiental. Fiquei ali por 10 anos até o início de 2020, já tendo a Agência Toca da Onça e nisso iniciei meu processo de formação, fui fazer alguns cursos na área de turismo rural, fiz gestão ambiental na Universidade de Santo Amaro - UNISA. E fui entendendo um pouco mais a área de turismo, com pequenos cursos e formações e na graduação fiz gestão ambiental. Mas recentemente durante a pandemia eu fiz o curso técnico de guia de turismo pela Etec Carlos de Campos no formato EAD por conta da pandemia, mesmo sendo um curso presencial.

Dentro da pousada fui descobrindo novas possibilidades e assim que cheguei no turismo.

Na época a Silcol, além de oferecer ali o day use, eles tinham 4 roteiros de educação ambiental: na cachoeira do sagui, na fazenda do japonês, na piscicultura e na aldeia. Que eram 4 eixos educativos que as escolas sempre procuravam; alimentação, produção agrícola, água e cultura indígena. E aí que foi que percebi o que queria fazer, e esse foi o meu primeiro contato com ecoturismo mais forte. Comecei a estudar e vi que tinha sentido aquilo, não entendia como as pessoas viriam para o meu dia a dia, mas aí comecei a entender e consegui enxergar como uma possibilidade de renda.

2 - Comente um pouco sobre a formação do Polo de Ecoturismo. De onde veio essa ideia de levar o turismo para a Zona Sul de São Paulo?

Em 2013 com a discussão da lei do Polo, com a gestão Haddad em 2014-2018, já tinha uma discussão sobre o polo de ecoturismo, na época com o vereador Alfredinho que é o autor da lei né, mas sempre teve uma movimentação forte na sociedade civil aqui. O Roberto Carlos, que é o proprietário da Silcol, me chamou para abrir a Agência Toca da Onça, nós somos sócios na agência. Eu trabalhei na Silcol até 2020 mas acabei me desligando para ficar só na Toca da Onça.

⁷¹ Essa entrevista foi realizada de forma assíncrona, devido à disponibilidade do entrevistado.

3 - Você chegou a participar do processo de formação/implementação do Polo? Como se deu esse processo?

Particpei sim do processo de formação do Polo, ocorreram várias oficinas para formação, para escutar as demandas locais e ser criada a lei. Posteriormente, teve o mesmo processo para o criar um Plano de Desenvolvimento de Turismo Sustentável, está online esse Plano. O processo do polo se deu muito com participação civil, né? Foi uma escuta de Alfredinho ao apelo da AMTECI, a associação de empresários locais, hoje presidida por Sol Dias. E já tinha uma proximidade muito grande do Alfredinho com o Roberto Carlos e com o Vando que é vice-presidente e fundadores da AMTECI. Ele sempre teve esse trabalho de articulação política, para políticas públicas. Então ele consegue a lei do Polo... lógico, a região também tinha que atender critérios técnicos e atendia... E aí a gente conseguiu sensibilizar o prefeito, realizando umas visitas na região. Posteriormente, essa lei foi replicada lá na Cantareira. Mas a ideia sempre foi fortalecer a cadeia produtiva do turismo visando um desenvolvimento sustentável no âmbito sócio ambiental. Então isso já era previsto na lei da APA Capivari-Monos lá em 2001, no caderno do Plano de Manejo você vê que é necessário ter uma legislação específica para reger o turismo na região. Então, já fazia parte da lei e o que a gente fez foi fazer essa lei ser cumprida e acontecer com muita articulação na sociedade civil com destaque para AMTECI.

4 - Comente um pouco da história da agência Toca da Onça e da Jardineira.

A Jardineira surgiu em 2016, numa parceria com a Transbat, uma empresa de transporte que tinha ônibus escolares na região. Então levamos a ideia da jardineira para ela, para solucionar um problema de deslocamento no território rápido, agradável e que conecte o máximo de parceiros. Isso nasceu no âmbito de ecoturismo solidário e foi constituído neste mesmo ano, através de oficinas da UNISOL Brasil e isso veio junto com a lei de criação do Polo. A gente precisava de alguma coisa que conectasse esses territórios, esses empreendimentos e daí nasceu a jardineira, uma ideia que o Transbrat comprou e, posteriormente, adquirimos a Jardineira da Transat, mais recentemente. Estamos pagando ainda, pelo menos tentando.

5 - Como as pessoas ficam sabendo da Toca da Onça/ Jardineira? Qual o principal público que busca os serviços de vocês e geralmente para qual destino? (ou tipo de passeio, seja náutico, trilhas, clubes, etc)

Nosso principal meio de comunicação é a internet para esse produto, a Jardineira. A gente utiliza bastante panfletagem também, né? Muita venda direta pros grupos pedagógicos pela Agência Toca da Onça, sendo o principal público. Apesar de que por necessidade tanto nossa, quanto local, a gente acabou abraçando outros públicos: famílias, grupo de amigos, trilheiros e ecoturistas. Então a gente vende produtos de eco aventura, turismo rural e a Jardineira. Mas o nosso grande feijão com arroz é o corporativo no que diz respeito ao público estudantil, uma negociação direto com a escola, uma outra instituição.

6 - Quais as principais dificuldades que vocês mais enfrentam para desenvolver o trabalho de vocês? Você sente que a população local tem buscado os locais turísticos na região? Ou tem sido mais pessoas que moram em outras localidades? Se sim, saberia me dizer um possível motivo?

A principal dificuldade ainda é a divulgação, é um território pouco conhecido, mas vem ocorrendo um trabalho interessante com muito apoio da SPTURIS, que agora vai passar por um novo inventário turístico, melhorias do site e o novo guia. Então vamos começar um trabalho de maior divulgação e também conseguimos trazer uns eventos importantes que vão vincular a região também com a base, junto da Secretaria de Relações Internacionais. Então hoje, a nossa maior dificuldade é essa. Hoje também temos poucos locais para alimentação e hospedagem na região, o que seria bom já que as pessoas consumiriam mais aqui. E a população que tem procurado a Jardineira ainda é um público muito local, inclusive é uma barreira que temos que romper para trazer gente de fora, mas isso passa por uma qualificação de outros empreendimentos que também é uma dificuldade, principalmente em turismo rural que é o que mais faz sentido para o público alvo da Jardineira, pois são famílias. Então esse é o nosso perfil: na Agência ecoturistas, trilheiros, aventureiros e escolas; já na jardineira principalmente famílias.